

O Inferno de Gabriel

Sylvain Reynard

Tradução de Ester Cortegano e Patrícia Xavier

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*In memoriam Maiiae.
Resurgam.*



*Dante e Virgilio attraversam o rio Estige.
Gravura de 1870 por Gustave Dore.*



Prólogo

Florença, 1283

O poeta parou logo a seguir à ponte e ficou a observar a jovem que se aproximava. Todo o movimento no mundo quase cessou quando ele viu aqueles grandes olhos escuros e o cabelo castanho, elegantemente encaracolado.

Ao princípio, não a reconheceu. A sua beleza era de cortar a respiração, o seu movimento, seguro e gracioso. E, no entanto, houve alguma coisa naquele rosto e silhueta que lhe fez lembrar a rapariga por quem se apaixonara tanto tempo antes. As vidas de ambos tinham tomado caminhos diferentes, e ele sempre pranteara a sua ausência, a ausência do seu anjo, da sua musa, da sua amada Beatriz. Sem ela, a vida fora solitária e pequenina.

Agora aparecia a sua bem-aventurança.

Quando a jovem se aproximou com as companheiras, ele curvou cabeça e tronco numa saudação cavalheiresca. Não tinha esperança de que a sua presença fosse reconhecida. Ela era, ao mesmo tempo, perfeita e intocável, um anjo de olhos castanhos com um vestido de um branco resplandecente, enquanto ele era mais velho, gasto e destituído de virtudes.

A mulher estava quase a ultrapassá-lo quando os olhos dele, lançados ao chão, captaram uma das suas chinelas — uma chinela que hesitou mesmo na sua frente. Com o coração a bater furiosamente, o poeta aguardou, sem fôlego. Uma voz suave e gentil penetrou as suas recordações, quando ela lhe falou gentilmente. Os seus olhos atemorizados voaram para os dela. Durante anos e anos, ansiara por aquele momento, sonhara, até, com ele, mas nunca tinha imaginado encontrá-la daquela forma tão inesperada. E nunca ousara esperar ser cumprimentado com tanta doçura.

Apanhado desprevenido, balbuciou as suas graças e permitiu-se a indulgência de um sorriso — um sorriso que lhe foi retribuído dez vezes mais

pela sua musa. Sentiu o coração inchar dentro de si quando o amor que por ela sentia se multiplicou e o queimou, como um inferno, no seu peito.

Infelizmente, a conversa foi demasiado breve, antes de ela declarar que precisava de partir. O poeta fez-lhe uma vénia antes de a ver partir apressadamente, e depois endireitou-se para olhar para a sua figura em retirada. A alegria experimentada pelo encontro foi temperada por uma emergente tristeza, ao perguntar-se se alguma vez a voltaria a ver. . .

Capítulo Um

— **M**enina Mitchell?
A voz do professor Gabriel Emerson atravessou a sala de seminário até alcançar a atraente jovem de olhos castanhos sentada ao fundo. Perdida em pensamentos, ou perdida na tradução, estava de cabeça baixa a escrever furiosamente no seu caderno.

Dez pares de olhos viraram-se para ela, para o rosto pálido de longas pestanas, os finos dedos brancos agarrados à caneta. Depois, dez pares de olhos regressaram ao professor, que ficara perfeitamente imóvel e começara a franzir o sobrolho. A sua pose contundente contrastava fortemente com a simetria geral das suas feições, com os olhos grandes e expressivos, a boca cheia. Era rudemente atraente, mas, naquele momento, a azeda severidade estampada no rosto arruinava o efeito, de um modo geral, agradável da sua aparência.

— *Cof, cof.* — Uma tosse modesta à direita da rapariga captou a sua atenção. Surpreendida, ergueu o olhar para o homem de ombros largos sentado ao seu lado. Ele sorriu e fez sinal com os olhos para a frente da sala, onde estava o professor.

Ela seguiu o seu olhar, lentamente, e viu um par de olhos azuis perfurantes e zangados. Engoliu ruidosamente em seco.

— Estou à espera de uma resposta à minha pergunta, menina Mitchell. *Se quiser fazer o favor de se juntar a nós.* — A voz era glacial, tal como os olhos.

Os outros estudantes remexeram-se nas cadeiras e olharam furtivamente uns para os outros. As suas expressões diziam *o que foi que lhe deu?* Mas não disseram nada. (Pois é do conhecimento comum que os alunos de pós-graduação são avessos a confrontar os seus professores com respeito a qualquer assunto, quanto mais a um comportamento indelicado.)

A jovem abriu a boca ligeiramente e depois fechou-a, presa por aqueles olhos azuis que não pestanejavam, e os seus próprios olhos pareciam os de uma coelha assustada.

— A sua língua materna é o inglês? — troçou ele.

Uma mulher de cabelo preto sentada à direita do professor tentou abafar uma gargalhada, disfarçando-a com um acesso de tosse muito pouco convincente. Todos os olhos se voltaram para a coelha assustada, cuja pele explodiu em carmesim quando ela baixou a cabeça, escapando finalmente ao olhar fixo do professor.

— Uma vez que a menina Mitchell parece estar a frequentar um seminário paralelo numa língua diferente, talvez alguém possa ter a gentileza de responder à minha pergunta?

A beldade à sua direita estava ansiosa por isso. Voltou-se de frente para ele e fez um sorriso radiante enquanto respondia à pergunta com grandes pormenores, exibindo-se com largos gestos enquanto citava Dante no seu italiano original. Quando terminou, sorriu acidamente para o fundo da sala, depois ergueu de novo o olhar para o professor e suspirou. A única coisa que faltou à sua atuação foi saltar rapidamente para o chão e esfregar as costas à perna dele, para lhe mostrar que seria o seu animal de estimação para sempre. (Não que ele tivesse apreciado um tal gesto.)

O professor franziu ligeiramente o sobrolho para ninguém em particular e virou as costas para escrever no quadro. A coelha assustada pestanejou para ocultar as lágrimas enquanto continuava a escrever, mas, felizmente, não chorou.

Alguns minutos mais tarde, enquanto o professor continuava a arengar sobre o conflito entre os guelfos e os gibelinos, um pequeno quadrado de papel dobrado apareceu em cima do dicionário de italiano da coelha assustada. Ao princípio, ela não reparou, mas, mais uma vez, um tossicar suave atraiu a sua atenção para o homem atraente ao seu lado. Ele sorriu mais abertamente, desta vez, quase com ansiedade, e o seu olhar indicou o papel.

Ela viu-o e pestanejou. Olhando cuidadosamente para as costas do professor, que desenhava círculos intermináveis em volta de intermináveis palavras italianas, baixou o papel para o colo enquanto o desdobrava em silêncio.

O Emerson é um imbecil.

Ninguém poderia ter reparado porque ninguém estava a olhar para ela, exceto o homem ao seu lado. Assim que leu aquelas palavras, um tipo diferente de rubor surgiu-lhe no rosto, duas nuvens rosadas na curva das faces, e ela sorriu. Não o suficiente para mostrar os dentes, ou a sugestão

de umas covinhas, ou mesmo uma ou duas rugas de expressão, mas um sorriso, de qualquer maneira.

Ergueu os grandes olhos para o homem ao seu lado e encarou-o timidamente. Um enorme sorriso amigável espalhou-se pelo rosto dele.

— Achou graça a alguma coisa, menina Mitchell?

Os olhos castanhos dilataram-se de terror. O sorriso do seu novo amigo desapareceu rapidamente, enquanto ele se voltava para olhar para o professor.

A jovem sabia que era melhor não voltar a fixar aqueles frios olhos azuis. Em vez disso, baixou a cabeça e começou a atormentar o lábio inferior entre os dentes, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

— A culpa foi minha, professor. Estava só a perguntar em que página íamos — intercedeu o homem simpático a seu favor.

— Não propriamente uma pergunta adequada para um estudante de doutoramento, Paul. Mas, uma vez que pergunta, começámos com o primeiro canto. Creio que o conseguirá encontrar sem a ajuda da menina Mitchell. Ah, e, menina Mitchell?

O rabo-de-cavalo da coelha assustada tremia ligeiramente quando ela ergueu o olhar.

— Venha ao meu gabinete depois da aula.

Capítulo Dois

No final do seminário, Julia Mitchell enfiou à pressa o pedaço de papel dobrado que deixara no colo dentro do dicionário de italiano, debaixo da entrada *asino*.

— Peço desculpa pelo que aconteceu. Chamo-me Paul Norris. — O homem simpático estendeu a grande mão sobre a mesa. Julia apertou-lha suavemente, e ele maravilhou-se com a pequenez da mão dela em comparação com a sua. Poderia magoá-la só por fechar a mão.

— Olá, Paul. Sou a Julia. Julia Mitchell.

— Prazer em conhecer-te, Julia. Lamento que tenha sido tão estúpido, “O Professor”. Não sei o que foi que lhe deu. — Paul atribuiu a Emerson o seu título preferido com uma boa dose de sarcasmo.

Ela corou ligeiramente e voltou-se para os seus livros.

— És nova aqui? — persistiu Paul, inclinando um pouco a cabeça, como se estivesse a tentar captar o olhar dela.

— Acabei de chegar. Da universidade Saint Joseph.

Ele anuiu, como se isso lhe dissesse alguma coisa.

— E estás aqui a fazer o mestrado?

— Sim. — Ela fez um aceno com a cabeça na direção da sala de seminário agora vazia. — Não deve ter parecido, mas, supostamente, estou a fazer uma especialização em Dante.

Paul assobiou entre os dentes.

— Então estás aqui por causa do Emerson?

Julia anuiu e ele reparou que as veias no seu pescoço começavam a pulsar ligeiramente, à medida que o seu coração se acelerava. Uma vez que não conseguia encontrar uma explicação para esta reação, ignorou-a. Mas lembrar-se-ia dela mais tarde.

— É difícil trabalhar com ele, por isso não tem muitos alunos. Eu estou

a escrever a minha dissertação com ele, e há também a Christa Peterson, que já conheces.

— Christa? — Ela fez-lhe um olhar interrogativo.

— A cabra ali da frente. Também está a fazer o doutoramento, mas o seu objetivo é ser a futura senhora Emerson. Só agora começou o programa e já lhe anda a fazer bolinhos, a passar pelo gabinete dele, a deixar-lhe mensagens telefónicas. É inacreditável.

Julia anuiu de novo, mas não disse nada.

— A Christa parece não se ter apercebido da política estritamente não-confraternização estabelecida pela universidade de Toronto. — Paul revirou os olhos e foi recompensado com um sorriso muito bonito. Disse a si mesmo que teria de fazer com que Julia Mitchell sorrisse mais vezes. Mas isso teria de ser adiado, por enquanto.

— É melhor ires embora. Ele queria falar contigo depois da aula, e já deve estar à espera.

Julia enfiou rapidamente as suas coisas numa velha mochila *L.L. Bean* que usava desde os tempos de caloiria na faculdade.

— Humm, não sei onde é o gabinete dele.

— Vira à esquerda à saída da sala de seminário, depois outra vez à esquerda. Ele tem o gabinete de canto ao fundo do corredor. Boa sorte, e vejo-te na próxima aula, se não antes.

Ela fez-lhe um sorriso agradecido e saiu da sala de seminário.

Ao dobrar a esquina, viu que a porta do gabinete d'O Professor estava entreaberta. Parou nervosamente à entrada e ficou a pensar se deveria bater primeiro ou enfiar a cabeça pela abertura. Depois de um momento de deliberação, optou pela primeira hipótese. Endireitando os ombros, respirou fundo e encostou os nós dos dedos à porta de madeira. Foi nesse momento que o ouviu.

— Desculpa lá por não te ter ligado. Estava no meu seminário! — bradou uma voz zangada que lhe era agora demasiado familiar. Fez-se um breve silêncio antes de ele continuar. — Porque é o primeiro seminário do ano, idiota, e porque na última vez que falei com ela disse-me que estava bem!

Julia recuou de imediato. Ele parecia estar ao telefone, a gritar. Não queria ouvi-lo gritar com ela, por isso decidiu fugir e lidar com as consequências mais tarde. Mas um soluço estarrecedor soltou-se da garganta dele e assaltou-lhe os ouvidos. E disso não conseguiu fugir.

— Claro que eu queria lá estar! Eu amava-a. Claro que queria lá estar. — Outro soluço emergiu do outro lado da porta. — Não sei a que horas chego. Diz-lhes que vou a caminho. Vou diretamente para o aeroporto e apanho um avião, mas não sei que voo vou conseguir apanhar mesmo em cima da hora.

Uma pausa.

— Eu sei. Diz-lhes que lamento. Lamento muito... — A voz dele desvaneceu-se num suave grito trémulo, e Julia ouviu-o desligar o telefone.

Sem ponderar as suas ações, Julia espreitou cuidadosamente pela porta.

O homem de trinta e poucos anos segurava a cabeça entre as mãos de dedos longos, com os cotovelos sobre a secretária, e chorava. Ela viu os seus ombros largos tremerem. Ouviu a angústia e a dor que lhe rasgavam o peito. E sentiu compaixão.

Queria ir ao seu encontro, oferecer-lhe condolências e conforto, e pôr os braços em volta do seu pescoço. Queria afagar-lhe o cabelo e dizer-lhe que lamentava. Imaginou brevemente como seria limpar lágrimas daqueles expressivos olhos cor de safira e vê-los olhá-la com bondade. Pensou dar-lhe um suave beijo no rosto, só para lhe demonstrar a sua simpatia.

Mas vê-lo chorar como se tivesse o coração destroçado fê-la gelar momentaneamente, por isso não fez nenhuma dessas coisas. Quando, finalmente, percebeu onde estava, desapareceu num ápice pela porta, puxou às cegas um pedaço de papel da sua mochila e escreveu:

**Lamento muito.
Julia Mitchell.**

Depois, sem saber muito bem o que fazer, colocou o papel contra a ombreira, prendendo-o ali quando fechou silenciosamente a porta do gabinete.

A timidez de Julia não era a sua principal característica. A sua melhor qualidade, aquela que a definia, era a compaixão, um traço que não herdara de nenhum dos progenitores. O pai, que era um homem decente, tendia a ser rígido e inflexível. A mãe, já falecida, não fora compassiva em nenhum sentido, nem sequer para a sua única filha.

Tom Mitchell era um homem de poucas palavras, mas era bem conhecido e genericamente apreciado. Era guarda na universidade de Susquehanna e comandante dos bombeiros de Selinsgrove, na Pensilvânia. Uma vez que o quartel era inteiramente constituído por voluntários, todos os bombeiros estavam de serviço a toda a hora. Ele desempenhava este papel com orgulho e muita dedicação, o que significava que raramente estava em casa, mesmo quando não estava a responder a nenhuma emergência. Na noite do primeiro seminário de Julia, ligou-lhe do quartel dos bombeiros, satisfeito por ela ter finalmente decidido atender o telemóvel.

— Como estão as coisas por aí, Jules? — A sua voz, desprovida de sentimentalismo mas reconfortante, de qualquer maneira, aqueceu-a como um cobertor.

Ela suspirou.

— Tudo bem. O primeiro dia foi... interessante, mas tudo bem.

— Esses canadianos tratam-te bem?

— Ah, sim. São todos muito simpáticos. — *Os americanos é que são filhos da mãe. Bem, um americano.*

Tom pigarreou uma ou duas vezes, e Julia conteve a respiração. Sabia, pelos anos de experiência, que ele se preparava para lhe dizer alguma coisa séria. Perguntou-se o que seria.

— Querida, a Grace Clark faleceu hoje.

Julia endireitou-se na sua cama e olhou em frente.

— Ouviste o que eu disse?

— Sim. Sim, ouvi.

— O cancro regressou. Eles pensavam que ela estava melhor. Mas o cancro regressou e, quando descobriram, já lhe tinha apanhado os ossos e o fígado. O Richard e os miúdos estão muito abalados.

Julia mordeu o lábio e conteve um soluço.

— Eu sabia que ia ser difícil para ti. Ela foi como uma mãe, e a Rachel era muito tua amiga na escola secundária. Tens falado com ela?

— Eeh, não. Não, não tenho. Porque é que ela não me disse nada?

— Não sei bem quando foi que descobriram que a Grace estava outra vez doente. Passei há pouco pela casa para ver como estava toda a gente, e o Gabriel nem sequer lá estava. Isso tem criado um grande problema. Não sei o que ele vai encontrar quando chegar. Há muito ressentimento naquela família. — Tom praguejou suavemente.

— Estás a pensar enviar flores?

— Acho que sim. Não sou lá muito bom nesse tipo de coisas, mas posso pedir ajuda à Deb.

Deb Lundy era namorada de Tom. Julia revirou os olhos à menção do nome dela, mas guardou para si a reação negativa.

— Por favor, pede-lhe para enviar qualquer coisa em meu nome. A Grace adorava gardénias. E pede à Deb para assinar o cartão por mim.

— Não me esqueço. Precisas de alguma coisa?

— Não, está tudo bem.

— Precisas de dinheiro?

— Não, papá. Com a bolsa de estudo, tenho o suficiente para viver, se for cuidadosa.

Tom fez uma pausa e, mesmo antes de abrir a boca, ela soube o que o pai ia dizer.

— Tenho muita pena. A história de Harvard. Talvez para o ano.

Julia endireitou os ombros e obrigou-se a sorrir, mesmo que o pai não a pudesse ver.

— Talvez. Depois falo contigo.

— Adeus, querida.

Na manhã seguinte, Julia caminhou um pouco mais devagar no seu percurso para a universidade, usando o *iPod* como ruído de fundo. Na sua cabeça, compôs um *e-mail* de condolências e desculpas a Rachel, e ia escrevendo e rescrevendo enquanto andava.

A brisa de setembro era quente, em Toronto, tal como preferia. Ela gostava de estar perto do lago. Gostava da luz do Sol e da simpatia das pessoas. Gostava das ruas limpas, sem lixo no chão. Gostava do facto de estar em Toronto e não em Selinsgrove ou Filadélfia — de estar a centenas de quilómetros *dele*. Só esperava poder continuar assim.

Estava ainda a escrever mentalmente o *e-mail* a Rachel quando entrou no Departamento de Estudos Italianos para ver a sua caixa de correio. Alguém tocou-lhe no cotovelo e desviou-se da sua periferia.

Ela removeu os auriculares.

— Paul... olá.

Ele sorriu-lhe, do alto da sua estatura. Julia era baixinha, especialmente de ténis, e o topo da cabeça dela mal chegava à parte inferior dos seus peitorais.

— Como correu a tua reunião com o Emerson? — O sorriso dele desvaneceu-se, enquanto a olhava com preocupação.

A jovem mordeu o lábio, um hábito nervoso que queria deixar mas não conseguia, principalmente porque não era consciente.

— Mm, não correu.

Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Soltou um pequeno gemido.

— Isso... não é bom.

Julia tentou explicitar a situação.

— Ele tinha a porta do gabinete fechada. Acho que estava ao telefone... Não tenho a certeza. Por isso deixei-lhe um bilhete.

Paul reparou no nervosismo dela e na maneira como as suas sobrancelhas delicadamente arqueadas se uniram. Teve pena dela e amaldiçoou mentalmente O Professor por ter sido tão cáustico. Ela parecia magoar-se facilmente, e Emerson era indiferente à forma como a sua atitude afetava os alunos. Por isso, Paul resolveu ajudá-la.

— Se estava ao telefone, não devia querer ser interrompido. Vamos esperar que tenha sido isso que se passou. Se não, eu diria que puseste a tua vida em risco. — Endireitou-se e fletiu os braços descontraidamente. — Se

houver alguma repercussão, avisa-me, que eu vejo o que posso fazer. Se ele gritar comigo, eu aguento. Prefiro que não grite contigo. — *Porque, pelo teu aspeto, eras capaz de morrer com o choque, Coelha Assustada.*

Julia parecia querer dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio. Sorriu vagamente e fez um gesto de anuência, como que a agradecer. Depois dirigiu-se para as caixas de correio e esvaziou a sua.

Lixo, principalmente. Alguns anúncios do departamento, incluindo um relativo a uma conferência pública a ser feita pelo professor Gabriel O. Emerson intitulada *Luxúria no Inferno de Dante: O Pecado Mortal contra o Eu*. Julia leu o título várias vezes antes de o conseguir absorver no seu cérebro. Mas, uma vez absorvido, começou a cantarolar suavemente para si mesma.

Cantarolou quando reparou no segundo anúncio, que mencionava que a conferência do professor Emerson fora cancelada e adiada para data posterior. E cantarolou quando reparou num terceiro anúncio, que declarava que todos os seminários, compromissos e reuniões do professor Emerson tinham sido cancelados até nova informação.

E continuou a cantarolar enquanto retirava do fundo da sua caixa um pequeno quadrado de papel. Desdobrou-o e leu:

**Lamento muito.
Julia Mitchell.**

Continuou a cantarolar enquanto pensava no significado de encontrar o seu bilhete na caixa de correio um dia depois de o deixar à porta do professor Emerson. Mas o seu canto finalmente parou, tal como o seu coração, quando virou o papel e leu o seguinte:

O Emerson é um imbecil.

Capítulo Três

Tempos houvera em que, em reação a um evento tão embaraçoso, Julia teria caído no chão, em posição fetal, possivelmente ficado ali para sempre. Mas, aos vinte e três anos, já era feita de um material mais forte. Por isso, em vez de ficar na frente das caixas do correio a pensar como a sua curta carreira acadêmica acabara de ser reduzida a uma pilha de cinzas aos seus pés, terminou rapidamente o que tinha a fazer na universidade e voltou para casa. Pondo de lado todos os pensamentos a respeito da carreira, Julia fez quatro coisas.

Primeiro, foi buscar algum dinheiro do seu fundo para emergências, que estava convenientemente localizado numa caixa *Tupperware* debaixo da cama.

Segundo, dirigiu-se para a loja de bebidas alcoólicas mais próxima e comprou uma garrafa muito grande de uma tequila muito barata.

Terceiro, foi para casa e escreveu um longo e apologético *e-mail* de condolências a Rachel. Propositadamente, escusou-se a mencionar onde vivia e o que estava a fazer, e enviou o *e-mail* da sua conta no Gmail, não da da universidade.

Quarto, foi às compras. A quarta atividade tinha apenas como intenção prestar um tributo, um tributo piegas e algo pesaroso, tanto a Rachel como a Grace, já que ambas adoravam coisas luxuosas, enquanto Julia era, na realidade, demasiado pobre para compras.

Julia não tinha dinheiro para compras quando fora viver para Selinsgrove e conhecera Rachel, no penúltimo ano na secundária. Julia mal tinha dinheiro para compras agora, quando vivia de uma magra bolsa de mestrado, sem a elegibilidade para trabalhar fora da universidade para complementar o seu rendimento. Como americana com um visto de estudante, a sua empregabilidade era limitada.

Enquanto passeava lentamente pelas lindas montras na Bloor Street, pensou na velha amiga e na mãe emprestada. Parou à frente da loja da *Prada*, recordando a primeira e única vez que Rachel a levava às compras a sapatarias *couture*. Julia ainda tinha aqueles sapatos de salto alto da *Prada* enfiados numa caixa de sapatos ao fundo do seu roupeiro. Só tinham sido usados uma vez, na noite em que descobrira que fora traída, e, embora tivesse adorado destruí-los como destruíra o seu vestido, não conseguira. Rachel comprara-lhos como presente de regresso a casa, embora não tivesse feito ideia daquilo para o que Julia estava realmente a regressar.

Depois Julia parou, pelo que lhe pareceu uma eternidade, em frente da loja *Chanel* e chorou ao recordar Grace. A forma como recebia Julia com um sorriso e um abraço sempre que ela ia lá a casa. A forma como, quando a mãe de Julia morrera em circunstâncias trágicas, Grace lhe dissera que a adorava e que adoraria ser sua mãe, se ela deixasse. Como Grace fora para ela uma melhor mãe do que Sharon alguma vez fora, para vergonha de Sharon e embaraço de Julia.

E quando todas as lágrimas se acabaram e as lojas tinham fechado para a noite, Julia regressou lentamente para o seu apartamento e começou a castigar-se por ter sido tão má filha emprestada, uma péssima amiga e uma fedelha insensível, que não pensava em verificar um papel para ver se estava em branco antes de o deixar, com a sua assinatura, a alguém cuja mãe adorada acabara de morrer.

O que lhe teria passado pela cabeça quando encontrou o bilhete? Encorajada por um, ou dois, ou três shots de tequila, Julia permitiu-se fazer algumas perguntas simples. E o que deve pensar ele agora de mim?

Considerou a hipótese de arrumar todos os seus pertences e apanhar uma camioneta *Greyhound* para Selinsgrove, só para não ter de o encarar. Envergonhava-se de não ter percebido que era de Grace que o professor Emerson estava a falar ao telefone naquele terrível dia. Mas nem sequer contemplara a possibilidade de o cancro de Grace ter regressado, quanto mais que tivesse morrido. E Julia ficara tão perturbada por ter começado da pior maneira com O Professor. A sua hostilidade era chocante. Mas mais chocante ainda era o seu rosto enquanto chorava. A única coisa em que pensara naquele terrível momento fora reconfortá-lo, e esse pensamento distraíra-a, não a deixara pensar na fonte daquela dor.

Não lhe bastara ficar de coração dilacerado por saber da morte de Grace, sem ter tido oportunidade de se despedir ou de lhe dizer que a amava. Não lhe bastara que alguém, provavelmente o seu irmão Scott, o tivesse massacrado por não ter ido a casa. Não, depois de ter sido destruído pela dor e de chorar como uma criança, tivera a maravilhosa experiência de

abrir a porta do gabinete para se escapar para o aeroporto e encontrar o seu bilhete de consolação. Com o que Paul escrevera do outro lado.

Maravilhoso.

Julia estava surpreendida por O Professor não a ter posto fora do programa de imediato. *Talvez se lembre de mim.* Mais um *shot* de tequila permitiu que Julia formulasse aquele pensamento e depois não formulasse mais nenhum, pois desmaiou no chão.

Duas semanas mais tarde, Julia já se sentia ligeiramente melhor, quando foi ver a sua caixa do correio no departamento. Sim, era como se estivesse a aguardar no corredor da morte, sem esperança de comutação. Não, não desistira do curso nem fora para casa.

Era verdade que corava como uma menina de escola e era dolorosamente tímida. Mas Julia era teimosa. Era obstinada. E queria muito estudar Dante, e se isso significasse invocar um coconspirador para poder escapar à pena de morte, estava disposta a fazê-lo.

Só não revelara esse facto a Paul. Ainda.

— Julianne? Pode vir aqui por um minuto? — chamou a senhora Jenkins, a velha e amorosa assistente administrativa, da sua secretária.

Julia aproximou-se obedientemente.

— Teve alguma espécie de problema com o professor Emerson?

— Eu... mmm... não sei. — Corou e começou a morder ferozmente o interior da bochecha.

— Recebi, esta manhã, dois *e-mails* urgentes a pedir-me para marcar uma reunião consigo assim que ele regresse. Nunca faço isto para os professores. Eles preferem marcar as suas próprias reuniões. Mas, por alguma razão, ele insistiu que eu marcasse uma reunião consigo e documentasse a marcação no seu processo.

Julia fez um aceno com a cabeça e removeu a agenda da sua mochila, tendo de fazer um esforço para não se pôr a imaginar as coisas que ele teria dito a seu respeito nos *e-mails*.

A senhora Jenkins olhou-a, à espera.

— Então, pode ser amanhã?

Julia sentiu cair-lhe o coração aos pés.

— Amanhã?

— Ele chega esta noite e quer encontrar-se consigo amanhã, às quatro da tarde, no seu gabinete. Pode ir lá ter? Tenho de lhe responder ao *e-mail* a confirmar.

Julia fez um aceno de assentimento e anotou a reunião na sua agenda, fingindo que essa notação era necessária.

— Não disse de que se tratava, mas mencionou que era um assunto sério. O que quererá dizer com isso... — A senhora Jenkins calou-se, com um ar ausente.

Julia concluiu o que tinha a fazer na universidade e voltou para casa para fazer as malas, com a ajuda da *Señorita* Tequila.

Na manhã seguinte, a maior parte das roupas de Julia estava já arrumada em duas grandes malas. Não disposta a admitir a derrota para si mesma (nem para a tequila), decidiu não arrumar tudo, e, por conseguinte, deu por si a brincar ansiosamente com os próprios polegares e a precisar grandemente de uma distração. Por isso fez a única coisa que qualquer estudante de mestrado com autoestima e tendência para a procrastinação faria numa tal situação, para além de beber e ir para a borga com outros estudantes com tendência para a procrastinação — limpou o seu apartamento.

Não precisou de muito tempo. Quando terminou, estava tudo na mais perfeita ordem, com um ligeiro perfume a limão e escrupulosamente limpo. Julia ficou mais do que um pouco orgulhosa do seu feito, e arrumou a mochila, de cabeça bem erguida.

Entretanto, o professor Emerson andava furibundo pelos corredores do departamento, a deixar tanto alunos como os colegas da faculdade em parafuso, na sua esteira. Estava com um péssimo feitio, e ninguém tinha coragem para gracejar com ele.

Já tinha andado de mau humor nos últimos dias, mas a sua disposição intratável fora exacerbada pela tensão e a falta de sono. Fora amaldiçoado pelos deuses da *Air Canada* e, conseqüentemente, ficara sentado ao lado de um pai e o seu filho de dois anos no seu voo de regresso de Filadélfia. A criança gritara, e urinara-se (e ao professor Emerson), enquanto o pai dormia pesadamente. Na penumbra do avião, o professor Emerson refletira na justiça de o governo instituir a esterilização compulsiva de pais negligentes, enquanto limpava a urina das suas calças *Armani*.

Julia chegou atempadamente para a sua reunião das quatro horas com o professor Emerson e ficou encantada ao descobrir que a porta estava fechada. O encanto abandonou-a rapidamente quando percebeu que O Professor estava lá dentro a rosnar com Paul.

Quando este emergiu, dez minutos mais tarde, ainda no alto do seu metro e noventa mas visivelmente abalado, os olhos de Julia dardejaram para a saída de emergência. Cinco passos e estaria livre, do outro lado da porta, a correr para escapar à polícia por ter ativado ilegalmente um alarme de incêndio. Parecia uma proposta tentadora.

O seu olhar cruzou-se com o de Paul, que abanou a cabeça, desenhou

com a boca alguns expletivos escolhidos acerca d'O Professor, antes de sorrir.

— Queres vir beber um café comigo um dia destes?

Julia olhou-o, surpreendida. Já estava a funcionar mal por causa da reunião, por isso, sem pensar muito no assunto, concordou.

Ele sorriu e aproximou-se mais.

— Seria mais fácil se eu tivesse o teu número.

Ela corou e retirou rapidamente um pedaço de papel da mochila, verificou se estava em branco e escreveu à pressa o seu número de telemóvel.

Ele pegou no papel, olhou-o de relance, e deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Dá-lhe com força, Coelha.

Julia não teve tempo de lhe perguntar porque acharia ele que a sua alcuha era ou deveria ser Coelha, porque uma voz atraente mas impaciente estava já a chamá-la.

— Já, menina Mitchell.

Entrou no gabinete e parou, indecisa, mesmo junto à porta.

O professor Emerson parecia cansado. Tinha olheiras púrpura debaixo dos olhos e parecia muito pálido, o que, por alguma razão, o fazia parecer mais magro. Enquanto lia, concentrado, um documento, a ponta da sua língua percorreu lentamente o lábio inferior.

Julia ficou a olhar, hipnotizada por aquela boca sensual. Passado um momento, com um grande esforço, arrancou o olhar dos lábios dele para o fixar nos seus óculos. Não os tinha visto antes; talvez só os usasse quando sentia a vista cansada. Mas, nesse dia, os seus penetrantes olhos cor de safira estavam parcialmente encobertos por um par de óculos *Prada*. A armação preta contrastava vivamente com o castanho quente do seu cabelo e o azul dos seus olhos, tornando-os um ponto focal no seu rosto. Percebeu de imediato que não só nunca tinha visto um professor tão atraente como aquele, como também nunca encontrara um professor tão conscienciosamente bem vestido. Poderia figurar numa campanha publicitária da *Prada*, coisa que nenhum professor alguma vez fizera.

(Pois é preciso ser notado que os professores universitários não são geralmente admirados pelo seu sentido de estilo.)

Conhecia-o o suficiente para saber que ele era mercurial. Conhecia-o o suficiente para saber que era, pelo menos recentemente, um fanático da delicadeza e do decoro. Sabia que provavelmente não faria mal se se sentasse numa das suas confortáveis poltronas de pele sem ser convidada, em especial se o professor se recordasse dela. Mas, dada a forma como ele se lhe dirigira, ficou de pé.

— Sente-se, por favor, menina Mitchell. — A voz era fria e impiedosa,

e o professor apontou, em vez disso, para uma cadeira de metal com ar desconfortável.

Julia suspirou e dirigiu-se para a rígida cadeira do *Ikea* mesmo na frente de uma das gigantescas estantes de livros encastradas. Preferia ter recebido permissão para se sentar noutro sítio qualquer, mas optou por não discutir.

— Puxe a cadeira para a frente da minha secretária. Não quero ter de inclinar o pescoço para a ver.

Ela levantou-se e fez o que lhe fora ordenado, deixando cair nervosamente a mochila no chão. Estremeceu e corou dos pés à cabeça quando vários dos artigos mais pequenos que trazia no saco se espalharam pelo chão, incluindo um tampão que rebolou para debaixo da secretária do professor Emerson e parou a um centímetro da sua pasta de pele.

Talvez ele só repare depois de me ir embora.

Embaraçada, Julia agachou-se e começou a apanhar os outros artigos da sua mochila. Tinha acabado de o fazer quando a presilha do seu saco muito velho rebentou e tudo o que ela trazia consigo caiu ao chão com um sonoro estrondo. Ajoelhou-se rapidamente quando papéis, canetas, o seu *iPod*, telemóvel, e uma maçã verde se espalharam pelo chão e em cima do belo tapete persa d'O Professor.

Oh, deuses de todos os estudantes universitários e eternos trapalhões, matem-me já. Por favor.

— É alguma espécie de comediante, menina Mitchell?

A coluna de Julia endireitou-se com o sarcasmo, e ela ergueu rapidamente o olhar para o rosto do professor. O que viu quase a fez irromper em lágrimas.

Como podia alguém com um nome tão angelical ser tão cruel? Como podia uma voz tão melodiosa ser tão agreste? Ficou momentaneamente perdida nas geladas profundezas dos olhos dele, saudosa do tempo em que a tinham olhado com bondade. Mas, em vez de ceder ao desespero, respirou fundo e decidiu que era melhor habituar-se ao feitio que ele tinha agora, mesmo que se tratasse de um grave e doloroso desapontamento.

Em silêncio, abanou a cabeça e voltou a encher a sua mochila agora desmanchada.

— Quando faço uma pergunta, estou à espera de receber uma resposta. Já devia ter aprendido a sua lição, não acha? — Ele estudou-a rapidamente e depois voltou a olhar para o processo nas suas mãos. — Talvez não seja assim tão esperta.

— Peço desculpa, Dr. Emerson. — O som da voz de Julia surpreendeu-a até a si mesma. Era suave mas de aço. Não sabia bem de onde viera a sua coragem, mas agradeceu mudamente aos deuses dos estudantes universitários por terem vindo em seu auxílio... pelo sim, pelo não.

— Professor Emerson — corrigiu ele secamente. — Doutores há aos pontapés. Até os quiropráticos e quiropodistas se apelidam de “doutores”.

Suficientemente castigada, Julia tentou puxar o fecho da mochila rasgada. Infelizmente, o fecho agora também estava estragado. Conteve a respiração enquanto o puxava, tentando convencê-lo com mudas pragas a voltar à vida.

— Quer parar de mexer nessa ridícula abominação de saco e sentar-se numa cadeira, como um ser humano?

Julia percebeu que ele estava agora para além da fúria, por isso deixou a sua ridícula abominação no chão e sentou-se na cadeira desconfortável. Cruzou as mãos, só para as impedir de se contorcerem, e esperou.

— Deve julgar-se uma comediante. Tenho a certeza que acha isto engraçado. — Atirou um pedaço de papel que aterrou mesmo junto dos ténis da aluna.

Baixando-se para o apanhar, ela percebeu que era uma fotocópia da terrível nota que lhe deixara no dia em que Grace morrera.

— Eu posso explicar. Foi um engano. Não fui eu que escrevi os dois...

— Não estou interessado nas suas desculpas! Pedi-lhe que viesse à outra reunião e não veio, pois não?

— Mas estava ao telefone. A porta estava fechada e...

— A porta não estava fechada! — Ele atirou-lhe qualquer coisa que parecia um cartão de visita. — Suponho que isto também era para ter piada...

Julia pegou no objeto atirado e conteve a respiração. Era um pequeno cartão de condolências, do tipo que se envia com flores:

**Lamento muito a sua perda.
Aceite, por favor, os meus sentimentos.
Afetuosamente,
Julia Mitchell**

Ela ergueu o olhar e viu que ele estava praticamente a cuspir, de tão zangado. Pestanejou rapidamente, enquanto tentava encontrar as palavras para se explicar.

— Não é o que está a pensar. Eu queria dizer que lamentava e...

— Não o tinha já feito, com o bilhete que deixou?

— Mas este era para a sua família, que...

— Deixe a minha família fora disto! — Emerson virou o corpo para o outro lado, fechou os olhos e removeu os óculos para poder esfregar a cara com as duas mãos.

Julia fora arrancada do reino da surpresa e transportada diretamente para a terra dos atónitos. Ninguém lhe explicara. Ele entendera o seu cartão de uma forma completamente errada, e ninguém o esclarecera. Com uma sensação de náusea ao fundo do estômago, começou a pensar no que isso significava.

Alheio às suas cogitações, O Professor pareceu acalmar-se através de um esforço hercúleo, depois fechou o processo e deixou-o cair com desprezo em cima da sua secretária. Olhou-a ferozmente.

— Estou a ver que veio para cá com uma bolsa de estudo para estudar Dante. Atualmente sou o único professor neste departamento a orientar teses nesse campo. Uma vez que isto — fez um gesto entre os dois — não vai funcionar, terá de mudar o tópico da sua tese e encontrar outro orientador. Ou pedir transferência para outro departamento ou, melhor ainda, para outra universidade. Informarei o diretor do seu programa da minha decisão, com efeitos imediatos. Agora, se me dá licença.

Virou-se na cadeira para o seu portátil e começou a escrever furiosamente.

Julia estava estupefacta. Deixou-se ficar ali sentada, em silêncio, a absorver não apenas a tirada dele mas também a sua conclusão, até ele voltar a falar, sem sequer se dar ao incómodo de erguer os olhos na sua direção.

— É tudo, menina Mitchell.

Ela não discutiu porque, na verdade, não valia a pena. Levantou-se com esforço, ainda atordoada, e pegou na mochila ofensiva. Ergueu-a ao peito, algo indecisa, e saiu lentamente do gabinete, parecendo um zombie.

Ao sair do edifício e atravessar para o outro lado da Bloor Street, Julia percebeu que escolhera o dia errado para sair de casa sem casaco. A temperatura descera e os céus tinham-se aberto. A sua fina t-shirt de manga comprida ficou ensopada ao fim de cinco passos. Não tinha levado guarda-chuva, por isso enfrentou a perspectiva de caminhar três longos quarteirões ao vento, ao frio e à chuva para chegar ao seu apartamento.

Oh, deuses do mau karma e das tempestades, tende piedade de mim.

Enquanto caminhava, Julia recebeu algum conforto da percepção de que a sua ridícula abominação de mochila estava agora a servir o muito adequado propósito de lhe cobrir a t-shirt e o sutiã de algodão, ensopados e possivelmente transparentes. *Ora toma, professor Emerson.*

Enquanto andava, pensou no que acabara de acontecer naquele gabinete. Preparara-se antecipadamente e fizera as duas malas na noite anterior, pelo sim pelo não. Mas acreditara sinceramente que ele se lembraria. Acreditara que ele seria amável. Mas não fora.

Não lhe permitira explicar a colossal confusão que fora o bilhete. In-

terpretara mal as suas flores e cartão. E expulsara-a efetivamente do programa. Estava tudo acabado. Agora teria de regressar à casinha de Tom, em Selinsgrove, coberta de vergonha... e *ele* ia descobrir que voltara e ia rir-se dela. *Eles* rir-se-iam dela juntos. Estúpida da Julia. Pensava que ia sair de Selinsgrove e ser alguém. Pensava que podia fazer um mestrado e tornar-se professora universitária... Quem é que ela queria enganar? Agora estava tudo acabado, pelo menos naquele ano académico.

Julia baixou o olhar para a mochila destruída e agora encharcada como se fosse uma criança, e abraçou-a fortemente contra o peito. Depois da sua horrível mostra de deselegância e imbecilidade, nem sequer tinha já a sua dignidade. E perder tudo isso na frente dele, passados tantos anos, bem, era realmente demasiado.

Pensou no tampão solitário debaixo da secretária e soube que, quando ele se baixasse para pegar na sua pasta, às cinco da tarde, a sua humilhação seria completa. Pelo menos ela não estaria lá para testemunhar a reação, chocada e enojada. Imaginou-o a ter um ataque com a descoberta, literalmente — atirando-se para o lindo tapete persa que embelezava o seu gabinete.

A cerca de dois blocos do seu apartamento, Julia já tinha o longo cabelo castanho colado à cabeça. Os ténis guinchavam a cada passo. A chuva escorria pelo seu corpo como se estivesse debaixo de uma caleira. Os carros e autocarros passavam por ela com estardalhaço, e Julia nem se dava ao trabalho de se desviar dos tsunamis de água suja que lhe caíam em cima vindos da estrada movimentada. Como os desapontamentos da vida, limitava-se a aceitá-los.

Naquele momento, outro carro aproximou-se, mas este abrandou apropriadamente para não a ensopar com os seus salpicos. Era um *Jaguar* preto, de aspeto novo.

O *Jaguar* abrandou ainda mais e parou. Quando Julia ia a passar por ele, viu a porta do passageiro abrir-se e uma voz masculina chamar:

— Entre.

Hesitou; de certeza que o condutor não estava a falar com ela. Olhou em volta, mas era a única pessoa suficientemente tola para andar a pé com um dilúvio torrencial. Curiosa, deu um passo em frente.

Sabia que não devia entrar no carro de um desconhecido, mesmo numa cidade canadiana. Mas, ao olhar para o lugar e ver os dois olhos penetrantes que a fixavam, aproximou-se lentamente.

— Vai apanhar uma pneumonia e morrer. Eu levo-a a casa. — A voz dele era agora mais suave, terminada a fúria. Era quase a voz que ela recordava.

Assim, apenas em nome das memórias, subiu para o lugar do passa-

geiro e fechou a porta, pedindo silenciosamente desculpa aos deuses dos *Jaguars* por lhe estar a sujar o impecável interior de pele preta e imaculados tapetes.

Deteve-se quando os acordes do *Noturno*, Op. 9. n. 2 de Chopin lhe encheram os ouvidos, e sorriu para si mesma. Sempre gostara daquela música.

Voltou o rosto para o condutor.

— Muito obrigada, professor Emerson.

Capítulo Quatro

O professor Emerson virara no sítio errado. A sua vida talvez pudesse ser descrita como uma série de viragens nos sítios errados, mas aquela fora inteiramente accidental. Vinha a ler o seu *iPhone* — um *e-mail* zangado do seu irmão — enquanto conduzia o *Jaguar* com uma tempestade, a meio da hora de ponta, na baixa de Toronto. Consequentemente, em vez de virar à direita, virara à esquerda para a Bloor Street desde Queen's Park. Isto significava seguir na direção oposta do seu prédio.

Não havia possibilidade de fazer inversão de marcha na Bloor durante a hora de ponta, e havia tanto trânsito que teve até dificuldade em encostar para poder virar à direita e voltar para trás. Foi assim que deu com uma muito molhada e patética menina Mitchell, a caminhar com um ar abatido pela rua como se fosse uma sem-abrigo, e foi assim que um acesso de culpa o fez convidá-la a entrar no seu carro, o seu orgulho e alegria.

— Desculpe estar a estragar-lhe os estofos — ofereceu ela, hesitante.

Os dedos do professor Emerson contraíram-se em volta do volante.

— Tenho alguém que os limpa quando estão sujos.

Julia baixou a cabeça, pois a resposta magoara-a. Implicitamente, o seu professor comparara-a a lixo, mas, claro, era o que ele a considerava, naquele momento. Lixo debaixo dos seus pés.

— Onde vive? — perguntou ele, procurando envolvê-la numa conversa educada e segura durante aquele que esperava ser um breve tempo juntos.

— Na Madison. É mesmo aqui à direita. — Apontou a alguma distância à frente deles.

— Eu sei onde é a Madison — cortou ele.

Observando-o pelo canto do olho, Julia encolheu-se contra a janela do lado do passageiro. Baixou lentamente a cabeça para olhar para fora e prendeu o lábio inferior com força entre os dentes.

O professor Emerson soltou uma praga em voz baixa. Mesmo por baixo do emaranhado de cabelo molhado e escuro, ela era bonita — um anjo de olhos castanhos, vestido de calças de ganga e ténis. A sua mente deteve-se perante o som interior desta descrição. O termo *anjo de olhos castanhos* parecia-lhe estranhamente familiar, mas, uma vez que não se conseguia lembrar da fonte dessa referência, pôs o pensamento de lado.

— Em que número da Madison? — Suavizou a voz, tanto que Julia mal o conseguiu ouvir.

— Quarenta e cinco.

Ele fez um sinal de assentimento e, pouco depois, encostou o carro na frente da casa de tijolo de três andares que fora convertida em vários apartamentos.

— Obrigada — murmurou ela, e, como um relâmpago, estendeu a mão para o manípulo da porta para se escapar.

— Espere — ordenou ele, virando-se para o banco de trás para pegar num grande guarda-chuva preto.

Ela esperou e ficou atónita ao ver O Professor contornar o automóvel para lhe abrir a porta, aguardar com o guarda-chuva aberto enquanto ela e a sua abominação saíam do *Jaguar* e acompanhá-la pelo passeio até às escadas do seu prédio.

— Obrigada — repetiu ela, enquanto puxava o fecho do seu saco de livros, tentando abri-lo para procurar as chaves.

Ele tentou ocultar a sua aversão ao ver a abominação, mas não disse nada. Viu-a lutar com o fecho, depois viu a sua cara ficar vermelha e aborrecida por o fecho não abrir. Lembrou-se da expressão dela quando se ajoelhou no seu tapete persa e ocorreu-lhe que aquele atual problema era provavelmente por culpa sua.

Sem dizer uma palavra, tirou-lhe o saco das mãos e entregou-lhe a sombrinha já fechada. Abriu o fecho com força e estendeu-lhe o saco, convidando-a a enfiar a mão lá dentro para retirar as chaves.

Ela encontrou-as, mas estava nervosa, por isso deixou-as cair. Quando as apanhou, tinha as mãos a tremer tanto que teve dificuldade em localizar a chave correta no seu porta-chaves.

Tendo perdido toda a paciência, O Professor arrancou-lhe o porta-chaves e começou a experimentar as chaves na fechadura. Quando conseguiu abrir a porta, deixou-a entrar antes de lhe devolver as chaves.

Ela pegou no saco repelente e murmurou os seus agradecimentos.

— Eu acompanho-a ao seu apartamento — anunciou ele, seguindo-a pelo átrio. — Uma vez, fui abordado por um sem-abrigo no átrio do meu prédio. É preciso ter cuidado.

Julia fez uma muda oração aos deuses dos apartamentos, suplican-

do-lhes que a ajudassem a localizar rapidamente a chave do apartamento. Eles responderam à sua oração. Quando estava quase a entrar em casa e a fechar a porta, firme mas não rudemente, na cara dele, parou. Depois, como se o conhecesse há anos, sorriu e perguntou-lhe delicadamente se aceitava uma chávena de chá.

Apesar de surpreendido com o convite, o professor Emerson deu por si a entrar no apartamento antes de ter oportunidade de ponderar se seria uma boa ideia. Quando olhou em volta do pequeno espaço esquelético, concluiu que não era.

— Quer dar-me o seu casaco, professor? — A vizinha alegre de Julia distraiu-o.

— E ia pô-lo onde? — perguntou ele, fazendo notar pedantemente que ela não parecia ter um roupeiro ou bengaleiro perto da porta.

Ela baixou os olhos. Ele viu-a morder o lábio nervosamente e, num instante, lamentou a sua grosseria.

— Peço desculpa — disse ele, entregando-lhe o impermeável *Burberry*, do qual se orgulhava excessivamente. — E obrigado.

Julia pendurou o casaco com cuidado num gancho que estava preso à porta e deixou a mochila no chão.

— Entre e fique à vontade. Vou fazer o chá.

O professor Emerson dirigiu-se para uma das duas únicas cadeiras no apartamento e sentou-se, tentando ocultar a sua aversão. O apartamento era mais pequeno do que a sua casa de banho de hóspedes e incluía uma pequena cama, que estava encostada à parede, uma mesa articulada e duas cadeiras, uma pequena estante do *Ikea* e uma cómoda. Havia um pequeno roupeiro e uma casa de banho, mas não havia cozinha.

Os seus olhos vaguearam pelo quarto em busca de vestígios de algum tipo de atividade culinária, até finalmente se deterem num micro-ondas e numa chapa elétrica que estavam precariamente equilibrados em cima de um aparador. Um pequeno frigorífico fora colocado no chão ao lado.

— Tenho uma chaleira elétrica — disse Julia alegremente, como se estivesse a anunciar o facto de possuir um diamante da *Tiffany's*.

Emerson reparou na água que continuava a escorrer dela, depois começou a reparar nas roupas que estavam debaixo da água, e depois começou a reparar no que estava debaixo das roupas, porque estava frio... e sugeriu numa voz apressada e um pouco rouca que ela adiasse o chá para se ir secar.

Ela voltou a baixar a cabeça e corou, antes de se escapar para a casa de banho e pegar numa toalha. Emergiu uns segundos mais tarde com uma toalha púrpura enrolada em volta da parte superior do corpo por cima das roupas molhadas e uma segunda toalha na mão. Ia baixar-se e começar a

gatinhar pelo chão para limpar o rasto de água que espalhara desde a porta até ao centro da sala, mas O Professor levantou-se e deteve-a.

— Deixe que eu faço isso — disse ele. — É melhor ir vestir roupa seca antes que apanhe uma pneumonia.

— E morra — acrescentou ela, mais para si mesma do que para ele, enquanto desaparecia no roupeiro, tentando não tropeçar nas duas grandes malas.

Ele perguntou-se brevemente porque é que a rapariga ainda não desfizera as malas, mas esqueceu o assunto, considerando-o pouco importante.

Franziu o sobrolho enquanto limpava a água do soalho gasto e riscado. Quando terminou, olhou para as paredes e reparou que provavelmente já tinham sido brancas, mas eram agora de um sujo creme e estavam a descascar. Inspeccionou o teto e encontrou várias manchas de água consideráveis e o que lhe pareceu poder ser um bolor incipiente num dos cantos. Estremeceu, perguntando-se por que raio uma rapariga bonita como Mitchell podia viver num lugar tão terrível. Embora tivesse de admitir que o apartamento estava muito limpo e bastante arrumado. Invulgarmente arrumado.

— Quanto paga de renda? — perguntou, retraindo-se ligeiramente enquanto encolhia a sua estrutura de um metro e oitenta e sete para se conseguir sentar outra vez na coisa perversa que se fazia passar por cadeira articulada.

— Oitocentos por mês, incluindo as contas de água e luz — respondeu ela mesmo antes de entrar para a casa de banho.

O professor Emerson pensou com algum arrependimento nas calças *Armani* que deitara fora depois do voo de regresso da Pensilvânia. Não suportava a ideia de usar uma peça que ficara ensopada de urina, mesmo depois de limpa, por isso limitara-se a deitá-las fora. Mas o dinheiro que Paulina gastara naquelas calças teria pago a renda da menina Mitchell durante um mês inteiro. E ainda sobraria.

Olhou em volta do pequeno estúdio, e tornou-se dolorosa e pateticamente claro que ela tentara fazer dele a sua casa, apesar de tudo. Uma grande reprodução do quadro de Henry Holiday, *Dante encontra Beatriz na Ponte Santa Trinità*, estava pendurada ao lado da cama. Ele imaginou-a reclinada na sua almofada, o longo cabelo brilhante caído em volta do rosto, a olhar para Dante antes de adormecer. Afastou respeitosamente esse pensamento e refletiu em como era estranho possuírem ambos a mesma pintura. Olhou para ela e reparou com surpresa que Julia era notavelmente parecida com Beatriz — uma parecença que lhe passara despercebida. A ideia andou às voltas na sua mente como um saca-rolhas, mas recusou-se a continuar a alimentá-la.

Reparou noutros quadros mais pequenos, de vários cenários italianos, nas paredes descascadas do apartamento: um desenho do Duomo de Florença, um esboço de São Marcos em Veneza, uma fotografia a preto e branco da cúpula de São Pedro em Roma. Viu uma fileira de ervas envasadas a enfeitar o peitoril da janela, juntamente com uma única estaca de um filodendro que ela parecia estar a tentar fazer desenvolver numa planta formada. Observou que as cortinas eram bonitas — um puro lilás que combinava com a colcha e as almofadas. E a estante de livros exibia muitos volumes, tanto em inglês como em italiano. Leu num relance os títulos e ficou apenas razoavelmente impressionado com a sua coleção amadora. Mas, em resumo, o estúdio era velho, minúsculo, em mau estado de manutenção e não tinha cozinha, e o professor Emerson não permitiria que o seu cão vivesse num sítio daqueles, se tivesse cão.

Julia reapareceu no que parecia ser um uniforme de ginástica — camisola preta com capuz e calças de ioga. Torcera o lindo cabelo e prendera-o quase no alto da cabeça com alguma espécie de gancho. Mesmo numa roupa tão casual, era muito atraente — extremamente atraente e, atrevia-se a dizer, sílfide.

— Tenho *English Breakfast* ou *Lady Grey*. — Ela falou por cima do ombro, pondo-se de gatas para ligar a ficha da chaleira elétrica na tomada que estava atrás da cómoda.

Ele viu-a ajoelhada, tal como a vira no gabinete, e abanou mudamente a cabeça. A aluna parecia destituída de qualquer arrogância ou orgulho egoísta, o que sabia ser uma coisa boa, mas doía-lhe vê-la constantemente de joelhos, embora não soubesse dizer exatamente por que razão.

— *English Breakfast*. Porque é que vive aqui?

Julia levantou-se rapidamente em reação à aspereza do tom dele. Manteve-se de costas enquanto localizava um grande bule de chá castanho e duas chávenas de porcelana, surpreendentemente bonitas, com pires a condizer.

— É uma rua sossegada, num bairro simpático. Não tenho carro, e precisava de ir para a universidade a pé. — Fez uma pausa enquanto punha uma pequena colher de prata em cada um dos pires. — Este foi um dos melhores apartamentos que vi dentro do meu orçamento. — Pousou as chávenas elegantes na mesa articulada sem olhar para ele e regressou à cómoda.

— Porque é que não se instalou na residência para alunos de pós-graduação, na Charles Street?

Julia deixou cair qualquer coisa. Ele não conseguiu ver o que era.

— Estava a contar ir para outra universidade, mas não resultou. Na altura em que decidi vir para aqui, a residência já estava cheia.

— Para que universidade ia?

Ela começou a maltratar o lábio inferior entre os dentes, para trás e para a frente.

— Menina Mitchell?

— Harvard.

O professor Emerson quase caiu da sua cadeira muito desconfortável.

— Harvard? Que raio está aqui a fazer?

Julia ocultou um sorriso secreto, como se soubesse a razão por detrás da fúria dele.

— Toronto é a Harvard do Norte.

— Não se faça de envergonhada, menina Mitchell. Fiz-lhe uma pergunta.

— Sim, professor. E eu sei que espera sempre uma resposta às suas perguntas. — Ergueu uma sobrancelha, e ele desviou o olhar. — O meu pai não podia pagar a contribuição que tinha de fazer pela minha educação, por isso a bolsa que me ofereceram não era suficiente, e as despesas de alojamento eram muito mais elevadas em Cambridge do que em Toronto. Já tenho milhares de dólares de dívida pelo curso na universidade de Saint Joseph, por isso decidi não a aumentar. É por isso que aqui estou.

Voltou a pôr-se de gatas para desligar a chaleira agora a ferver, enquanto ele abanava a cabeça, chocado.

— Isso não estava no processo que a senhora Jenkins me deu — protestou ele. — Devia ter dito alguma coisa.

Julia ignorou-o e começou a medir o chá para o bule.

Ele inclinou-se para a frente na sua cadeira, a gesticular freneticamente.

— Isto é um sítio terrível para se viver... nem sequer tem uma cozinha. O que é que come aqui?

Ela pousou o bule e um pequeno passador prateado na mesa articulada e sentou-se na outra cadeira articulada. Começou a torcer as mãos.

— Como muitos legumes. Consigo fazer sopa e cuscuz na placa elétrica. Os cuscuz são muito nutritivos. — A sua voz tremia um pouco, mas ela tentou parecer animada.

— Não pode viver desse tipo de porcaria... um cão alimenta-se melhor!

Julia baixou a cabeça e corou profundamente, e, de súbito, teve de conter as lágrimas.

Ele olhou para ela por um momento, e depois, finalmente, viu-a. Enquanto fitava a expressão torturada que maculava as suas belas feições, começou lentamente a perceber que ele, o professor Gabriel O. Emerson, era um egocêntrico filho da mãe. Envergonhara-a por ser pobre. Mas não havia nenhuma vergonha em ser-se pobre. Ele também fora pobre, em tempos, muito pobre. Ela era uma mulher inteligente e bonita, que também era es-

tudante. Não havia nenhuma vergonha nisso. Mas, ao entrar na sua pequena casa, que ela tentara tornar confortável porque não tinha outro sítio onde ficar, ele dissera-lhe que não era digna de um cão. Fizera-a sentir sem valor e estúpida, quando ela não era nenhuma dessas coisas. O que diria Grace se o pudesse ouvir naquele momento?

O professor Emerson era um imbecil. Mas, ao menos, agora sabia-o.

— Perdoe-me — começou ele, titubeante. — Não sei o que me deu. — Fechou os olhos e começou a esfregá-los.

— Acabou de perder a sua mãe. — A voz suave de Julia era espantosamente indulgente.

Foi como se um interruptor tivesse sido carregado dentro de si.

— Não devia estar aqui. — Ele levantou-se rapidamente. — Tenho de ir.

Julia seguiu-o até à porta. Pegou no guarda-chuva e entregou-lho juntamente com a gabardina. Depois ficou de olhos baixos e faces em fogo, à espera de o ver partir. Arrependia-se de lhe ter mostrado a sua casa, uma vez que era tão claramente abaixo dele. Enquanto, umas horas antes, se orgulhara do seu pequeno mas limpo buraco de hobbit, estava agora mortificada. Para não mencionar o facto de que ser novamente humilhada na frente dele tornava as coisas muito piores.

Ele fez um aceno com a cabeça, para ela ou para qualquer outra coisa, balbuciou umas palavras em surdina e saiu do apartamento.

Julia encostou-se à porta fechada e permitiu-se finalmente chorar.

Truz. Truz.

Ela sabia quem era. Não queria, simplesmente, abrir a porta.

Por favor, deuses dos buracos-de-hobbits-demasiado-caros-e-não-dignos-de-um-cão, façam com que ele me deixe em paz. A oração muda e espontânea não foi ouvida.

Truz. Truz. Truz.

Limpou rapidamente a cara e abriu a porta, mas apenas uma nesga.

Ele ficou a pestanejar como uma árvore de Natal quando a viu, tendo dificuldade em registar o facto de ela ter estado claramente a chorar entre a sua partida e o seu regresso.

Julia pigarreou e baixou o olhar para os sapatos italianos que ele remexia ligeiramente.

— Quando foi a última vez que comeu um bife?

Julia riu-se e abanou a cabeça. Não se conseguia lembrar.

— Bem, vai comer um esta noite. Estou esfomeado e vai jantar comigo.

Ela permitiu-se o luxo de um pequeno mas perverso sorriso.

— Tem a certeza, professor? Pensei que isto — imitou o gesto dele de umas horas antes — não ia funcionar.

Ele ruborizou-se ligeiramente.

— Não se preocupe com isso. Exceto... — Os olhos dele vaguearam-lhe pela roupa, demorando-se, talvez, um pouco de tempo de mais nas curvas dos lindos seios.

Julia baixou o olhar.

— Eu podia mudar de roupa.

— Isso seria melhor. Tente vestir-se de forma apropriada.

Ela olhou-o com uma expressão muito magoada.

— Posso ser pobre, mas tenho algumas coisas boas. Nenhuma delas é imodesta, se está com medo que eu o embarace com alguma coisa ordinária.

Ele voltou a ficar vermelho, enquanto se pontapeava mentalmente.

— Só queria dizer... de forma apropriada para um restaurante onde tenho de ir de fato e gravata. — Arriscou um pequeno sorriso como forma de desculpa.

Os olhos de Julia viajaram-lhe pela camisa e camisola, demorando-se, talvez, um pouco de tempo de mais nos planos dos seus lindos peitorais.

— Aceito com uma condição.

— Não está propriamente em posição de discutir.

— Então, adeus, professor.

— Espere. — Enfiou o caro sapato italiano entre a porta e a ombreira, para a manter aberta. E nem se preocupou com os riscos que isso causaria. — Vamos ouvi-la.

Ela inclinou a cabeça para um lado e olhou-o em silêncio antes de falar.

— Diga-me, depois de tudo o que me disse, porque é que devo ir jantar consigo?

Ele olhou-a, perdido. Depois corou até à raiz dos cabelos e começou a gaguejar.

— Eu... hum... quero dizer, eu acho... podemos dizer que...

Julia elevou uma única sobrancelha e começou lentamente a fechar a porta, entalando-lhe o pé.

— Espere. — A mão dele segurou a porta num ápice, dando algum alívio ao pé direito magoado. — Porque o que o Paul escreveu estava correto: *O Emerson é um imbecil*. Mas, ao menos, agora ele sabe-o.

Naquele instante, Julia sorriu-lhe, e ele deu por si a sorrir também, contra vontade. Ela era realmente muito bonita, quando sorria. Teria de fazê-la sorrir mais vezes, por razões puramente estéticas.

— Espero por si aqui. — Não desejando dar-lhe oportunidade para recusar, puxou a porta do apartamento e fechou-a.

Lá dentro, Julia fechou os olhos e soltou um gemido.

Capítulo Cinco

O professor Emerson andou de um lado para o outro no patamar durante alguns minutos, depois encostou-se à parede e esfregou a cara com as mãos. Não sabia como se metera naquilo nem o que o fizera comportar-se daquela maneira, mas estava prestes a ver-se apanhado numa embrulhada de proporções épicas. Fora pouco profissional com a menina Mitchell no seu gabinete, chegando perigosamente perto de a molestar verbalmente. Dera-lhe boleia no seu carro, sem acompanhante, e entrara no seu apartamento. Todos esses procedimentos eram altamente irregulares.

Se tivesse dado boleia à menina Peterson, ela provavelmente ter-se-ia dobrado no assento para lhe abrir o fecho das calças com os dentes enquanto ele conduzia. Estremeceu com esse pensamento. Agora estava prestes a levar a menina Mitchell para jantar, para comer *bife*, ainda por cima. Se isso não violava a política de não-confraternização estabelecida pela universidade, não sabia o que a violaria.

Respirou fundo para se acalmar. A menina Mitchell era uma Calamity Jane, um vórtice de vexame. Sofrera uma notável corrente de infortúnios, a começar pela sua impossibilidade de ir para Harvard, e as coisas pareciam desmoronar-se na sua esteira — incluindo a disposição calma e refletida do próprio Emerson. Embora lamentasse que ela vivesse em circunstâncias deploráveis, não ia arriscar a sua carreira para a ajudar. Ela poderia bem ir ao diretor do seu departamento no dia seguinte e apresentar uma queixa de assédio contra ele. Não podia deixar que isso acontecesse.

Atravessou o corredor em duas longas passadas e levantou a mão para lhe bater à porta. Ia dar-lhe uma desculpa esfarrapada qualquer, o que seria melhor do que limitar-se a desaparecer. Mas deteve-se assim que ouviu passos no interior.

A menina Mitchell abriu a porta e parou, de olhos baixos, num simples mas elegante vestido preto com decote em V que lhe descia até aos joelhos. Os olhos dele percorreram-lhe as curvas suaves e desceram para as suas pernas longas e muito bem formadas. E os sapatos... ela não o podia saber, mas o professor Emerson tinha uma queda por mulheres com requintados sapatos de salto alto. Engoliu em seco quando olhou para os sapatos de salto alto pretos, obviamente de *designer*. O Professor tinha vontade de lhes tocar...

— *Cof.* — Julia tossicou baixinho, e ele arrancou relutantemente os olhos dos sapatos para o seu rosto. Ela olhava-o com uma expressão divertida.

Tinha apanhado o cabelo, mas vários caracóis tinham-se escapado e caíam-lhe delicadamente em volta do rosto. Pusera um pouco de maquiagem, e a sua pele de porcelana era pálida mas luminosa, com dois deliciosos toques de rosa nas maçãs do rosto. E as suas pestanas pareciam ainda mais escuras e compridas do que as recordava.

A menina Julianne Mitchell era *atraente*.

Ela vestiu uma gabardina azul-marinho e trancou rapidamente a porta do apartamento. Ele fez-lhe sinal que fosse à frente e seguiu-a mudamente pelo corredor. À porta do prédio, abriu o guarda-chuva e ficou parado com um ar algo desconfortável.

Julia olhou para ele, confusa.

— Seria mais fácil cobrir-nos aos dois se me segurasse no braço. — Ofereceu-lhe o braço esquerdo, que segurava o guarda-chuva. — Se não se importar — acrescentou.

Julia pegou-lhe no braço e olhou para ele com uma expressão suave.

Fizeram em silêncio a viagem até ao porto, um lugar de que Julia ouvira falar mas ainda não explorara. O Professor entregou as chaves ao *valet* do restaurante e pediu a Julia que lhe passasse a gravata que tinha no porta-luvas. Ela obedeceu, sorrindo para si mesma perante o facto de ele manter uma imaculada gravata de seda numa caixa no seu carro.

Quando ela se virou, ele captou um sopro do seu perfume e fechou os olhos, só por um segundo.

— Baunilha — murmurou.

— O quê? — perguntou ela, não o tendo percebido.

— Nada.

Viu-o despir a camisola e foi momentaneamente recompensada pela visão do peito dele e alguns caracóis de pelo escuro por entre os botões abertos no seu pescoço. O professor Emerson era *sexy*. Tinha um rosto atraente, e Julia acreditava que, por baixo das roupas, seria igualmente atraente. Tentou com muita força não pensar demasiado no assunto, para seu próprio bem.

Mas isso não a impediu de o observar com muda mas extasiada admiração enquanto ele fazia o nó sem um espelho. Infelizmente, a gravata ficou torta.

— Não estou a conseguir... não vejo nada. — Ele debatia-se para tentar endireitar a gravata, mas sem o conseguir.

— Posso? — ofereceu ela timidamente, sem querer tocar-lhe sem o seu consentimento.

— Obrigado.

Os dedos ágeis de Julia endireitaram-lhe rapidamente a gravata e depois percorreram ao de leve o topo do seu colarinho até à zona da nuca, onde o baixou de forma a cobrir a gravata atrás. Quando retirou a mão, estava a respirar rapidamente e muito corada.

O Professor não se apercebeu dessa reação porque estava demasiado ocupado a pensar na estranha familiaridade das pontas dos seus dedos e a perguntar-se porque os dedos de Paulina nunca lhe pareciam familiares. Retirou o casaco do gancho atrás do seu assento e vestiu-o rapidamente. Depois, com um sorriso e um aceno com a cabeça, saíram do carro.

O Harbour Sixty Steakhouse era um ponto de referência em Toronto, um restaurante famoso e muito caro, popular entre os executivos, políticos e várias outras personagens impressionantes. O professor Emerson costumava lá comer porque o seu bife era superior a qualquer outro que tivesse experimentado, e ele impacientava-se com a mediocridade. Por isso, nunca lhe ocorrera levar a menina Mitchell a qualquer outro lado.

Antonio, o *maitre d'*, cumprimentou-o calorosamente com um firme aperto de mão e uma torrente em italiano.

O professor respondeu-lhe com igual simpatia e também em italiano.

— E quem é a beldade? — Antonio beijou as costas da mão de Julia enquanto lhe falava, no seu muito descritivo italiano, sobre os seus olhos, o seu cabelo, a sua pele.

Julia corou e agradeceu-lhe, timidamente, mas respondendo-lhe com segurança na sua própria língua.

A menina Mitchell tinha uma linda voz, era verdade, mas a menina Mitchell a falar italiano era quase celestial. A sua boca rubi a abrir e a fechar, a forma delicada como quase cantava as palavras, a língua a assomar-lhe aos lábios húmidos de vez em quando... O professor Emerson teve de se lembrar de fechar a boca, quando deu por si com ela caída.

Antonio ficou tão surpreendido e agradado com a resposta dela que lhe beijou as faces, não apenas uma vez mas duas, e conduziu-os rapidamente para o fundo do restaurante, onde lhes ofereceu a sua melhor e mais romântica mesa para dois. O Professor hesitou em frente da sua cadeira, relutantemente, quando percebeu o que Antonio estava a fazer. Já se sentara

naquela mesa anteriormente, não há muito tempo, mas com outra pessoa. Aquele era um engano que precisava de corrigir, mas, no momento em que pigarreava para oferecer uma clarificação, Antonio perguntou a Julia se aceitaria uma garrafa de um *vintage* muito especial da vinha da sua família na Toscana.

Julia agradeceu-lhe profusamente, mas explicou que *Il Professore* podia ter outras preferências. Ele sentou-se rapidamente e, não querendo ofender, disse que teria todo o prazer em beber o que Antonio oferecesse. Antonio ficou exultante e retirou-se de imediato.

— Uma vez que estamos em público, penso que seria melhor não me tratar por professor Emerson.

Julia fez um sorriso luminoso e anuiu.

— Por isso pode tratar-me apenas por Sr. Emerson.

O Sr. Emerson estava demasiado ocupado a olhar para a ementa para ver a maneira como os olhos de Julia se alargaram antes de se virarem para a mesa.

— Tem uma pronúncia toscana — observou ele distraidamente, continuando sem a fitar.

— Sim.

— Como é que a adquiriu?

— Passei o meu primeiro ano de faculdade em Florença.

— O seu italiano é bastante avançado, para um único ano fora.

— Comecei a estudá-lo na secundária.

O professor ergueu o olhar sobre a pequena mesa íntima e viu que ela lhe evitava ativamente os olhos. Estava a estudar a ementa como se fosse um exame, massacrando o lindo lábio inferior entre os dentes.

— É minha convidada, menina Mitchell.

Os olhos de Julia prenderam-se nos dele com um ar interrogador.

— É minha convidada. Peça o que quiser, mas, por favor, tem de incluir alguma carne. — Sentiu a necessidade de acrescentar aquele requisito, uma vez que o propósito expresso do jantar era fornecer-lhe algo mais fortificante do que cuscuz.

— Não sei o que hei de escolher.

— Eu posso pedir por si, se preferir.

Ela anuiu e fechou a ementa, continuando a morder o lábio para a frente e para trás.

Antonio regressou naquele momento e exibiu orgulhosamente uma garrafa de *Chianti* com um rótulo escrito à mão. Julia sorriu enquanto ele abria a garrafa e lhe servia um pouco no seu copo.

O senhor Emerson observou, quase sem respirar, quando ela fez rodar o vinho no copo com perícia, depois ergueu-o para o poder examinar me-

lhor à luz da vela. Levou o copo ao nariz, fechou os olhos e cheirou. Depois levou o copo aos lábios cheios e provou o vinho, mantendo-o na boca por um momento antes de engolir. Abriu os olhos, sorriu ainda mais e agradeceu a Antonio pelo seu precioso presente.

Antonio ficou radiante, cumprimentou o senhor Emerson pela sua escolha de companheira de jantar com um pouco de entusiasmo de mais e encheu ambos os copos com o seu vinho favorito.

Entretanto, o senhor Emerson estivera a ajustar-se debaixo da mesa porque a visão da menina Mitchell a provar o vinho era a coisa mais erótica que alguma vez tinha testemunhado. Ela não era meramente atraente; era bela, como um anjo, ou uma musa. E não era meramente bela; era sensual e hipnótica, mas também inocente. Os seus bonitos olhos refletiam uma profundidade de sentimento e uma radiante pureza em que nunca tinha reparado.

Teve de arrancar os olhos de cima dela e ajustar-se de novo, sentindo-se subitamente um porco, sentindo-se envergonhado da reação que a aluna estava a suscitar em si. Uma reação a que teria de atender mais tarde. Quando estivesse sozinho. E rodeado pelo aroma a baunilha.

Pedi as refeições, tendo o cuidado de pedir as maiores porções de *filet mignon* possíveis. Quando a menina Mitchell protestou, ignorou a sua preocupação com um aceno de mão, observando que ela poderia levar as sobras para casa. Por vontade do senhor Emerson, aquela refeição iria alimentá-la por um par de dias.

Perguntou-se o que comeria ela quando as sobras se esgotassem, mas não quis demorar-se muito com essa questão. Aquele era um evento único e apenas tinha lugar porque ele lhe gritara e a envergonhara. Depois daquilo, as coisas entre os dois seriam estritamente profissionais. E ela teria de enfrentar futuras calamidades sozinha.

Pela sua parte, Julia sentia-se feliz por estar com ele. Queria poder conversar com ele, conversar a sério, perguntar-lhe pela sua família e pelo funeral. Queria consolá-lo pela morte da mãe. Queria dizer-lhe segredos e que ele lhe sussurrasse segredos em troca. Mas, ao vê-lo com os olhos determinadamente fixos nos seus mas de forma algo ausente, ela sabia que não teria o que desejava. Por isso limitava-se a sorrir e a concentrar-se nos seus talheres, esperando que ele não considerasse o seu nervosismo irritante.

— Porque é que começou a estudar italiano na escola secundária?

Julia conteve bruscamente a respiração. Os seus olhos dilataram-se, a sua bonita boca vermelha ficou aberta.

O Sr. Emerson franziu as sobrancelhas ao ver aquela reação. Era completamente desproporcionada em relação à sua pergunta; ele não lhe perguntara o tamanho do sutiã. Os seus olhos desviaram-se involuntariamente

para o volume dos seios dela e depois regressaram-lhe ao rosto. Sentiu-se corar quando um número e um tamanho de copa entraram miraculosamente na sua mente.

— Hum, desenvolvi interesse pela literatura italiana. Por Dante e Beatriz. — Ela dobrava e desdobrava o guardanapo de linho no seu colo, alguns caracóis soltos em volta do seu rosto oval.

Ele pensou na pintura que vira no seu apartamento e na sua extraordinária parecença com Beatriz. Mais uma vez, o pensamento andou-lhe às voltas pela mente, perturbador, mas mais uma vez pô-lo de lado.

— Isso são interesses notáveis, para uma rapariga nova — sugeriu ele, permitindo-se memorizar a sua beleza.

— Eu tinha... um amigo que mos apresentou. — Julia parecia magoada, e um pouco triste.

Ele percebeu que estava a aproximar-se demasiado de uma velha ferida, e por isso recuou, tentando procurar um terreno mais confortável por onde se aventurar.

— O Antonio ficou fascinado consigo.

Julia ergueu o olhar e sorriu.

— Ele é muito amável.

— A menina parece desabrochar quando a tratam com bondade. Como uma rosa. — As palavras escaparam-se-lhe dos lábios antes de ter tempo de as pesar, e quando foram pronunciadas e Julia o olhou com uma não pequena dose de calor, era demasiado tarde para as retirar.

Aquilo foi decisivo. O professor Emerson começou a concentrar a sua atenção no copo de vinho; as suas feições fecharam-se, a sua atitude tornou-se muito fria. Julia observou a mudança, mas aceitou-a e não fez qualquer tentativa de conversação.

Ao longo da refeição, o claramente encantado Antonio passou mais tempo do que o necessário à mesa deles, a tagarelar em italiano com a bela Julianne e a convidá-la para se juntar à sua família no Clube Italo-Canadiano para o jantar no domingo seguinte. Ela aceitou o convite graciosamente e foi recompensada mais tarde com tiramisu, café expresso, *biscotti*, *grappa*, e, finalmente, um pequeno chocolate *Baci*, em ociosa sucessão. O professor Emerson não foi recompensado com tais delícias, por isso limitou-se a ficar ali sentado, amuado, enquanto via a menina Mitchell divertir-se.

Pelo final da noite, Antonio tinha enfiado o que parecia ser um grande cesto de comida nas mãos dela e não lhe permitiu recusar. Beijou-lhe as faces várias vezes antes de a ajudar a vestir o casaco, depois rogou ao Professor que a voltasse a levar ali em breve e muito mais vezes.

O professor Emerson endireitou os ombros e fixou Antonio com um olhar de gelo.

— Isso não é possível. — Deu meia-volta sobre os calcanhares e saiu do restaurante, deixando Julia a segui-lo desanimadamente com o seu pesado cesto de comida.

Enquanto via partir o casal tão dissonante, Antonio perguntou-se porque levaria O Professor uma criatura deliciosa a um lugar romântico para depois ficar sentado estoicamente sem falar com ela, parecendo estar em permanente sofrimento.

Quando chegaram ao apartamento de Mitchell, o professor Emerson abriu-lhe delicadamente a porta e removeu o cesto do banco de trás do *Jaguar*. Espreitou lá para dentro com curiosidade, movendo algumas coisas para poder analisar o seu conteúdo.

— Vinho, azeite, vinagre balsâmico, *biscotti*, um frasco de *marinara* caseira feita pela mulher do Antonio, sobras. Vai ficar muito bem alimentada, nos próximos tempos.

— Graças a si. — Julia sorriu, estendendo a mão para o cesto.

— Isto é pesado. Eu levo-lho. — Escoltou-a até ao alpendre do edifício e esperou enquanto ela destrancava a porta. Depois entregou-lhe a comida.

Ela começou a olhar para os sapatos, e as suas faces ruborizaram-se enquanto pensava no que precisava de dizer.

— Obrigada, professor Emerson, pelo agradável serão. Foi muito generoso da sua parte...

— Menina Mitchell — interrompeu ele —, não vamos tornar esta situação ainda mais desconfortável do que já é. Peço desculpa pela minha... anterior má educação. A minha única desculpa é... eeh, razões de natureza privada. Vamos simplesmente dar um aperto de mão e seguir em frente.

Estendeu-lhe a mão e ela aceitou-a. Ele apertou-lhe a mão, tentando não a magoar e ignorando absolutamente o frémito que lhe percorreu as veias ao sentir a pele suave e delicada contra a sua.

— Boa-noite, menina Mitchell.

— Boa-noite, professor Emerson.

E, com isto, ela desapareceu no interior do edifício, deixando O Professor em melhor disposição do que deixara naquela tarde.

Cerca de uma hora mais tarde, Julia estava sentada na sua cama a olhar para a fotografia que mantinha sempre debaixo da almofada. Olhou para ela durante muito tempo, a tentar decidir se a deveria destruir, ou deixá-la onde sempre estava, ou guardá-la numa gaveta. Sempre adorara aquela fotografia. Adorava o sorriso no rosto dele. Era a fotografia mais bonita que alguma vez vira, mas também a magoava terrivelmente olhar para ela.

Ergueu o olhar para a linda pintura por cima da sua cama e tentou conter as lágrimas. Não sabia o que esperara do seu Dante, mas, definitivamente, não o recebera. Por isso, com a sabedoria que apenas se adquire

com a experiência de um coração partido, resolveu esquecê-lo de uma vez por todas.

Pensou na sua despesa cheia e na bondade que Antonio lhe demonstrara. Pensou nas mensagens que recebera de Paul, como ele revelara preocupação por tê-la deixado sozinha com O Professor e lhe pedira que lhe ligasse a qualquer hora para lhe dizer se estava bem.

Dirigiu-se para a sua cómoda, abriu a gaveta de cima e, de forma reverente mas determinada, guardou a fotografia mesmo ao fundo, debaixo da roupa interior *sexy* que nunca usava. E, com o contraste entre os três homens bem fixo na sua mente, voltou para a cama, fechou os olhos e sonhou com um pomar de maçãs abandonado.

Capítulo Seis

Na sexta-feira, Julia recebeu na sua caixa de correio um formulário oficial a indicar que o professor Emerson aceitara ser seu orientador de tese. Estava a olhar para o formulário, estupefacta, a perguntar-se porque teria ele recuado na sua decisão, quando Paul apareceu atrás dela.

— Pronta para ir?

Ela cumprimentou-o com um sorriso enquanto guardava o formulário na mochila grosseiramente remendada. Saíram do edifício e começaram a caminhar ao longo de Bloor Street até ao Starbucks mais próximo, que ficava apenas a meio quarteirão de distância.

— Quero saber como correu a tua reunião com o Emerson, mas, antes disso, há uma coisa que preciso de te dizer. — Paul parecia muito sério.

Julia olhou para ele com uma expressão que se aproximava da ansiedade.

— Não te assustes, Coelha. Não vai doer. — Deu-lhe uma palmadinha no braço. O coração de Paul era quase tão grande como ele, e, por isso, mostrava-se muito sensível à dor dos outros.

— Sei o que aconteceu com o nosso bilhete.

Julia fechou os olhos e soltou uma praga.

— Paul, peço muita desculpa. Eu ia contar-te que fiz um disparate e escrevi no teu papel, mas ainda não tive oportunidade. Não lhe disse que a letra era tua.

Paul pressionou a mão contra o seu antebraço para a calar.

— Eu sei. Fui eu que lhe disse.

Ela olhou-o, atónita.

— Porque é que fizeste isso?

Enquanto sondava as profundezas dos grandes olhos castanhos da Co-

elha, ele soube, sem qualquer dúvida, que faria qualquer coisa para impedir que alguém a magoasse. Nem que isso significasse arriscar a sua carreira acadêmica. Nem que isso significasse arrancar Emerson do Departamento de Estudos Italianos e dar-lhe o pontapé que ele e o seu pretensioso traseiro tão profusamente mereciam.

— A senhora Jenkins disse-me que o Emerson andava a tentar apagar-te e percebi que ia dar cabo de ti. Encontrei uma cópia do nosso papel numa pilha de fotocópias que ele me deixou. — Encolheu os ombros. — São os perigos da profissão de assistente de investigação de um verdadeiro idiota.

Paul acotovelou ligeiramente Julia para a persuadir a continuar a andar, mas esperou para continuar a conversa depois de lhe comprar um *vanilla latté* muito grande sem açúcar. Depois de a ver instalar-se numa poltrona de veludo vermelho, como um gato, e de lhe perguntar se estava quente e confortável, virou-se para ela com uma expressão de compreensão.

— Eu sei que foi um acidente. Ficaste tão abalada depois daquele primeiro seminário. Devia ter-te acompanhado ao gabinete dele. Honestamente, Julia, nunca o tinha visto comportar-se daquela maneira. Pode ser um bocado arrogante e suscetível, mas nunca foi tão agressivo com uma aluna antes. Foi doloroso de assistir.

Julia provou o seu café e esperou que ele continuasse.

— Por isso, quando encontrei uma cópia do nosso bilhete com a tralha que ele me deixou, percebi que ele te ia arrasar. Descobri a que horas era a vossa reunião e marquei um encontro com ele antes. Depois confessei que fui eu que escrevi o papel. Até menti e tentei dizer que tinha forjado a tua assinatura, na brincadeira, mas ele não acreditou.

— Fizeste isso tudo por mim?

Paul sorriu e fletiu casualmente os seus braços substanciais.

— Estava a tentar ser um escudo humano. Pensei que, se gritasse comigo e tirasse tudo para fora, já não restaria nada para ti. — Estudou a expressão dela, pensativamente. — Mas não resultou, pois não?

Ela olhou-o com gratidão.

— Nunca ninguém fez uma coisa dessas por mim. Estou mesmo em dívida contigo.

— Não te preocupes. Só gostava que ele tivesse descarregado tudo em cima de mim. O que foi que ele te disse?

Julia concentrou toda a sua atenção no café e agiu como se não tivesse ouvido a pergunta.

— Assim tão mau? — Paul esfregou o queixo, absorto. — Bem, já lhe deve ter passado, porque ele foi educado contigo no último seminário.

Julia fez um riso de troça.

— Pois. Mas não me deixou responder a nenhuma pergunta, mesmo quando pus a mão no ar. Estava demasiado ocupado a deixar a Christa Peterson falar a toda a hora.

Paul observou o seu súbito olhar de indignação, divertido.

— Não te preocupes com ela. Já está em sarilhos com o Emerson por causa da sua proposta de dissertação. Ele não gosta da direção que está a tomar. Foi mesmo O Professor que me disse.

— Que horror. Ela já sabe?

Ele encolheu os ombros.

— Deve ser capaz de perceber. Mas, quem sabe? Está tão concentrada em seduzi-lo que começa a deixar o trabalho ir por água abaixo. Chega a ser embaraçoso.

Julia anotou tudo isto e guardou-o na sua memória para referência futura. Recostou-se na sua cadeira, descontraíu-se e aproveitou o resto da sua tarde com Paul, que era encantador, e delicado, e a fazia sentir-se feliz por estar em Toronto. Às cinco horas, o seu estômago trovejou, e ela agarrou-se a ele, embaraçada.

Paul riu-se e sorriu-lhe para aliviar o seu embaraço. Ela era tão engraçada em tudo, até na maneira como a sua barriga trovejava.

— Gostas de comida tailandesa?

— Gosto. Havia um sítio ótimo em Filadélfia onde costumava ir com... — interrompeu-se antes de dizer o nome em voz alta. Aquele era o restaurante onde sempre fora com *ele*. Perguntou-se em silêncio se eles iam lá agora, se comeriam à sua mesa, se se ririam, de ementas na mão, a gozar com ela...

Paul pigarreou para a trazer suavemente de volta ao presente.

— Desculpa. — Baixou a cabeça e começou a procurar na sua mochila por nada em particular.

— Há um tailandês ótimo aqui perto. Fica a alguns quarteirões de distância, por isso temos de andar um pouco. Mas a comida é mesmo boa. Se não tiveres outros planos, deixa-me levar-te a jantar.

O seu nervosismo apenas era telegrafado pelo lento e subtil bater do seu pé direito debaixo da mesa, que Julia detetou pelo canto do olho. Ela olhou para os seus calorosos olhos escuros e pensou brevemente em como a bondade valia muito mais no mundo do que a paixão, e disse *sim* antes de poder sequer contemplar a possibilidade de dizer *não*.

Ele sorriu, como se a sua concordância lhe desse mais do que um prazer secreto, e pegou na mochila dela, pendurando-a sem esforço ao ombro.

— Isto é muito pesado para ti — disse, olhando-a nos olhos e escolhendo as palavras cuidadosamente. — Deixa-me levá-la um bocado.

Julia sorriu, de olhos nos pés, e seguiu-o para o exterior.

...

O professor Emerson voltou a pé para casa do trabalho. Era uma caminhada curta, embora, em dias inclementes ou quando tinha compromissos para a noite, levasse o carro.

Enquanto caminhava, pensou na conferência que ia apresentar na universidade, acerca da luxúria em Dante. A luxúria era um pecado em que tinha a noção de pensar com frequência e muito prazer. De facto, a ideia da luxúria e da miríade de satisfações que proporcionava era tão provocadora que o professor Emerson teve de apertar a gabardina, para que a visão algo espetacular da frente das suas calças não atraísse atenção indesejada.

Foi então que a viu. Parou, a olhar para a atraente morena do outro lado da rua.

Calamity Julianne.

Só que não estava sozinha. Paul carregava-lhe aquela abominação de saco e caminhava ao seu lado. Conversavam tranquilamente e riam-se, enquanto passeavam perigosamente perto um do outro.

Agora carregas-lhe os livros, é? Que coisa tão adolescente, Paul.

O professor Emerson viu quando as mãos do casal se tocaram, provocando um pequeno sorriso quente da menina Mitchell. Um grunhido soltou-se da garganta de Emerson, e os seus lábios arreganharam-se sobre os dentes.

Que raio foi isto?, pensou.

O professor Emerson precisou de um momento para se recompor e, enquanto se encostava à montra da *Louis Vuitton*, tentou perceber que raio acabara de acontecer. Ele era um agente racional. Usava roupas para cobrir a sua nudez, conduzia um automóvel, comia com faca e garfo e um guardanapo de pano. Tinha uma profissão que exigia capacidade intelectual e acuidade. Controlava os seus impulsos sexuais através de várias formas civilizadas e nunca tomaria uma mulher contra vontade dela.

No entanto, enquanto olhava para a menina Mitchell a passar com Paul, percebeu que era um animal. Uma coisa primitiva. Uma coisa bestial. E algo dentro de si queria atravessar a rua, e arrancar as mãos de Paul do corpo da menina Mitchell, e depois levá-la consigo. Beijá-la até a deixar sem sentidos, mover os lábios pelo seu pescoço e possuí-la.

Foda-se!

A ideia deixou O Professor assustado como o raio. Já não lhe bastava ser um imbecil e um idiota pomposo, era também um bronco Neandertal com um sentimento de propriedade sobre uma jovem que mal conhecia e o odiava. Para não mencionar o facto de essa jovem ser sua aluna.

Precisava de ir para a casa, deitar-se e respirar fundo até se acalmar.

Depois precisaria de outra coisa, qualquer coisa mais forte para acalmar os seus impulsos. Enquanto continuava o caminho para casa, arrancando-se dolorosamente à visão dos dois jovens juntos, pegou no seu *iPhone* e carregou rapidamente nalguns botões.

Uma mulher atendeu ao terceiro toque.

— Estou?

— Sim, sou eu. Posso ver-te esta noite?

Na quarta-feira seguinte, Julia ia a sair do edifício do departamento, depois do seminário de Emerson, quando ouviu uma voz familiar a chamá-la.

— Julia? Julia Mitchell, és tu?

Deu meia-volta e foi envolvida num abraço tão apertado que pensou que ia sufocar.

— Rachel — conseguiu dizer, enquanto tentava respirar.

A magra rapariga loura soltou um enorme guincho de alegria e abraçou Julia novamente.

— Tinha tantas saudades tuas. Há quanto tempo, nem acredito! O que é que estás aqui a fazer?

— Rachel, lamento muito. Por tudo, e pela tua mãe, e... tudo.

As duas amigas ficaram caladas na sua dor partilhada e abraçaram-se por um longo momento.

— Desculpa ter faltado ao funeral. Como está o teu pai? — perguntou Julia, a limpar as lágrimas.

— Está perdido, sem ela. Estamos todos. Está de licença de Susquehanna, neste momento, a tentar resolver algumas coisas. Eu também estou de licença, mas tive de me afastar. Porque não me disseste que estavas aqui? — censurou-a Rachel, lacrimosa.

Os olhos de Julia desviaram-se, embaraçados, da sua amiga para o professor Emerson, que acabara de sair do edifício e estava a olhar para ela de boca aberta como um bacalhau.

— Não sabia bem se ia aqui ficar. As primeiras semanas têm sido mesmo... eeh, difíceis.

Rachel, que era muito inteligente, reparou na energia estranha e algo conflituosa que irradiava entre o irmão adotado e a sua amiga, mas, naquele momento, ignorou-a.

— Vim dizer ao Gabriel que esta noite lhe faço o jantar. Vem jantar connosco.

Os olhos de Julia ficaram enormes e redondos, e ela pareceu ligeiramente em pânico.

Gabriel pigarreou.

— Hmm, Rachel, de certeza que a menina Mitchell está ocupada e tem outros planos.

O olhar de Julia cruzou-se com o dele, grávido de significado, e começou a anuir obedientemente.

Rachel deu meia-volta.

— *Menina Mitchell?* Ela era a minha melhor amiga na escola secundária, e somos amigas desde então. Não sabias? — Rachel estudou os olhos do irmão e não viu nada, nem sequer uma centelha de recordação. — Esqueci-me que nunca se tinham conhecido. De qualquer maneira, a tua atitude é um bocadinho de mais. Faz-me um favor, tira-me lá esse pau que tens enfiado no rabo.

Deu novamente meia-volta para ver Julia a engolir a própria língua. Ou, pelo menos, era o que parecia que ela estava a fazer, já que ficara azul e começara a tossir.

— Devíamos encontrar-nos antes para o almoço. Tenho a certeza que o profess... o teu irmão prefere ter-te só para si. — Julia forçou um sorriso, consciente do facto de Gabriel estar a fulminá-la com o olhar por cima da cabeça da irmã.

Rachel semicerrou os olhos.

— É o *Gabriel*, Julia. O que é que vos deu?

— Ela é minha aluna. Existem regras. — O tom de Gabriel começava a tornar-se cada vez mais frio e antipático.

— Ela é minha amiga, *Gabriel*. E eu quero que as regras se lixem! — Rachel olhou do irmão para a amiga e viu Julia de cabeça baixa a olhar para os sapatos e Gabriel carrancudo a olhar para as duas. — Alguém me diz, por favor, o que é que se passa?

Quando nem Julia nem Gabriel responderam, Rachel cruzou os braços à frente do peito e semicerrou os olhos. Pensou brevemente na observação de Julia sobre as primeiras semanas na universidade terem sido difíceis e chegou a uma pronta conclusão.

— Gabriel Owen Emerson, foste um imbecil para a Julia?

Julia conteve uma gargalhada, e Gabriel franziu o sobrolho. Apesar do silêncio de ambos, a reação de qualquer um dos dois foi suficiente para dizer a Rachel que a suspeita estava correta.

— Bem, eu não tenho tempo para este disparate. Vocês os dois vão ter de dar um beijinho e fazer as pazes. Só cá estou durante uma semana e espero passar montes de tempo com ambos. — Rachel agarrou cada um deles pelo braço e empurrou-os para o *Jaguar*.

Rachel Clark não era nada como o seu irmão adotado. Trabalhava como assistente do assessor de imprensa do presidente da Câmara de Filadélfia, o que parecia importante mas na realidade não era. De facto,

a maioria dos seus dias eram passados ou a revistar os jornais locais em busca de menções ao presidente ou a fotocopiar comunicados de imprensa. Em dias especialmente auspiciosos, era autorizada a atualizar o blogue do presidente. Em aparência, Rachel tinha feições finas e graciosas, com cabelo liso comprido, sardas, e olhos cinzentos. Era também muito comunicativa, o que, por vezes, exasperava o seu muito mais velho e introvertido irmão.

Gabriel manteve os lábios firmemente comprimidos durante a viagem até ao seu apartamento, enquanto as duas mulheres tagarelavam no banco de trás como um par de adolescentes, cheias de risinhos e reminiscências. Não lhe apetecia passar um serão com aquelas duas, mas a irmã estava a sofrer, naquele momento, e não queria fazer nada que aumentasse o seu sofrimento.

Pouco depois, o trio dois-terços-feliz estava a subir no elevador do Edifício Manulife, um impressionante prédio de luxo na Bloor Street. Quando saíram do elevador no último andar, Julia reparou que havia apenas quatro portas no patamar.

Uau. Estes apartamentos devem ser enormes.

Quando Julia entrou no apartamento e seguiu Gabriel pelo pequeno átrio para depois entrar na área central e conceito-open-space, percebeu porque a sensibilidade dele tinha ficado tão ofendida com o seu estúdio. O espaçoso apartamento tinha janelas do chão ao teto, veladas por dramáticas cortinas de seda azul-gelo, viradas a sul para a Torre CN e sobre o lago Ontário. O soalho era de uma luxuosa madeira escura, com tapetes persas a adorná-lo, e as paredes eram de um cinzento-claro.

A mobília da sala de estar parecia ter sido escolhida na Restoration Hardware, e abrangia um grande sofá de pele cor de chocolate com guarnições de ferro, dois cadeirões de pele a condizer e uma poltrona de orelhas de veludo vermelho que estava posicionada ao lado da lareira.

Julia olhou para a linda poltrona de orelhas com a otomana a condizer com uma boa dose de inveja. Seria o sítio perfeito para se sentar num dia de chuva enquanto bebericava uma chávena de chá e lia um livro preferido. Não que alguma vez fosse ter essa oportunidade.

A lareira era a gás e Gabriel suspendera um plasma por cima, como se fosse uma pintura. Várias peças de arte, pinturas a óleo e esculturas adornavam as paredes e alguma da mobília. Havia peças de vidro romano e cerâmica grega com a qualidade de um museu intercaladas com reproduções de esculturas famosas, incluindo a Vénus de Milo e o Apolo e Dafne de Bernini. De facto, pensou Julia, ele tinha até demasiadas esculturas, todas elas com mulheres nuas.

Mas não havia nenhuma fotografias pessoais. Considerava muito es-

tranho que houvesse fotografias a preto e branco de Paris, Roma, Londres, Florença, Veneza e Oxford mas nenhuma dos Clarks, nem sequer de Grace.

No espaço ao lado, perto da mesa de jantar, grande e formal, erguia-se um aparador de ébano. Julia apreciou a sua opulência e extensão. Estava despido, excetuando um grande jarro de cristal e um ornado tabuleiro de prata onde se viam vários decantadores com líquidos cor de âmbar, um balde de gelo e copos de cristal antiquados. O quadro era complementado com uma pinça de gelo de prata, encostada a uma pilha de pequenos guardanapos de linho branco com as iniciais G. O. E. bordadas. Julia riu para si mesma quando imaginou como ficariam aqueles guardanapos se o último nome de Gabriel fosse, por exemplo, *Davidson*.

Em suma, o apartamento do professor Emerson era esteticamente agradável, decorado com bom gosto, escrupulosamente limpo, intencionalmente masculino e muito, muito frio. Julia pensou brevemente se ele alguma vez traria mulheres àquele espaço glacial, depois tentou com muita força não imaginar o que faria com elas. Talvez tivesse um quarto para tais propósitos, para que elas não conspirassem as suas coisas preciosas... Passou uma mão pela fria bancada de granito preto da cozinha e estremeceu.

Rachel pôs de imediato o forno a aquecer e lavou as mãos.

— Gabriel, porque não fazes uma visita guiada à Julia, enquanto começo a fazer o jantar?

Julia tinha a mochila bem agarrada contra o peito, não querendo pôr um objeto tão ofensivo em cima da mobília dele. Gabriel tirou-lha das mãos e colocou-a no chão debaixo de uma mesinha. Ela sorriu-lhe em agradecimento e ele deu por si a sorrir também.

Não queria fazer uma visita guiada pelo seu apartamento à menina Mitchell. E não havia dúvida de que não lhe ia mostrar o seu quarto e as fotografias a preto e branco que adornavam aquelas paredes. Mas como Rachel estava ali a lembrar-lhe as suas obrigações de (relutante) amável anfitrião, não viu como escapar à visita aos outros aposentos.

Foi assim que chegou à porta do seu escritório, originalmente um terceiro quarto de dormir que ele convertera numa confortável biblioteca de trabalho, instalando prateleiras de madeira escura desde o chão até ao teto. Julia ficou de boca aberta a olhar para todos aqueles livros — títulos novos, e raros, e quase todos de capa dura, em italiano, latim, francês, inglês e alemão. A divisão, como o resto do apartamento, era intencionalmente masculina. As mesmas cortinas azul-gelo, o mesmo soalho escuro, com um tapete persa antigo centrado no chão.

Gabriel foi para trás da sua enorme secretária de carvalho trabalhado.

— Gosta? — Indicou o espaço da biblioteca com um gesto.

— Muito — disse Julia. — É linda.

Estendeu a mão para acariciar o veludo da poltrona de orelhas, a gêmea da outra que admirara junto à lareira. Mas pensou que ele não deveria gostar. O professor Emerson seria bem capaz de objetar a que se tocasse nas suas coisas, por isso deteve-se mesmo a tempo. Provavelmente ele dar-lhe-ia uma palmada, por lhe conspurcar a cadeira com os seus dedinhos sujos.

— Essa é a minha poltrona favorita. É bastante confortável, se a quiser experimentar.

Julia sorriu como se ele lhe tivesse dado um presente e sentou-se avidamente, puxando as pernas para debaixo do corpo e enroscando-se como uma gatinha.

Gabriel quase podia jurar que a ouviu ronronar. Sorriu com a visão dela ali, momentaneamente descontraída e quase feliz com um evento tão trivial. Levado por um capricho, decidiu mostrar-lhe uma das suas coisas mais valiosas.

— Tenho aqui uma coisa para lhe mostrar. — Fez-lhe sinal para se aproximar e ela foi colocar-se em frente da secretária.

Ele abriu uma gaveta e retirou dois pares de luvas de algodão branco.

— Calce-as. — Entregou-lhe um par, que ela aceitou mudamente, copiando os seus movimentos enquanto ele as ajustava aos dedos longos.

— Este é um dos meus bens mais preciosos — explicou, retirando uma grande caixa de madeira de uma gaveta que destrancou. Pousou a caixa na secretária e, por um horrível segundo, Julia teve medo do que poderia encontrar lá dentro.

Uma cabeça reduzida? Talvez de um antigo aluno de mestrado?

Ele abriu a caixa e retirou o que parecia ser um livro. Quando o abriu, tornou-se evidente que se tratava de uma série de rígidos envelopes de papel presos em acordeão, cada um legendado em italiano. Percorreu-os cuidadosamente até encontrar o envelope que queria, depois removeu qualquer coisa, segurando-a entre as duas mãos.

Julia abriu a boca ao ver o que era.

Gabriel sorriu com orgulho.

— Reconhece?

— Claro! Mas isto... isto não pode ser o original?

Ele riu-se baixinho.

— Infelizmente, não. Não estaria ao alcance da minha pequena fortuna. Os originais datam do século quinze. Estas são reproduções do século dezasseis.

Tinha na sua mão uma cópia da famosa ilustração de Dante e Beatriz e as estrelas fixas do Paraíso, cujo original fora pintado a caneta e tinta por Sandro Botticelli. A ilustração era de quarenta por cinquenta centímetros,

mais ou menos, e, embora fosse apenas a tinta sobre pergaminho, o pormenor era arrebatador.

— Como conseguiu isto? Não sabia que havia cópias.

— Não só há cópias como provavelmente foram feitas por um antigo aluno de Botticelli. Mas este conjunto está completo. Botticelli preparou uma centena de ilustrações d'*A Divina Comédia*, mas apenas noventa e duas delas sobreviveram. Eu tenho o grupo completo.

Os olhos de Julia ficaram enormes, brilhantes de excitação.

— Está a gozar.

Gabriel riu-se.

— Não, não estou.

— Fui ver os originais quando estavam emprestados à Galeria Uffizi em Florença. O Vaticano tem oito, acho eu, e o resto pertence a um museu de Berlim.

— Exato. Pensei que devia gostar.

— Mas nunca vi os outros oito.

— Ninguém viu. Deixe-me mostrar-lhe.

O tempo voou enquanto Gabriel mostrava a Julia os seus tesouros, e ela manteve-se muito calada na sua admiração até a voz de Rachel os chamar do corredor.

— Gabriel, arranja uma bebida à Julia, arranjas? E para de a aborrecer com as tuas porcarias antigas!

Ele revirou os olhos e Julia riu-se.

— Como é que os arranjou? Porque é que não estão num museu? — perguntou ela, enquanto o via a arrumar as suas ilustrações nos seus respectivos envelopes.

Gabriel comprimiu os lábios.

— Não estão num museu porque me recuso a cedê-los. E ninguém sabe que os tenho exceto o meu advogado, o meu agente de seguros e agora a menina.

A determinação no seu queixo indicava que ele queria encerrar a discussão sobre o assunto, por isso Julia decidiu não insistir.

Era provável que as ilustrações tivessem sido roubadas de um museu e que Gabriel as tivesse adquirido no mercado negro. Isso explicaria a sua reticência em revelar a sua existência ao mundo. Julia estremeceu quando percebeu que acabara de ver o que menos de meia dúzia de pessoas no mundo tinham visto. E eram tão maravilhosamente belas — verdadeiras obras de arte.

— Gabriel... — Rachel estava à porta, a olhá-lo com um ar reprovador.

— Está bem, está bem. O que deseja beber, menina Mitchell? — Saíram do escritório e ele dirigiu-se para o refrigerador de vinho na cozinha.

— Gabriel!

— Julianne?

Ela sobressaltou-se quando o nome saiu dos lábios dele. Rachel reparou naquela estranha reação e desapareceu num armário à procura das panelas e caçarolas do irmão.

— Aceito qualquer coisa, obrigada, prof... Gabriel. — Julia fechou os olhos com o prazer de poder finalmente pronunciar o nome dele. Depois instalou-se num dos elegantes bancos altos junto ao balcão de pequeno-almoço.

Gabriel escolheu uma garrafa de *Chianti* e pousou-a no balcão.

— Vou deixá-lo aquecer até à temperatura ambiente — explicou para ninguém em particular. Pediu licença e desapareceu, presumivelmente para ir vestir alguma roupa mais informal.

— Julia — sibilou Rachel, enquanto punha um monte de vegetais num dos lados do lavatório duplo. — O que é que se passa entre ti e o Gabriel?

— É melhor fazeres-lhe essa pergunta a ele.

— Estou a planear fazer. Mas porque é que ele se está a portar desta maneira tão esquisita? E porque não lhe disseste quem eras?

Julia parecia estar prestes a desatar a chorar.

— Pensei que ele se lembraria de mim. Mas não se lembra. — A sua voz tremia, e ela baixou o olhar para o colo.

Rachel estava confusa com as palavras da amiga e a sua reação exageradamente emotiva e voou de imediato para o seu lado para a envolver num abraço.

— Não te preocupes. Agora estou aqui e vou pô-lo na ordem. Ele tem coração, algures, debaixo de tudo o resto. Eu sei, que já o vi uma vez. Agora, ajuda-me a lavar os legumes. O borrego já está no forno.

Quando Gabriel regressou, abriu avidamente o vinho, com um sorriso malicioso. Estava em vias de receber um presente, e sabia-o. Sabia como era Julianne quando provava vinho e agora teria uma repetição da sua exibição erótica da outra noite. Sentiu-se estremecer mais do que uma vez com a expectativa, e desejou ter uma câmara de vídeo secretamente colocada no seu apartamento, algures. Provavelmente seria demasiado óbvio puxar da máquina fotográfica e começar a tirar fotografias.

Mostrou-lhe primeiro a garrafa, notando com aprovação a expressão impressionada que lhe passou pelo rosto quando ela leu o rótulo. Trouxera aquele *vintage* especial da Toscana e seria doloroso desperdiçá-lo num palato sem discernimento. Serviu um pouco no copo dela e recuou, a observar, tendo de se esforçar muito para não sorrir.

Como anteriormente, Julia fez girar o vinho muito devagar. Examinou-o à luz de halogéneo. Fechou os olhos e cheirou. Depois, fechou os lá-

bios beijáveis na borda do copo e provou-o lentamente, mantendo o vinho na boca por um ou dois segundos antes de engolir.

Gabriel suspirou, ao ver o vinho viajar ao longo da sua longa e elegante garganta.

Quando Julia abriu os olhos, viu Gabriel a oscilar ligeiramente na sua frente, os olhos azuis mais escuros, a respiração algo afetada, e a frente das suas calças cor de cinza... Olhou-o de sobrolho franzido. Com força.

— Sente-se bem?

Ele passou uma mão pelos olhos e obrigou-se à submissão.

— Sim. Desculpe. — Serviu-lhe um grande copo, depois outro para si, e começou a bebê-lo sensualmente, observando-a com intensidade sobre a borda do seu copo.

— Deves estar esfomeado, Gabriel. Eu sei como te transformas num animal quando tens fome. — Rachel falava por cima do ombro enquanto mexia alguma espécie de molho ao fogão.

— O que vamos comer com o borrego? — Ele estava a observar Julia como um falcão, enquanto ela levava o copo de vinho à boca suculenta mais uma vez e bebia um grande gole.

Rachel pousou uma caixa no balcão do pequeno-almoço.

— Cuscuz!

Julia cuspiu o vinho que tinha na boca, ensopando Gabriel e a sua camisa branca. Com o choque perante a súbita expetoração, deixou cair o copo de vinho, banhando-se a si mesma e ao soalho no processo. O copo de cristal desfez-se com o impacto aos pés do seu banco.

Gabriel começou a sacudir as gotas de vinho da dispendiosa camisa e praguejou. Alto. Julia caiu de joelhos e tentou rapidamente apanhar os estilhaços de vidro com as mãos nuas.

— Pare — disse ele em voz baixa, olhando-a do outro lado do balcão.

Julia continuou a sua missão desesperada, com as lágrimas a escaparem-se dos olhos.

— Pare — disse ele mais alto, dando a volta ao balcão.

Julia transferiu alguns dos estilhaços de vidro para a outra mão e tentou apanhar o resto, pedaço a pedaço, gatinhando pateticamente pelo chão como um cachorrinho ferido a arrastar uma pata partida.

— Pare! Pelo amor de Deus, mulher, pare com isso. Vai ficar toda cortada. — Gabriel aproximou-se ameaçadoramente, fazendo a sua fúria descer sobre ela desde o alto como a ira de Deus.

Puxou-a para cima pelos ombros e forçou-a a largar o vidro das mãos para uma tigela no balcão, antes de a guiar pelo corredor para o lavabo social.

— Sente-se — ordenou.

Julia sentou-se em cima da sanita fechada e soltou um soluço reprimido, com os ombros a tremer.

— Estenda as mãos.

Ela tinha as mãos manchadas de vinho tinto e com pequenos vestígios de sangue. Cristais de vidro cintilavam nos cortes na sua palma. Gabriel praguejou várias vezes e abanou a cabeça enquanto abria o armário dos medicamentos.

— Não ouve lá muito bem, pois não?

Julia pestanejou para reprimir as lágrimas, lamentando não as poder limpar com as mãos.

— E também não faz o que lhe dizem. — Ele olhou para ela e parou abruptamente.

Não sabia porque tinha parado e, se alguém lho perguntasse mais tarde, teria encolhido os ombros sem dar nenhuma explicação. Mas quando parou o que estava a fazer e viu aquela pobre criaturinha encolhida a um canto a chorar, sentiu... qualquer coisa. Qualquer coisa que não aborrecimento, ou fúria, ou culpa, ou excitação sexual. Sentiu compaixão por ela. E arrependimento por a ter feito chorar.

Baixou-se e começou a limpar-lhe as lágrimas muito ternamente com as pontas dos dedos. Reparou no pequeno som que saiu da boca dela assim que lhe tocou, e reparou novamente que a pele dela lhe parecia muito familiar. E, depois de lhe limpar as lágrimas, tomou-lhe o rosto pálido entre as mãos, inclinando-lhe o queixo para cima... e recuou rapidamente, começando a limpar-lhe os ferimentos.

— Obrigada — murmurou Julia, reparando no cuidado com que ele lhe removia o vidro das mãos. Usava uma pinça, procurando meticulosamente até os mais pequenos fragmentos na sua pele.

— De nada.

Quando todo o vidro tinha sido removido, verteu tintura de ido numas bolas de algodão.

— Isto vai arder.

Viu-a preparar-se para o seu toque, e retraiu-se um pouco. Não gostava da perspectiva de a magoar. E ela era tão suave e tão frágil. Levou um minuto e meio a ganhar coragem para lhe pôr a tintura nos cortes e, durante todo esse tempo, ela ficou ali sentada, de olhos muito abertos e a morder o lábio, à espera que ele avançasse.

— Pronto — disse ele com a voz rouca, enquanto limpava o último sangue. — Agora está melhor.

— Desculpe ter-lhe partido o copo. Eu sei que era de cristal. — A voz suave da aluna interrompeu-lhe os devaneios enquanto ele devolvia os artigos de primeiros socorros ao armário dos medicamentos.

Ele acenou-lhe com uma mão.

— Tenho dúzias deles. Há uma loja de cristal lá em baixo. Vou buscar outro quando precisar.

— Eu gostaria de o substituir.

— Não conseguia. — As palavras escaparam-se-lhe da boca sem o perceber. Observou com horror quando a cara de Julia se ruborizou primeiro, e depois ficou pálida. A sua cabeça baixou-se, claro, e ela começou a mastigar o interior da bochecha.

— Menina Mitchell, eu nem sequer sonharia em aceitar o seu dinheiro. Isso violaria as regras da hospitalidade.

E isso nunca poderia acontecer, pensou Julia.

— Mas sujei-lhe a camisa. Por favor, deixe-me pagar a limpeza.

Gabriel baixou o olhar para a sua linda camisa branca, obviamente arruinada, e proferiu uma praga dentro da sua cabeça. Gostava daquela camisa. Fora Paulina que lha comprara em Londres. E o cuspo de Julia misturado com o *Chianti* nunca haveria de sair.

— Também tenho várias iguais a esta — mentiu ele suavemente. — E tenho a certeza que as manchas vão sair. A Rachel ajuda-me.

Julia varria o lábio inferior com os dentes para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Gabriel viu o movimento, e este deixou-o algo tonto, como uma espécie de náusea causada pelo balouçar de um navio, mas os lábios dela eram tão vermelhos e convidativos que não conseguia desviar o olhar. Era um pouco como ver um acidente de carro enquanto se estava ao convés de uma embarcação.

Baixou-se e deu-lhe uma palmadinha nas costas da mão.

— Os acidentes acontecem. Ninguém teve culpa. — Sorriu e foi recompensado com um sorriso muito bonito, quando ela soltou o lábio inferior.

Olhem para ela. Desabrocha mesmo com a simpatia. Como uma rosa a abrir as pétalas.

— Ela está bem? — perguntou Rachel, aparecendo de súbito ao seu lado.

Gabriel retirou a mão rapidamente e suspirou.

— Sim. Mas parece que a Julianne odeia cuscuz. — Piscou-lhe o olho às escondidas e viu o rubor espalhar-se das bochechas para toda a superfície da sua pele de porcelana. Era mesmo um anjo de olhos castanhos.

— Tudo bem. Então eu faço antes arroz *pilaf*. — Rachel desapareceu e Gabriel seguiu-a, deixando Julia a tentar impedir que o coração lhe escapasse do peito.

Enquanto Rachel voltava a guardar os cereais recusados no frigorífico, Gabriel voltou ao seu quarto para mudar a camisa suja, depositando-a com

não pouca pena no lixo. Depois juntou-se à irmã na cozinha para limpar o vidro partido e o vinho do chão.

— Há umas coisas que preciso de te contar sobre a Julia — começou ela, falando por cima do ombro.

Gabriel levou os estilhaços de vidro para o caixote do lixo.

— Prefiro não ouvir.

— O que é que se passa contigo? Ela é minha amiga, pelo amor de Deus!

— E é *minha* aluna. Eu não devia saber nada sobre a sua vida pessoal. O facto de ser tua amiga já apresenta um conflito de interesses de cuja existência não estava consciente.

Rachel encolheu os ombros e abanou a cabeça teimosamente, e os seus olhos cinzentos escureceram.

— Sabes que mais? Não me interessa! Eu adoro-a e a mamã também. Só tens de te lembrar disso na próxima vez que te sentires tentado a gritar com ela.

»*Ela foi esmagada*, seu idiota. Foi por isso que não se manteve em contacto comigo neste último ano. E agora que, finalmente, saiu do seu casulo, um casulo, posso acrescentar, do qual pensei que nunca sairia, tu queres forçá-la a voltar lá para dentro com a tua... a tua arrogância e condescendência! Por isso, para com essa treta de inglês emproado, essa atitude de Rochester-Mr. Darcy-Heathcliff, e trata-a como o tesouro que ela é!

Gabriel endireitou a coluna e lançou-lhe um olhar fulminante.

Ela não recuou. Nem se encolheu. De facto, até cresceu ainda mais para ele. Quase ameaçadora.

— Tudo bem, Rachel.

— Ótimo. Até me custa acreditar que não reconheceste o seu nome, depois de todas as vezes que te contei como ela adorava Dante. Quero dizer, quantos entusiastas de Dante de Selinsgrove é que tu conheces?

Ele aproximou-se da irmã e depositou-lhe um beijo na testa franzida.

— Tem lá calma comigo, Rach. Sabes que tento não pensar em nada que esteja relacionado com Selinsgrove, enquanto o puder evitar.

A fúria de Rachel derreteu-se com estas palavras, e ela abraçou o irmão com força.

— Eu sei.

Algumas horas e outra garrafa de *Chianti* depois, Julia levantou-se para partir.

— Obrigada pelo jantar. Tenho de voltar para casa.

— Nós levamos-te — ofereceu Rachel, desaparecendo para ir buscar o seu casaco.

Gabriel franziu o sobrolho e pediu licença, para ir atrás dela.

— Tudo bem. Eu posso ir a pé. Não é longe — tentou Julia chamar os irmãos.

— Nem penses. Está escuro lá fora, e não me interessa que Toronto seja seguro. Além disso, está a chover — gritou-lhe Rachel, antes de se ver envolvida numa acesa discussão com Gabriel.

Julia dirigiu-se para a porta para não ter de o ouvir dizer que não queria levá-la a casa. Mas os irmãos reapareceram pouco depois, e os três dirigiram-se para o elevador. Mesmo quando este estava a chegar, o telemóvel de Rachel tocou.

— É o Aaron. — Abraçou fortemente Julia. — Tenho estado a tentar falar com ele todo o dia, e ele tem estado em reuniões. Vamos combinar um almoço. Não precisas de te preocupar, mano, tenho a tua chave suplente!

Rachel voltou para o apartamento, deixando um carrancudo Gabriel e uma Julia pouco à vontade para apanharem o elevador para a garagem.

— Alguma vez me ia dizer quem era? — A voz dele era ligeiramente acusadora.

Julia abanou a cabeça e abraçou a sua ridícula mochila com mais força.

Ele olhou para o saco dos livros e decidiu naquele preciso momento que aquilo tinha de desaparecer. Se tivesse de ver aquela coisa odiosa uma vez mais que fosse, ia enlouquecer. E Paul tocara-lhe, o que significava que estava poluída. Ela tinha de a deitar fora.

Gabriel conduziu-a até ao seu lugar na garagem e Julia dirigiu-se de imediato para o banco do passageiro do *Jaguar*.

Ele pressionou um botão e o *Range Rover* ao lado do *Jaguar* destrancou-se.

— Hum, vamos levar antes este. A tração às quatro rodas é melhor com a chuva. Não gosto de sair com o *Jaguar* com este tempo, se não for obrigado a isso.

Julia tentou ocultar o seu olhar de surpresa perante o embaraço de Gabriel com os seus bens, especialmente quando ele lhe abriu a porta e a ajudou a entrar. Quando se instalou no assento, perguntou-se se ele sentira a conexão que passara entre ambos quando lhe tocara no braço. Sentira, claro.

— Deixou-me fazer figura de imbecil. — Ele fez o carro sair da garagem, carrancudo.

Foste tu que a fizeste sozinho, obrigada. O pensamento não pronunciado de Julia pairou no ar entre os dois, e ela perguntou-se brevemente se O Professor seria bom a ler deixas não-verbais.

— Eu tê-la-ia tratado de outra maneira. Tê-la-ia tratado melhor, se soubesse.

— Teria? A sério? E iria à procura de outro aluno para maltratar? Se

for esse o caso, fico contente por ter dirigido a sua raiva para cima de mim. Assim, não precisou de a atirar para cima de mais ninguém.

Gabriel fez-lhe um olhar frio.

— Isso não muda nada. Fico contente por ser amiga da Rachel, mas não deixa de ser minha aluna, o que significa que precisamos de ser profissionais, menina Mitchell. E terá cuidado com a maneira como fala comigo, agora e no futuro.

— Sim, professor Emerson.

Ele estudou-lhe a face em busca de qualquer sinal de sarcasmo, mas não encontrou nenhum. Viu-a de ombros encolhidos e a cabeça baixa. Fizeram a sua pequena rosa murchar.

A sua pequena rosa? Mas que raio, Emerson!

— A Rachel está feliz por a ter encontrado aqui. Sabia que ela estava comprometida?

Julia abanou a cabeça.

— Estava? Já não está?

— O Aaron Webster pediu-a em casamento, e ela aceitou, mas isso foi antes de a Grace... — Ele suspirou lentamente. — A Rachel não está com vontade de planear um casamento, por isso cancelou tudo. É por essa razão que aqui está.

— Oh, não, tenho tanta pena. Pobre Rachel. — Suspirou. — Pobre Aaron! Eu adoro-o.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Eles continuam juntos. O Aaron adora-a, obviamente, e concordou que ela precisava de se afastar por um tempo. Houve muita... discussão na casa dos meus pais, quando eu lá estive. Ela veio visitar-me para se escapar. O que dá vontade de rir, na realidade, uma vez que sou a ovelha negra da família e ela é a preferida.

Julia anuiu, como se compreendesse.

— Eu tenho um problema com a fúria, menina Mitchell. Tenho mau génio. Tenho dificuldade em controlá-lo e, quando perco a cabeça, consigo ser muito destrutivo.

Os olhos de Julia cresceram ao ouvir esta declaração, e a sua boca abriu-se ligeiramente, mas ela não disse nada.

— Seria... pouco aconselhável perder a cabeça perto de alguém como a menina Mitchell. Seria muito prejudicial, para ambos. — A declaração era tão honesta e tão assustadora que as palavras arderam dentro dela como fogo.

— A ira é um dos sete pecados mortais — observou ela, enquanto se virava para olhar pela janela, a tentar aliviar a sensação de ardor no seu íntimo.

Ele riu-se amargamente.

— Na verdade, eu tenho os sete; não se dê ao trabalho de contar. Orgulho, inveja, ira, preguiça, avareza, gula, *luxúria*.

Ela ergueu uma sobrancelha, mas não se virou.

— Não sei porquê, duvido.

— Não estou à espera que compreenda. A menina é só um íman para o acidente, menina Mitchell, enquanto eu sou um íman para o pecado.

Ela voltou-se finalmente para ele. Viu-o sorrir com um ar de resignação, e ofereceu-lhe um sorriso de compreensão em resposta.

— O pecado não é algo que possa ser atraído para um ser humano, professor. É ao contrário.

— Pela minha experiência, não concordo. O pecado parece conseguir encontrar-me mesmo quando não o procuro. E eu não sou muito bom a resistir à tentação.

Olhou-a de relance, depois voltou a olhar para a estrada.

— A sua amizade com a Rachel explica porque enviou as gardénias. E porque assinou o cartão como assinou.

— Fiquei muito triste com a morte da Grace. Também a adorava.

Ele olhou para os olhos dela. Eram bondosos e transparentes, e, no entanto, continham vestígios de tristeza e incalculável perda.

— Agora percebo isso — admitiu.

— Tem rádio por satélite? — Julia indicou a consola enquanto ele ligava o rádio e carregava num dos botões das rádios programadas.

— Sim. Normalmente ouço uma das estações de *jazz*, mas depende da minha disposição.

Julia estendeu um dedo hesitante para o rádio, mas retirou a mão.

Gabriel sorriu com a sua reticência, lembrando-se da maneira como a ouvira ronronar quando lhe dera permissão para se enroscar na sua cadeira favorita. Queria fazê-la ronronar outra vez.

— Tudo bem. Pode escolher qualquer coisa.

Ela foi percorrendo as rádios, sorrindo com as escolhas dele, que incluíam a estação francesa CBC e a BBC News, até chegar à última, que dizia Nine Inch Nails.

— Há uma estação inteira dedicada aos Nine Inch Nails? — Julia parecia incrédula.

— Há. — Gabriel retesou-se um pouco, como se ela tivesse revelado um segredo embaraçoso.

— E gosta deles?

— Quando estou numa determinada disposição.

Julia carregou no botão da estação de *jazz*.

Gabriel sentiu, mais do que observou, a reação visceral da mulher ao seu lado. Não a compreendeu, mas decidiu não investigar.

Julia odiava Nine Inch Nails. Mudava de estação sempre que apareciam na rádio. Se uma música deles estava a tocar em qualquer lado, saía da sala ou do edifício. Os sons da sua música, e especialmente a voz de Trent Reznor, horrorizavam-na, embora nunca tivesse contado a ninguém a razão.

Ouvira-os pela primeira vez numa discoteca em Filadélfia. Estava a dançar com *ele*, e *ele* estava a roçar-se todo contra ela. Não se importara ao princípio; *ele* era sempre assim, mas depois viera aquela música, e, assim que a música começara, Julia sentira-se ligeiramente enjoada. Era a estranha sequência nos primeiros acordes, depois era a voz, depois era a letra sobre foder como um animal, e o ar na sua cara quando *ele* encostara a testa à dela e lhe sussurrara, olhando-a diretamente na sua alma.

Independentemente das crenças religiosas de Julia e as suas pouco convincentes tentativas para rezar a deuses e deidades menores, acreditara naquele momento que ouvira a voz do Diabo. Lúcifer em pessoa tinha-a entre os braços e estava a falar-lhe baixinho. E essa ideia, juntamente com as palavras dele, assustaram-na.

Julia arrancara-se dos seus braços e fugira para a casa de banho; olhara para a rapariga pálida e a tremer ao espelho e perguntara-se que raio acabara de acontecer. Não sabia porque *ele* lhe falara daquela maneira nem porque escolhera aquele momento para confessar. Porém, conhecia-o o suficiente para saber que a letra repetida era uma confissão das suas mais profundas e talvez mais negras intenções, e não apenas uma repetição desatenta.

Mas Julia não queria ser fodida como um animal; queria ser amada. Teria jurado sexo para sempre se pensasse que isso lhe asseguraria o tipo de amor que era a matéria-prima da poesia e do mito. Era esse tipo de afeição por que ansiava desesperadamente mas não acreditava merecer. Queria ser a musa de alguém — ser adorada e venerada, de corpo e alma. Queria ser a Beatriz de algum feroso e nobre Dante, e habitar o Paraíso com ele para sempre. Viver uma vida que rivalizaria em beleza com as ilustrações de Botticelli.

E era por isso que, aos vinte e três anos, Julia Mitchell continuava virgem e mantinha a fotografia do homem que a estragara para os outros ao fundo da gaveta da roupa interior. Durante os últimos seis anos, dormira com a fotografia debaixo da almofada. Nenhum homem chegara a comparar-se com ele; nenhum sentimento de afeição alguma vez se aproximara do amor e devoção que ele lhe inspirara. Todo o seu relacionamento se baseava numa única noite, uma noite que ela revivia nas suas recordações vez após vez...

Capítulo Sete

Julia arrumou a bicicleta ao lado da grande casa branca dos Clarks e dirigiu-se para o alpendre da frente. Nunca batia à porta quando os visitava, por isso esquivou-se às escadas e abriu a porta de correr. O que encontrou lá dentro deixou-a chocada.

A mesa de centro de vidro da sala estava partida, e havia salpicos de sangue na carpete. As cadeiras e almofadas estavam todas espalhadas, e Rachel e Aaron estavam sentados no sofá da sala, abraçados. Rachel estava a chorar.

Julia parou ali de boca aberta, horrorizada.

— O que aconteceu?

— O Gabriel — disse Aaron.

— O Gabriel? Está ferido?

— Ele está bem! — Rachel riu-se quase histericamente. — Está em casa há menos de vinte e quatro horas e já se meteu num concurso de empurrões com o meu pai, fez a minha mãe chorar duas vezes e mandou o Scott para o hospital.

Aaron continuava a esfregar as costas da namorada para a confortar, com uma expressão sombria no rosto.

Julia conteve a respiração.

— Porquê?

— Quem sabe? Nunca ninguém sabe o que se passa com ele. Armou uma discussão com o meu pai, a minha mãe meteu-se entre os dois e o Gabriel empurrou-a. O Scott disse que o matava se voltasse a tocar-lhe. Por isso o Gabriel deu-lhe um soco e partiu-lhe o nariz.

Julia olhou para os pedaços de vidro que pareciam agora encastrados com sangue na carpete. Cerca de uma dúzia de bolachas, agora esmagadas, estavam espalhadas em cima e em volta do vidro, juntamente com o que restava do que parecia ser um par de chávenas de café.

— E isto? — Apontou a macabra confusão.

— O Gabriel empurrou o Scott para cima da mesa de centro. O Scott e o pai estão no hospital, a minha mãe trancou-se no quarto e eu vou passar a noite com o Aaron.

Rachel começou a puxar o namorado para a porta principal.

Julia ficou no mesmo sítio, sem se conseguir mexer.

— Se calhar, vou tentar falar com a tua mãe.

— Não posso ficar nesta casa nem mais um minuto. A minha família acabou de ser destruída. — Com isto, Rachel saiu acompanhada de Aaron.

Julia tencionava subir as escadas para ir em busca de Grace, mas ouviu um barulho que vinha da direção da cozinha, por isso dirigiu-se silenciosamente para as traseiras da casa. Pela porta aberta, viu alguém sentado no alpendre a levar uma garrafa de cerveja aos lábios. Um maciço de cabelos castanhos cintilava à luz do entardecer. Julia reconheceu-o das fotografias de Rachel.

Antes de ter tempo de pensar, os seus pés encaminharam-na para a porta das traseiras e ela deu por si a sentar-se numa espreguiçadeira a alguma distância, com os joelhos puxados para debaixo do queixo. Abraçou as pernas e olhou para ele.

Ele ignorou-a.

Julia percorreu-o com os olhos, esperando gravar a visão na sua memória. Era bem mais bonito em pessoa. Observou os olhos azuis raiados de sangue, que eram intensos debaixo das suas sobrancelhas castanhas. Seguiu o ângulo das suas maçãs do rosto altas, o nariz direito e nobre e a lisura do queixo, notando a barba de dois ou três dias que lhe ensombrecia a pele e o vestígio de uma covinha. Os seus olhos detiveram-se nos lábios cheios, reparando na curva e voluptuosidade do inferior antes de conseguir desviar relutantemente o olhar para as nódoas negras.

Gabriel tinha nódoas negras e sangue na mão direita e qualquer coisa púrpura na face esquerda. O punho de Scott atingira o alvo, mas, surpreendentemente, Gabriel continuava consciente.

— Chegaste um bocado atrasada para o espetáculo das seis horas. Acabou há trinta minutos. — A voz dele era suave, e quase tão agradável como as suas feições. Julia pensou momentaneamente em como seria ouvir aquela voz pronunciar o seu nome.

Arrepiou-se.

— Está aqui um cobertor. — Ele apontou para um grande cobertor de lã aos quadrados que estava amarfanhado ao lado da sua anca. Sem a olhar, deu uma palmadinha no tecido.

Julia olhou-o cautelosamente. Parecendo-lhe que a sua fúria arrefecera, aproximou-se e sentou-se num banco próximo, mantendo ainda uma dis-

tância saudável entre ambos. Perguntou-se se ele seria rápido a correr. E se ela seria rápida a correr, se o rapaz a tentasse apanhar.

Ele estendeu-lhe o cobertor.

— Obrigada — murmurou ela, puxando-o para cima dos ombros.

Pelo canto do olho, observou como ele encaixara descontraidamente o seu tamanho considerável na cadeira *Adirondack*. Os seus ombros pareciam mais largos com o casaco de pele preta, os seus peitorais eram visíveis sob o tecido da t-shirt preta justa. As suas longas pernas enchiam-lhe bem as calças de ganga pretas, e Julia reparou que ele parecia mais alto e mais pesado do que nas velhas fotografias da irmã.

Queria dizer alguma coisa. Queria perguntar-lhe porque se passara com a família mais simpática que ela alguma vez conhecera. Mas era demasiado tímida e tinha demasiado medo dele para o fazer. Por isso, perguntou-lhe antes se tinha um abre-garrafas.

Ele franziu o sobrolho antes de retirar um do bolso de trás e lho passar. Julia agradeceu e continuou ali sentada em silêncio. Ele virou-se para o *pack* de cerveja meio vazio atrás de si, escolheu uma garrafa e estendeu-lha.

— Com licença — disse ele, agora a olhá-la e a sorrir. Voltou a pegar no abre-garrafas, retirou a cápsula num movimento ágil e fez tocar as duas garrafas. — À nossa.

Julia provou a bebida educadamente, tentando não se engasgar quando o estranho sabor fermentado lhe entrou na boca. Soltou um pequeno som inconscientemente e ficou à espera.

— Já tinhas bebido alguma cerveja? — Gabriel sorria de esguelha.

Ela abanou a cabeça.

— Então fico feliz por ser o teu primeiro.

Ela corou e escondeu o rosto atrás do longo cabelo cor de mogno.

— O que estás aqui a fazer? — Gabriel tinha uma expressão de curiosidade.

Julia fez uma pausa, a pensar como deveria responder àquilo.

— Fui convidada para jantar. — *Estava com esperança de te conhecer, finalmente.*

Gabriel riu-se.

— Acho que o jantar é coisa que também consegui estragar. Bem, menina Olhos Castanhos, pode juntar isso à minha conta.

— Vais dizer-me o que aconteceu? — Ela mantinha a voz baixa e tentava não a deixar tremer.

— Vais dizer-me porque é que ainda não fugiste? — Os seus olhos azuis encontraram os dela, e eram severos.

Ela voltou a baixar a cabeça, esperando que o ato de submissão esfriasse aquele súbito assomo de raiva. Ficar ali sentada com Gabriel depois do

que acontecera era uma estupidez. Ele estava bêbado, e não havia ninguém que a salvasse, se viesse a tornar-se violento. Aquela era a sua hipótese de se ir embora.

Inexplicavelmente, porém, o braço de Gabriel ergueu-se para fechar a distância entre ambos. Puxou-lhe o cabelo para trás dos ombros, os seus dedos a percorrerem-lhe as ondas suavemente, muito suavemente, antes de se retirarem. Uma espécie de conexão voou dos dedos dele para o seu cabelo. Julia absorveu esta sensação e gemeu de novo baixinho, esquecendo-se inteiramente da pergunta dele.

— Cheiras a baunilha — observou ele, virando o corpo de lado para a poder olhar como devia ser.

— É o meu champô.

Gabriel terminou a sua cerveja e abriu outra, bebendo um longo trago da garrafa antes de se voltar novamente para ela.

— Não devia ter sido assim.

— Eles amam-te, sabes? Só falam em ti.

— O filho pródigo. Ou talvez um demónio. O demónio Gabriel. — Riu amargamente e terminou a cerveja em quase um único gole. Abriu outra.

— Estavam tão felizes por estares de volta. Foi por isso que a tua mãe me convidou para jantar.

— Ela não é minha mãe. E talvez a Grace te tenha convidado porque sabia que eu precisava de um anjo de olhos castanhos para me guardar.

Debruçou-se para a frente para lhe poder segurar o rosto entre as mãos. Julia inspirou bruscamente quando o toque dele a surpreendeu, quando viu os seus grandes olhos azuis a olhá-la com inebriada surpresa. Gabriel passou o polegar pela sua pele ruborizada e hesitou, quase como se estivesse a absorver o calor da sua pele. Quando retirou a mão, Julia quase gritou com a sensação de perda.

Ele pousou a garrafa no chão do alpendre e levantou-se rapidamente.

— O Sol está a pôr-se. Queres vir dar um passeio?

Ela mordeu o lábio. Sabia que não devia. Mas aquele era o Gabriel da fotografia, e possivelmente era a sua única oportunidade de o ver e de passar tempo na sua presença. Depois do que acontecera previamente, duvidava que ele voltasse a casa. Pelo menos, durante muito, muito tempo.

Pôs o cobertor de lado e levantou-se.

— Traz o cobertor — disse ele. Ela instalou-o debaixo do braço e ele tomou-lhe a mão pequena na sua.

Julia conteve a respiração. Uma sensação de formigueiro começou a formar-se nas pontas dos seus dedos e viajou-lhe lentamente pelo braço acima até atingir o ombro e deslizar para o seu coração, fazendo-o bater muito mais depressa.

Ele aproximou a cabeça da dela.

— Alguma vez deste a mão a um rapaz? — Ela abanou a cabeça e ele riu-se suavemente. — Então ainda bem que sou o teu primeiro.

Caminharam lentamente para o bosque, desaparecendo de vista da casa dos Clarks. Julia gostava da forma como a sua mão cabia na dele e como os dedos longos de Gabriel se fechavam nos seus. Ele segurava-a suavemente mas com firmeza, apertando-lhe a mão de tempos a tempos, talvez para a assegurar da sua presença. Julia começou a pensar que andar de mão dada com alguém devia ser sempre assim. Não que tivesse qualquer experiência.

Só se aventurara naquele bosque uma ou duas vezes anteriormente, e sempre com Rachel. Sabia que, se alguma coisa corresse mal, o mais provável seria perder-se a tentar encontrar o caminho de regresso a casa. Afastou esses pensamentos para o fundo da mente e concentrou inteiramente a atenção na sensação de agarrar a mão forte e quente do enigmático Gabriel.

— Costumava passar aqui muito tempo. É tão pacífico. Ali à frente há um velho pomar de macieiras. A Rachel alguma vez to mostrou?

Julia abanou a cabeça.

Gabriel baixou o olhar para ela com o que parecia ser uma expressão séria.

— És horrivelmente calada. Podes falar comigo. Prometo que não mordo. — Mostrou-lhe um dos seus sorrisos conquistadores, um que Julia reconheceu das fotografias de Rachel.

— Porque é que vieste a casa?

Ele ignorou a pergunta de Julia e continuou a andar, mas ela reparou que a mão que segurava a sua a apertava com mais força. Ela fez o mesmo, como sinal de que não tinha medo. Embora tivesse.

— Não queria vir a casa, não desta maneira. Perdi uma coisa, e tenho andado bêbado há semanas.

A honestidade de Gabriel surpreendeu-a.

— Mas, se perdeste alguma coisa, talvez a possas tentar encontrar.

Ele semicerrou os olhos.

— O que perdi está perdido para sempre.

Começou a andar mais depressa, e Julia teve de apressar o passo só para o acompanhar.

— Vim pedir dinheiro. Podes ver o tipo de pessoa desesperada e absolutamente fodida que eu sou. — A voz de Gabriel suavizou-se e Julia sentiu-o estremecer. — Era fodido mesmo antes de destruir tudo e todos. Antes de chegares.

— Lamento.

Ele encolheu os ombros e começou a arrastá-la para a esquerda.

— Estamos quase a chegar.

Por uma abertura nas árvores, entraram numa pequena clareira com um denso tapete de erva. Flores silvestres, trepadeiras e velhos cepos de árvores apodrecidos juncavam a extensão de verde. O ar era silencioso e vibrava de paz. E ao fundo da clareira erguiam-se várias macieiras antigas, de aspeto penoso e extenuado.

— É aqui. — Fez um gesto largo. — Isto é o Paraíso.

Puxou Julia para uma grande rocha que se erguia inexplicavelmente ao fundo da clareira e ergueu-a pela cintura para a sentar em cima. Depois subiu para o seu lado. Julia estremeceu. A rocha estava gelada à sombra do Sol descendente e fazia-a arrepiar-se por entre as finas calças de ganga.

Gabriel despiu o casaco e colocou-lho em volta dos ombros.

— Vais apanhar uma pneumonia e morrer — disse ele distraidamente, pondo-lhe um braço em volta e puxando-a contra si. O seu calor corporal irradiava-lhe dos braços nus e da t-shirt, aquecendo-a de imediato.

Ela inspirou profundamente e suspirou de contentamento, maravilhando-se com a forma como se encaixava debaixo do seu braço. Como se tivesse sido feita para ele.

— Tu és a Beatriz.

— Beatriz?

— A Beatriz de Dante.

Julia corou.

— Não sei quem é.

Gabriel riu para si mesmo, o seu hálito quente contra o rosto dela enquanto lhe roçava a orelha com o nariz.

— Não te contaram? Não te contaram que o filho pródigo está a escrever um livro sobre Dante e Beatriz?

Quando Julia não respondeu, ele levou os lábios ao alto da sua cabeça e depositou-lhe um beijo suave contra os cabelos.

— Dante era poeta. Beatriz, a sua musa. Quando a conheceu, ela era muito nova, mas amou-a de longe durante toda a vida. Beatriz foi a sua guia pelo Paraíso.

Julia tinha os olhos fechados enquanto ouvia a voz dele e inalava o perfume colado na sua pele. Ele cheirava a almíscar e a suor e cerveja, mas Julia ignorou essas distrações e concentrou-se no odor que era Gabriel, algo muito masculino e potencialmente perigoso.

— Há um quadro de um artista chamado Holiday. És parecida com a sua Beatriz. — Gabriel levou-lhe os dedos pálidos aos lábios, beijando-lhe a pele com reverência.

— A tua família adora-te. Devias fazer as pazes com eles. — As pala-

vras de Julia surpreenderam-na a ela própria, mas ele apenas a puxou mais contra si.

— Não são a minha família. Não realmente. E é tarde de mais, de qualquer maneira, Beatriz.

Julia sobressaltou-se com o nome e percebeu que a cerveja, definitivamente, lhe fizera mal. Mas não retirou a cabeça do ombro dele. Um pouco mais tarde, sentiu-o passar-lhe a mão pelo braço, a tentar atrair a sua atenção.

— Não tiveste o teu jantar.

Ela abanou a cabeça.

— Não.

— Posso dar-te de comer?

Embora isso lhe provocasse tristeza, ergueu a cabeça do ombro dele. Gabriel sorriu-lhe e dirigiu-se para uma das macieiras remanescentes. Estudou os galhos com frutos e escolheu a maçã maior e mais madura antes de apanhar outra mais pequena. Pôs a maçã mais pequena no bolso enquanto se dirigia para ela.

— Beatriz. — Sorriu e ofereceu-lhe a maçã.

Julia olhou para ela, hipnotizada, como se fosse um tesouro.

Gabriel riu-se e estendeu-lhe o fruto na sua palma direita, da maneira como uma criança ofereceria um cubo de açúcar a um pónei. Julia pegou na maçã e levou-a de imediato aos lábios, dando uma firme dentada.

Ele viu-a mastigar; viu-a engolir. Depois, com silenciosa satisfação, retomou a sua posição inicial, com o braço firmemente em volta da cintura dela. Pressionou-lhe suavemente a cabeça contra o seu ombro e começou a comer a maçã mais pequena que escondera no bolso.

Ficaram sentados muito quietos enquanto o sol se punha, e, mesmo antes de o pomar ficar coberto pela escuridão, Gabriel tirou o cobertor de debaixo do braço de Julia e estendeu-o como uma cama na erva.

— Vem, Beatriz. — Estendeu-lhe a mão.

Julia sabia que seria uma tolice pegar-lhe na mão e sentar-se com ele no cobertor. Mas não se importou. Desenvolvera uma paixão por ele desde a primeira vez que Rachel lhe mostrara a sua fotografia, que depois roubara. Agora que ele estava ali, real, a respirar, vivo, em corpo, a única coisa que podia fazer era aceitar a sua mão.

— Alguma vez te deitaste ao lado de um rapaz para observar as estrelas? — Ele puxou-a sobre o cobertor e observou-a enquanto se deitavam de costas.

— Não.

Gabriel entrelaçou os dedos nos dela e pousou aquela conexão que era só deles em cima do seu coração. Julia sentiu-o bater lentamente debaixo da sua mão e tranquilizou-se com o seu ritmo compassado.

— És linda, Beatriz. Como um anjo de olhos castanhos.

Julia virou a cabeça para o poder olhar e sorriu.

— Eu acho que és lindo. — Começou timidamente a percorrer-lhe o queixo com os dedos, maravilhando-se com a sensação da barba por fazer sob a sua mão.

Ele sorriu com o toque dos seus dedos e fechou os olhos. Ela delineou-lhe suavemente as feições durante um longo momento, até sentir o braço cansado.

Gabriel abriu os olhos.

— Obrigado.

Julia sorriu e apertou-lhe a mão, e sentiu o coração dele saltar com o seu movimento.

— Alguma vez foste beijada por um rapaz?

Ela corou profundamente e abanou a cabeça.

— Então, fico feliz por ser o teu primeiro. — Gabriel ergueu-se sobre o cotovelo e inclinou-se para a frente. Os seus olhos brilhavam suavemente, e os seus lábios sorriam-lhe.

Julia conseguiu fechar os olhos antes de aquela boca perfeita se encontrar com a sua. Começou a flutuar.

Os lábios de Gabriel eram quentes e convidativos, e ele abriu-os cuidadosamente sobre a boca dela, como se tivesse medo de a magoar. Não sabendo beijar, e ligeiramente assustada, Julia manteve a boca fechada. Gabriel ergueu a mão à curva do rosto dela, acariciando-lhe a pele com o polegar enquanto os seus lábios se moviam suavemente sobre os dela.

O beijo não foi o que ela esperara.

Esperara que Gabriel fosse desatento, ligeiramente agreste. Esperara que o seu beijo fosse desesperado e urgente, e talvez que as pontas dos seus dedos lhe vagueassem ao longo da pele e descessem pelo seu corpo a sítios que não estava preparada para deixar tocar. Mas ele manteve as mãos onde estavam, uma a acariciar-lhe o fundo das costas, a outra na sua face. O beijo foi terno e doce — o tipo de beijo que ela imaginava um apaixonado a dar à sua amada após uma longa ausência.

Gabriel beijou Julia como se a conhecesse, como se ela lhe pertencesse. O seu beijo era apaixonado e cheio de emoção, como se cada fibra do seu ser se tivesse derretido e se espalhasse nos seus lábios apenas para lhe ser oferecido. O coração dela resvalou-lhe no peito com este pensamento. Nunca ousara esperar um tal primeiro beijo. Quando a pressão dos lábios dele diminuiu, sentiu que ia desfazer-se em lágrimas, sabendo que nunca mais seria beijada daquela maneira. Ele arruinara-a para qualquer outra pessoa. Para sempre.

Gabriel deu um profundo suspiro quando a soltou, e pressionou os lábios suavemente contra a sua testa.

— Abre os olhos.

Julia fitou um par de órbitas azuis que eram ofuscantemente límpidas e cheias de emoção, mas não conseguiu decifrar essas emoções. Ele sorriu e levou-lhe novamente os lábios à testa antes de voltar a deitar-se de costas a olhar para as estrelas.

— Em que é que estás a pensar? — Ela virou-se de forma a ficar enroscada ao seu lado, muito perto mas sem lhe tocar com o corpo.

— Estava a pensar em como esperei por ti. Esperei e esperei, e nunca vieste. — Ele sorriu-lhe tristemente.

— Lamento, Gabriel.

— Agora estás aqui. *Apparuit iam beatitudo vestra.*

— Não sei o que isso significa. — A voz dela era envergonhada.

— Significa *agora aparece a tua bem-aventurança*. Mas, na verdade, devia ser *agora aparece a minha bem-aventurança*. Agora que chegaste. — Puxou-a para mais perto de si, passando o braço debaixo do seu pescoço e fazendo-o descer até à cintura, onde abriu os dedos ao fundo das suas costas. — Para o resto da minha vida, vou sonhar com a tua voz a sussurrar o meu nome.

Julia sorriu para si mesma na escuridão.

— Alguma vez adormeceste nos braços de um rapaz, Beatriz?

Ela abanou a cabeça.

— Então, fico feliz por ser o teu primeiro. — Puxou-a contra si de forma que a cabeça dela pousasse sobre o seu peito, perto do coração, e aquele corpo delicado moldou-se perfeitamente ao seu lado. — Como a costela de Adão — murmurou-lhe para o cabelo.

— Tens de te ir embora? — sussurrou-lhe ela em resposta, enquanto passava as mãos hesitantemente sobre o peito dele, para cima e para baixo e para a frente e para trás.

— Sim, mas não esta noite.

— Vais voltar? — A voz dela era quase um lamento.

Gabriel suspirou profundamente.

— Amanhã serei expulso do Paraíso, Beatriz. A nossa única esperança é que tu me voltes a encontrar. Procura por mim no Inferno.

Fê-la deitar suavemente de costas e pousou as mãos de cada lado das suas ancas, ficando a pairar por cima dela — de olhos enormes — a olhá-la longa e intensamente, até ao fundo da sua alma.

E depois levou os lábios aos dela...

Capítulo Oito

Rachel estava sentada ao balcão de pequeno-almoço de Gabriel, na manhã de quinta-feira, a beber um café com leite e a ler a *Vogue* francesa. Não era o seu habitual material de leitura. A mesa de cabeceira de Rachel em Filadélfia estava coberta de livros sobre política, relações públicas, economia e sociologia, tudo na esperança de que algum dia um dos seus superiores lhe pedisse a sua opinião, em vez de lhe pedir que fotocopiasse a opinião de outros. Agora que estava de licença do seu trabalho, tinha tempo de ler outras coisas que não política municipal.

Sentia-se melhor nessa manhã. Muito melhor. A sua conversa com Aaron na noite anterior correra bem. Embora ele continuasse desapontado por o casamento ter sido cancelado, dizia-lhe repetidamente que preferia tê-la a ter um casamento.

«Não temos de casar já. Podemos adiar o casamento até terminares o luto. Mas ainda quero ficar contigo, Rachel. Vou querer-te sempre. Como minha mulher, como minha amante... Neste momento, aceito tudo o que me poderes dar, porque eu amo-te. Volta para mim.»

As palavras de Aaron tinham-na queimado, por entre a névoa de depressão e dor que toldava a mente de Rachel. E, de súbito, tudo ficou claro. Pensara que estava a fugir de Scott, e do seu pai, e do fantasma da sua mãe. Mas talvez estivesse também a fugir de Aaron, e ouvi-lo dizer aquelas palavras... como se fosse possível deixá-lo. Como se pudesse sequer pensar em manter-se longe dele.

Aquelas declarações quase partiram o coração de Rachel, e fizeram-na perceber como queria verdadeiramente ser sua mulher. E como estava decidida a não o deixar esperar demasiado para ser seu marido, enquanto ela tentava reencontrar-se. A vida era demasiado curta para se ser infeliz. Fora a mãe que lhe ensinara isso mesmo.

Gabriel entrou na cozinha de óculos postos, deu-lhe um beijo no alto da cabeça e pôs-lhe um maço de notas na frente. Ela olhou para o dinheiro com um ar desconfiado e pegou-lhe, e os seus olhos abriram-se mais.

— Para que é isto?

Ele pigarreou e sentou-se ao seu lado.

— Não vais às compras com a Julianne?

Ela revirou os olhos.

— É *Julia*, Gabriel. E, não, não vamos. Ela está todo o dia a trabalhar num projeto com um tipo chamado Paul. Depois ele vai levá-la a jantar.

Fornicador-de-Anjos, pensou Gabriel. O expletivo veio-lhe à mente, espontâneo e livre de censura, e ele contraiu-se, com o peito a fumar.

Rachel devolveu-lhe o dinheiro e voltou para a sua revista.

Ele voltou a colocar-lho na frente.

— Fica com ele.

— Porquê?

— Compra qualquer coisa para a tua amiga.

Os olhos de Rachel semicerraram-se.

— Porquê? Isto é muito dinheiro.

— Eu sei — disse ele em voz baixa.

— Estão aqui quinhentos dólares. Eu sei que tens dinheiro de sobra, mas, bolas, Gabriel, isto é um bocado exagerado.

— Já viste o apartamento dela?

— Não. Tu já?

Ele mudou de posição no banco.

— Só por um momento. Ela foi apanhada pela chuva, dei-lhe boleia para casa e...

— E? — Rachel passou-lhe o braço sobre o ombro e inclinou-se para ele com um sorriso delicioso. — Conta-me tudo.

Gabriel afastou-lhe o braço do ombro e fez-lhe um olhar carrancudo.

— Não foi nada disso. Mas vi brevemente a casa dela quando a fui deixar, e é horrível. Ela nem sequer tem cozinha, pelo amor de Deus.

— Não tem cozinha? Que raio!

— A rapariga é mais pobre que um rato de igreja. Para não mencionar o facto de andar com aquela odiosa coisa que se faz passar por saco de livros. Gasta o dinheiro todo numa pasta decente, não quero saber. Mas faz qualquer coisa. Porque se eu vejo aquela mochila mais uma vez, vou queimá-la.

Gabriel passou as mãos pelo cabelo castanho e depois manteve-as ali, apoiando a sua alta estrutura sobre o balcão de pequeno-almoço. Com o poder de percepção apenas possuído por uma irmã, Rachel olhou-o cuidadosamente. Gabriel parecia ser o jogador de póquer ideal: impassível, fleu-

mático, frio. Oh, tão frio. Não apenas fresco, como uma brisa, ou água de um regato no outono, mas *frio*. Frio como uma rocha contra a pele, à sombra de um pôr-do-sol. Rachel acreditava que aquela frieza era a pior falha no seu caráter — a sua capacidade de dizer e fazer coisas sem consideração pelos sentimentos dos outros, incluindo a própria família.

Apesar dos seus defeitos, Gabriel era o seu preferido. E, como a bebé da família e dez anos mais nova do que ele, também ela era a sua preferida. Nunca discutira com ela da maneira como discutira com Scott ou o pai. Sempre a protegera — amara-a, até. Mesmo nos seus piores momentos, Gabriel não conseguia magoar Rachel intencionalmente. Ela apenas ficava magoada ao vê-lo magoar os outros. E especialmente a si mesmo.

E ela sabia que, observado mais atentamente, Gabriel daria um péssimo jogador de póquer. Tinha demasiadas coisas a denunciá-lo, demasiadas formas de revelar o seu tumulto interior. Fechava os olhos quando estava perto de perder a cabeça. Esfregava o rosto quando estava frustrado. Andava de um lado para o outro quando estava perturbado ou com medo. Rachel viu-o começar a andar de um lado para o outro, e perguntou-se de que teria ele tanto medo.

— Porque é que estás tão preocupado com ela? Não foste assim tão simpático quando a trouxe cá para jantar. Nem lhe queres chamar *Julia*.

— É minha aluna. Tenho de ser profissional.

— Profissionalmente mau?

Gabriel ficou calado e franziu o sobrolho.

— Tudo bem. Levo o dinheiro para a Julia e compro-lhe uma pasta. Mas preferia comprar-lhe sapatos.

Gabriel voltou a sentar-se no banco do bar.

— Sapatos?

— Sim. E se lhe comprássemos qualquer coisa para vestir? Ela gosta de coisas bonitas, só não tem dinheiro para as comprar. E é gira, não achas?

Gabriel moveu-se por baixo das calças de lã cinzenta. Apertou as coxas para ocultar o facto perturbador da sua irmã.

— Gasta o dinheiro como quiseres, mas tens de substituir o saco dos livros.

— Tudo bem! Vou comprar-lhe qualquer coisa fabulosa. Mas, provavelmente, vou precisar de mais dinheiro... e devíamos levá-la a algum sítio especial onde ela possa exibir as suas roupas novas. — Rachel pestanejou na brincadeira para o irmão mais velho.

Sem discussão ou negociação, ele retirou um cartão de visita da carteira, pegou na sua caneta de tinta permanente *Montblanc* e desenroscou lentamente a tampa.

— As pessoas normais ainda usam esse tipo de canetas ou só os me-

dievalistas? — Ela aproximou-se mais com um ar inquisidor. — Surpreende-me que não uses uma pena.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Isto é uma *Meisterstück 149* — disse ele, como se isso devesse ter algum significado.

Rachel revirou os olhos enquanto ele usava a sua cintilante caneta de ouro de dezoito quilates para escrever uma breve nota nas costas do cartão, com uma letra confiante mas antiquada. O irmão era mais do que pretensioso.

— Pronto. — Ele fez deslizar o cartão para o outro lado do balcão. — Tenho uma conta na Holt Renfrew. Mostra isto ao *concierge*, e ele vai levar-te diretamente à Hilary, a minha *personal shopper*. Ela põe tudo na minha conta. Não enlouqueças completamente, Rachel, e podes ficar com o dinheiro para ti. Feliz aniversário, com seis meses de antecedência.

Ela deu-lhe um beijo ligeiro na face.

— Obrigada. O que é a Holt Renfrew?

— A Saks Fifth Avenue canadiana... eles têm tudo. Mas tens de substituir o saco de livros, é a única coisa que me interessa. O resto é só... um pormenor inconsequente. — A sua voz parecia rouca, de repente.

— Está bem. Mas queres explicar-me porque estás tão agitado por causa de uma mochila *L.L. Bean*? Todos os estudantes universitários têm uma. Eu tive uma, pelo amor de Deus. Antes de crescer e descobrir a *Longchamp*.

— Não sei. — Gabriel removeu os óculos e começou a esfregar os olhos.

— Hmm. Devo acrescentar *lingerie* à minha lista de compras? Gostas dela? — Rachel sorria-lhe irritantemente.

Ele soltou um ronco de desdém.

— Que idade temos, Rachel? Lembra-te, ela é minha aluna. Não se trata de romance... trata-se de uma penitência.

— Penitência?

— Penitência. Pelo pecado. O meu pecado.

Rachel riu-se.

— És mesmo medieval. Que pecado cometeste contra a Julia? Para além de seres um idiota! Nem sequer a conheces...

Ele voltou a colocar os óculos e mudou de posição no banco. Estava a sentir-se crescer com a mera ideia de pecado e a menina Mitchell. Juntos. Na mesma sala. Com ele. E nada mais... exceto, talvez, um par de sapatos *couture* de salto agulha Que ele poderia finalmente tocar...

— Gabriel? Estou à espera.

— Não preciso de te confessar os meus pecados, Rachel. Só preciso de os expiar. — Arrancou-lhe a revista da mão.

Ela rangeu os dentes.

— O teu francês é assim tão bom? E o teu conhecimento de moda feminina?

Gabriel baixou o olhar rapidamente para ver a revista aberta numa fotografia de uma modelo retocada e de pernas abertas com um biquíni branco *très petit*. Os seus olhos aumentaram de tamanho.

Rachel cruzou os braços de aborrecimento e olhou-o carrancuda.

— Não venhas rosar para cima de mim. Não sou uma das tuas alunas e não vou aturar as tuas merdas.

Ele suspirou e começou a esfregar novamente os olhos, ajustando minuciosamente os óculos para o fazer.

— Desculpa — balbuciou, devolvendo-lhe a revista, mas não antes de lançar à modelo um olhar mais sério, puramente por propósitos de estudo, *bien sûr*.

— Porque é que estás tão tenso? Andas a ter problemas com mulheres? Tens, ao menos, alguma mulher, neste momento? Quando foi a última vez que tiveste? E, a propósito, que fotografias são aquelas no teu...

Ele interrompeu-a rapidamente.

— Não vou ter esta conversa contigo. Não te pergunto quem é que andas a foder.

Rachel conteve a resposta furiosa e respirou fundo.

— Vou desculpar-te essa frase, embora tenha sido insensível e grosseira. Quando vieres de joelhos fazer a tua penitência, inclui o pecado da inveja, está bem?

»Sabes que nunca estive com outra pessoa senão o Aaron. E acho que sabes bem que o que fazemos juntos vai muito para além do que tu disseste. O que é que se passa contigo?

Gabriel balbuciou um pedido de desculpa e recusou-se a olhá-la nos olhos. Mas o seu tiro de aviso acertara no alvo, que era distrair a atenção da irmã de uma das suas perguntas. Por isso não sentiu qualquer remorso. Não verdadeiramente.

Rachel ficou a brincar com o cartão do irmão por um momento, enquanto tentava acalmar-se.

— Se não gostas da Julia, então deves ter pena dela. Porquê? É por ser pobre?

— Não sei. — Ele suspirou e abanou a cabeça.

— A Julia faz trazer ao de cima o lado protetor das pessoas. Foi sempre um pouco triste e um pouco perdida. Embora, não faças confusão, ela tem força nos ossos. Sobreviveu a uma mãe alcoólica e a um namorado que...

Os olhos azuis de Gabriel desviaram-se para ela com interesse.

— Que? — incitou.

— Disseste que não querias saber da vida pessoal dela. É demasiado

mau, na verdade. Se não tivessem uma relação profissional, poderias ter gostado dela. Podiam ter sido amigos.

Ela sorriu-lhe, para testar as águas, mas Gabriel manteve-se de olhos fixos no balcão e começou a esfregar o queixo distraidamente.

Rachel tamborilou com os dedos sobre a bancada.

— Queres que lhe diga que foste tu que lhe deste a mala e os sapatos?

— Claro que não! Podia ser despedido por causa disso. Alguém ia tirar conclusões erradas e eu era arrastado perante a comissão judicial.

— Pensei que eras do quadro.

— Não interessa — murmurou ele.

— Então, queres gastar este dinheiro todo com a Julia e não queres que ela saiba que os presentes são teus? Isto é um bocado como o Cyrano de Bergerac, não achas? Estou a ver que o teu francês é melhor do que eu julgava.

Ele levantou-se, ignorando-a ostensivamente, e dirigiu-se para a grande máquina de café expresso num dos balcões. Começou o processo algo laborioso de fazer o expresso perfeito, mantendo-se de costas para a irritante irmã.

Ela suspirou.

— Está bem. Queres que faça qualquer coisa simpática pela Julia. Podes chamar-lhe penitência, se quiseres, mas talvez seja apenas bondade. E é bondade dupla, porque queres que seja feito em segredo e sem a embaraçar, ou deixá-la a sentir que está em dívida contigo. Estou impressionada. Mais ou menos.

— *Quero que as suas pétalas se abram* — sussurrou Gabriel suavemente.

Rachel ignorou aquela admissão como um murmúrio incoerente, porque não podia acreditar que ele dissesse aquilo que de facto ouvira. Era demasiado bizarro.

— Não achas que devias tratar a Julia como uma adulta e dizer-lhe que os presentes são teus? Deixá-la tomar as suas próprias decisões e escolher se os aceita ou não?

— Não os aceita, se souber que fui que lhos dei. Ela odeia-me.

Rachel riu-se.

— A Julia não é pessoa para odiar ninguém. Perdoa demasiado para isso. Embora, se te odiasse, provavelmente seria merecido. Mas tens razão, ela não aceita caridade. Nunca me deixava comprar-lhe coisas senão em ocasiões muito especiais.

— Então diz-lhe que é um presente de Natal atrasado. Ou diz-lhe que é da Grace. — Um olhar carregado de significado passou entre os irmãos.

Os olhos de Rachel encheram-se de lágrimas.

— A mãe era a única pessoa de quem a Julia aceitava presentes, porque pensava nela como sua mãe.

Gabriel foi de imediato para o seu lado e envolveu-a nos braços, tentando reconfortá-la o melhor que podia.

No seu coração, sabia exatamente o que estava a fazer ao persuadir a irmã a comprar coisas bonitas e femininas para a menina Mitchell. Estava a comprar uma indulgência, o perdão pelo pecado. Nunca reagira a uma mulher daquela maneira. Mas, não, Gabriel não cederia a essa linha de pensamento. Isso não serviria para nada, para absolutamente nada.

Sabia que vivia no inferno. Aceitava-o. Raramente se queixava. Mas, para dizer a verdade, desejava desesperadamente poder fugir. Infelizmente, não tinha nenhum Virgílio nem nenhuma Beatriz para virem em seu auxílio. As suas orações não eram atendidas, e os seus planos de regeneração eram quase sempre frustrados por uma ou outra coisa. Normalmente, uma mulher de saltos de dez centímetros e longo cabelo louro a rasgar-lhe as costas com as longas unhas, enquanto gritava o nome dele, vez após vez, após vez...

Dado o atual estado de coisas, o melhor que podia fazer para se regenerar seria pegar na porcaria do dinheiro do velho e gastá-lo num anjo de olhos castanhos. Um anjo que não tinha dinheiro para pagar um apartamento com cozinha, e que desabrocharia um pouco quando a melhor amiga lhe oferecesse um vestido bonito e um par de sapatos novos.

Gabriel queria fazer mais do que comprar-lhe uma pasta para os livros, embora nunca pudesse admitir o que desejava realmente; ele desejava fazer Julianne sorrir.

Enquanto os irmãos discutiam penitência, perdão e ridículas abominações de sacos de livros, Paul esperava por Julia à entrada da biblioteca Robarts, a maior do campus da universidade de Toronto. Julia não o poderia saber, mas, embora a conhecesse há pouco tempo, Paul viera a afeiçoar-se-lhe grandemente.

Estava habituado a ter muitos amigos, homens e mulheres. E saíra com a sua dose de raparigas, tanto bem ajustadas como perturbadas. A sua relação mais recente esgotara-se com o tempo. Allison quisera ficar em Vermont e trabalhar como professora de uma escola secundária. Ele preferira mudar-se para Toronto e estudar para se tornar professor universitário. Depois de dois anos de um relacionamento de longa distância, deixara de fazer sentido. Mas não houvera qualquer rancor — nada de pneus rasgados nem fotografias queimadas. Eram amigos, até, e Paul orgulhava-se desse facto.

Mas, agora que Paul conhecera a Coelha, começara a ponderar que um relacionamento com alguém com quem partilhava interesses e objetivos de carreira comuns podia ser muito excitante e muito satisfatório.

Paul era antiquado. Acreditava em cortejar uma mulher. Acreditava em avançar com calma. E, por isso, contentava-se perfeitamente em construir apenas uma amizade com a linda e tímida Coelha, até a conhecer o suficiente para expressar os seus sentimentos. E até estar confiante na estima que ela nutria por ele. Estava decidido a passar tempo com ela, e a tratá-la adequadamente, e a prestar-lhe muita atenção, para que, se aparecesse outra pessoa, entretanto, e lha tentasse arrancar, ele estivesse suficientemente por perto para dizer a esse indivíduo que *se pigasse*.

Julia tinha pena de perder a saída de compras com Rachel, mas já prometera a Paul que passaria o dia com ele na biblioteca. Precisava de começar a sua proposta de tese, agora que o professor Emerson concordara ser seu orientador. Sentia mais do que uma forte motivação para ter um bom desempenho na sua turma e ofuscá-lo com a sua proposta, embora soubesse que, com base no seu comportamento prévio, o mais provável seria não conseguir nenhuma das coisas.

— Olá. — Paul cumprimentou-a calorosamente, retirou-lhe de imediato a pesada mochila do ombro e transferiu-a para o seu. Mal lhe sentia o peso sobre o ombro maciço.

Julia sorriu-lhe, consolada pelo alívio daquele fardo.

— Obrigada por concordares em ser meu guia. Na última vez que aqui estive, perdi-me. Acabei no quarto andar, numa secção obscura que era inteiramente dedicada a mapas. — Estremeceu.

Paul riu-se.

— A biblioteca é gigantesca. Eu mostro-te a coleção sobre Dante no nono andar e levo-te ao meu gabinete.

Abriu-lhe a porta, e Julia entrou como que a flutuar, sentindo-se uma princesa. Paul tinha umas maneiras excelentes, e não as usava como arma. Julia pensou em como certas pessoas que não seriam mencionadas usavam as maneiras para intimidar e controlar, enquanto outras, como Paul, as usavam para honrar e fazer com que os outros se sentissem especiais. Muito especiais, de facto.

— Tens um gabinete? — perguntou ela, enquanto mostravam os cartões de estudante ao segurança sentado junto dos elevadores.

— Mais ou menos. — Abriu-lhe a porta do elevador e esperou que Julia entrasse antes de se lhe juntar. — A minha sala de leitura fica ao lado da secção de Dante.

— Posso candidatar-me a uma sala de leitura?

Paul fez uma careta.

— São como ouro. É quase impossível conseguir uma, especialmente como estudante de mestrado.

Leu a pergunta nos olhos dela e apressou-se a acrescentar:

— Acho que os alunos de mestrado são tão importantes como os de doutoramento. Mas não há salas suficientes para todos. A que tenho nem sequer é minha... é do Emerson.

Se Paul não tivesse deixado Julia carregar no botão do nono andar, teria visto a sua pele ficar ligeiramente esverdeada e ouvido quando ela conteve asperamente a respiração. Mas não viu nem ouviu.

Quando chegaram ao nono andar, conduziu-a pacientemente pela coleção de Dante, mostrando-lhe tanto as fontes primárias como as secundárias. E observou com encanto enquanto ela passava afetuosamente a mão pelas lombadas dos livros, como se cumprimentasse velhos amigos.

— Julia, importavas-te se te fizesse uma pergunta pessoal?

Ela ficou muito quieta, a acariciar um volume *quarto* que tinha uma desgastada encadernação a pele. Inalou profundamente o seu odor para se acalmar e anuiu.

— O Emerson pediu-me que fosse buscar o teu processo à Sr.^a Jenkins e...

Ela virou-se para o olhar, os olhos enormes e sem pestanejar. *Oh, não*, pensou.

Ele ergueu a mão para a tranquilizar.

— Não o li. Não te preocupes. — Ele riu-se suavemente. — De qualquer maneira, não há nada de muito pessoal naqueles processos. Parece que ele queria tirar qualquer coisa que lá tinha posto. Mas o que ele fez a seguir surpreendeu-me.

Julia ergueu as sobrancelhas, à espera que Paul despejasse tudo.

— Telefonou ao Greg Matthews, o diretor do Departamento de Línguas e Literaturas Românicas em Harvard.

Ela pestanejou lentamente, como se estivesse a refletir no que ele tinha dito.

— Como é que sabes?

— Eu tinha lá ido deixar umas fotocópias e ouvi o Emerson ao telefone. Estava a fazer perguntas ao Matthews a teu respeito.

— Porquê?

— Era isso que te queria perguntar. Ele queria saber porque é que não tinham fundos suficientemente generosos para os seus estudantes de mestrado. O Emerson é ex-aluno daquele departamento, sabes? O Matthews era diretor quando ele terminou o seu doutoramento.

Merda. Ele andou a verificar o que eu lhe disse? Claro. Não ia acreditar que tinha entrado para Harvard, tal como ele. Julia fechou os olhos, os seus dedos agarrados à prateleira para manter o equilíbrio.

— Não ouvi tudo o que o Matthews disse. Mas ouvi o Emerson.

Ela ficou de olhos fechados e esperou pelo resto. Só esperava que Paul o despejasse depressa e não fosse demasiado doloroso.

— Não sabia que tinhas entrado em Harvard, Julia. Isso é fantástico. O Emerson perguntou se tinhas mesmo sido aceite no programa deles e em que posição tinhas ficado na tabela de admissão.

— Claro — balbuciou ela. — Venho de uma cidade pequena da Pensilvânia. Andei numa universidade jesuíta com cerca de setecentos estudantes. Como é que podia entrar em Harvard?

Paul franziu o sobrolho. *Pobre Coelha. Aquele cabrão doentio portou-se mesmo mal com ela. Devia dar-lhe um grande pontapé no cu. E depois devia tratar da saúde do resto...*

— Que mal têm as escolas católicas? Eu estudei em St. Mike, no Vermont, e tive uma ótima educação. Tinham um especialista em Dante no Departamento de Inglês e um especialista florentino em História.

Julia anuiu como se o tivesse ouvido. Mas não ouvira, de facto.

— Ouve, ainda não sabes a história toda. O ponto é que o Matthews tentou convencê-lo a mandar-te de volta para lá para o teu doutoramento. Disse que tinhas ficado muito bem pontuada. Isso é bastante bom, tendo em conta a fonte. Eu candidatei-me a esse departamento e fui rejeitado de imediato. — Sorriu, algo contrafeito, sem saber como ela reagiria àquela informação. — Por isso, se não for demasiado pessoal, porque é que não quiseste ir para Harvard?

— Eu não queria vir para aqui — sussurrou ela, com a voz baixa e culpada. — Eu sabia que ele estava cá. Mas não tinha outra opção. Tenho milhares de dólares em empréstimos para estudantes de Saint Joseph... Não tinha dinheiro para ir para Harvard. Tinha esperança de terminar o mestrado rapidamente e ir para Harvard para o ano. Se ganhar uma bolsa maior, não vou ter de pedir dinheiro emprestado para o doutoramento.

Paul anuiu e, enquanto Julia se distraía virando-se para examinar os livros com mais atenção, ficou a observá-la, inteiramente esquecido do por menor que ela revelara inadvertidamente. A informação que lhe dizia muito mais do que a razão por que Julia não fora para Harvard.

Enquanto a via abrir e fechar os volumes empoeirados, com os olhos muito abertos e um sorriso a brincar-lhe nos lindos lábios, percebeu que a alcunha de “Coelha” era ainda mais adequada do que julgara inicialmente. Pois, sim, era muito parecida com uma coelha que se poderia encontrar num prado, ou num lugar como esse. Mas era também muito parecida com *The Velveteen Rabbit*.¹

¹ Livro infantil, da autoria de Margery Williams, sobre um coelho de peluche que quer tornar-se real através do amor do seu dono. (N. da T.)

Paul nunca teria pronunciado estas palavras em voz alta e, se lhe perguntassem se conhecia o livro, ele teria mentido sem pestanejar. Mas Allison adorava aquele livro e, no início do seu relacionamento, exigira-lhe que o lesse, para a poder entender melhor. E Paul, com todos os seus noventa quilos de miúdo de quinta do Vermont, lera o raio do livro sub-repticiamente, porque a amava.

Embora não o admitisse, também adorara a história.

Quando olhava para a Coelha, tinha a sensação de que também ela esperava desesperadamente pelo momento em que se tornaria Real. Em que seria amada, até. E a espera tivera os seus custos sobre ela. Não no seu aspeto exterior, que era muito atraente (embora Paul pudesse pensar que ela era claramente demasiado magra e demasiado pálida, algo que uma boa dose de leite e produtos láteos do Vermont poderiam melhorar). Não aí, mas na sua alma, que considerava muito bela mas triste.

Paul nem tinha sequer a certeza de acreditar em almas até conhecer a Coelha. E, agora que a conhecia, tinha de acreditar. Esperava secretamente que, algum dia, ela se tornasse o que queria ser, que alguém a amasse e transformasse a coelhinha assustada noutra coisa. Em qualquer coisa mais ousada. Qualquer coisa feliz.

Sem querer permitir-se demasiados arroubos literários, Paul decidiu rapidamente que precisava de distrair a Coelha das suas mágoas, e por isso sorriu-lhe de novo. Depois conduziu-a a uma porta identificada com uma placa de bronze onde dizia, num muito elegante manuscrito: **Professor Gabriel O. Emerson, Departamento de Estudos Italianos.**

Julia reparou com interesse que nenhuma das outras portas tinha placas de bronze. Também reparou que Paul tinha colado um cartão de arquivo com o seu próprio nome por baixo da placa. Imaginou o professor Emerson a aparecer e a arrancar o cartão por despeito. Depois reparou no nome completo de Paul: *Mestre Paul V. Norris.*

— O que significa o V? — Apontou com um dedo a placa identificadora improvisada.

Paul pareceu desconfortável.

— Não gosto de usar o meu nome do meio.

— Eu também não uso o meu. E compreendo se não mo quiseres dizer.

— Sorriu, virando o seu olhar expectante para a porta fechada.

— Vais-te rir.

— Duvido. O meu apelido é Mitchell. Nada de que me orgulhar grandemente.

— Eu acho bonito.

Julia corou, mas apenas ligeiramente.

Paul suspirou.

— Prometes não contar a ninguém?
— Claro. E eu digo-te o meu nome do meio: Helen.
— Também é bonito. — Ele inspirou fundo e fechou os olhos. Depois esperou. Quando não conseguiu aguentar o fôlego mais tempo, e os seus pulmões clamavam por oxigénio, expirou rapidamente. — *Virgil*.
Ela olhou-o, incrédula.
— Virgil?
— Sim. — Ele abriu os olhos e estudou-a por um minuto, com medo que Julia se fosse rir.
— Estás a fazer a especialização em Dante e o teu nome do meio é Virgil? Estás a brincar?
— É um nome de família. O meu bisavô chamava-se Virgil... Ele nunca leu Dante, acredita em mim. Tinha uma quinta de produção leiteira em Essex, no Vermont.
Julia sorriu a sua admiração.
— Eu acho que Virgil é um nome bonito. E é uma grande honra ter o nome de um nobre poeta.
— Tal como é uma grande honra ter o nome de Helena de Troia, Julia Helen. E muito apropriado, também. — Os seus olhos cinzentos tornaram-se mais suaves, e ele olhou-a com admiração.
Ela desviou o olhar, embaraçada.
Paul pigarreou, como forma de atenuar a súbita tensão entre os dois.
— O Emerson nunca usa esta sala... a não ser para me deixar coisas. Mas ela pertence-lhe e ele paga-a.
— Não são de graça?
Paul abanou a cabeça e destrancou a porta.
— Não. Mas valem totalmente a pena, porque têm ar condicionado, e são aquecidas, têm acesso à internet e podes guardar aqui livros sem teres de os fazer passar pelo balcão de circulação. Por isso, se houver alguma coisa de que precisares... mesmo que seja material de referência que não possa sair da biblioteca... podes guardá-lo aqui.
Julia olhou para o espaço pequeno mas confortável como se fosse a Terra Prometida, e os seus olhos eram enormes enquanto se perdiam pela secretária grande, as cadeiras confortáveis e as estantes de livros do chão ao teto. Uma pequena janela oferecia uma boa vista dos edifícios da baixa e da torre CN. Perguntou-se quanto custaria viver numa sala de leitura, em vez do seu buraco-de-hobbit-não-digno-de-um-cão.
— Já agora — disse Paul, retirando alguns papéis de uma das estantes — vou dar-te esta prateleira. E podes ficar com a minha chave suplente.
Procurou a chave e encontrou-a, e escreveu um número num pedaço de papel.

— Este é o número da porta, para o caso de teres dificuldade em voltar a encontrá-la, e aqui tens a chave.

Julia ficou hirta, de boca aberta.

— Não posso. Ele detesta-me, e não vai gostar disto.

— Ele que se foda.

Os olhos dela cresceram com a surpresa.

— Desculpa. Não costumo dizer asneiras... assim tanto. Pelo menos, na frente de raparigas. Quero dizer, *mulheres*.

Ela anuiu, mas não era *exatamente* por isso que estava surpreendida.

— O Emerson nunca cá está. Podes guardar os teus livros, e ele vai pensar que são meus. Se não queres que te apanhe, nem tens de trabalhar aqui. Passa só quando eu cá estou... passo aqui muito tempo. Depois, se ele te vir, vai pensar que estamos a trabalhar juntos. Ou qualquer coisa.

Sorriu timidamente. Queria mesmo dar-lhe a chave — saber que ela podia lá passar a qualquer altura. Ver as coisas dela na sua estante... estudar e trabalhar ao seu lado.

Mas Julia não queria ter a chave.

— Por favor. — Ele pegou-lhe na mão pálida e abriu-lhe suavemente os dedos. Sentiu-a hesitar, e por isso passou o polegar pelas costas da sua mão, só para a tranquilizar. Pressionou-lhe a chave e o papel contra a palma e fechou-lhe os dedos, tendo muito cuidado para não pressionar demasiado, não a fosse magoar. Sabia que Emerson já a magoara o suficiente.

— O real não é o que tu és; é algo que acontece. E, neste momento, precisas que te aconteça alguma coisa boa.

Julia espantou-se com aquelas palavras, pois ele nem fazia ideia de como eram verdadeiras.

Ele está a parafrasear do...? Impossível.

Fitou os olhos dele. Eram calorosos e amigáveis. Não via ali nenhum cálculo, nenhuma grosseria. Não via nada que fosse dissimulado ou cruel. Talvez ele gostasse mesmo dela. Ou talvez sentisse simplesmente pena dela. Independentemente das suas misteriosas motivações, naquele instante, Julia escolheu acreditar que o universo não era inteiramente sombrio e desanimador e que havia ainda vestígios de bondade e virtude, e por isso aceitou a chave de cabeça baixa.

— Não chores, Coelhinha.

Paul ergueu a mão para limpar uma lágrima que ainda não tinha caído. Mas mudou de ideias e baixou-a de novo.

Julia virou-se, envergonhada pela súbita e intensa vaga de emoções, pela chave, e por ouvi-lo citar-lhe adorada literatura infantil. Enquanto

procurava freneticamente por qualquer coisa, o que quer que fosse, que a distraísse, os seus olhos pousaram num CD solitário numa das prateleiras. Pegou nele. *Requiem* de Mozart.

— Gostas de Mozart? — perguntou, virando a caixa na sua mão.

Paul desviou o olhar.

Ela estava surpreendida. Fez um movimento para pôr o CD no lugar, com medo de o ter embaraçado ao mexer nos seus objetos pessoais, mas ele deteve-a.

— Tudo bem, podes ver. Mas não é meu. É do Emerson.

Mais uma vez, Julia sentiu um frio invadi-la, e uma ligeira náusea.

Paul viu a sua reação, desta vez, e começou a falar muito depressa.

— Não digas a ninguém, mas roubei-o.

As sobrancelhas dela elevaram-se.

— Eu sei... é terrível. Mas ele estava a passar *uma faixa* do raio do disco vez após vez, após vez no gabinete dele, enquanto eu catalogava parte da sua biblioteca pessoal. *Lacrimosa, lacrimosa*, raios partissem a *lacrimosa*. Eu já não aguentava mais! É tão deprimente. Por isso roubei-lho do escritório dele e escondi-o aqui. Problema resolvido.

Julia riu-se. Fechou os olhos e riu-se.

Ele sorriu com alívio ao ver a sua reação.

— Não o escondeste lá muito bem. Eu encontrei-o em... o quê? Trinta segundos? — Ela riu-se e tentou entregar-lhe o CD.

Com cuidado, ele puxou-lhe o longo cabelo para trás dos ombros para poder ter uma visão aberta do seu rosto.

— Então, porque não o escondes antes na tua casa?

Instintivamente, ela ficou hirta e deu um passo atrás.

Paul viu a cabeça dela baixar-se e os dentes fecharem-se sobre o lábio inferior. Perguntou-se o que teria feito... não deveria ter-lhe tocado? Estaria com medo que Emerson descobrisse que ela tinha o seu CD?

— Julia? — A sua voz era baixa, e ele não fez nenhum movimento na sua direção. — Desculpa. Fiz alguma coisa errada?

— Não. Não é nada. — Ela olhou-o nervosamente e colocou o CD na prateleira. — Eu adoro o *Requiem* de Mozart, e a *Lacrimosa* é a minha parte preferida. Não sabia que ele também gostava. Estou só... humm... surpreendida.

— Leva-o emprestado. — Ele pôs-lho outra vez na mão. — Se o Emerson perguntar, eu digo que o tenho. Mas assim, se o levares, podes carregá-lo no teu *iPod* e devolver-mo na segunda-feira.

Julia olhou para o CD.

— Não sei...

— Já o tenho há uma semana e ele não deu pela falta. Talvez a sua

disposição tenha mudado. Começou a ouvi-lo depois de regressar de Filadélfia. Não sei bem porquê...

Julia enfiou impulsivamente o CD na sua mochila decrépita.

— Obrigada.

Ele sorriu.

— Qualquer coisa por ti, Julia.

Paul queria dar-lhe a mão. Ou, pelo menos, apertá-la por um instante. Mas percebia que ela estava assustada, por isso manteve-se afastado enquanto a conduzia para o corredor para poder continuar a visita da biblioteca.

— Eeh, o Festival de Cinema de Toronto é este fim de semana. Tenho alguns bilhetes para filmes no sábado. Queres vir comigo? — Tentava parecer casual, enquanto a levava para os elevadores.

— Que filmes?

— Um é francês e o outro alemão. Eu prefiro filmes europeus. — Sorriu, hesitante. — Podia trocar os bilhetes por qualquer coisa mais local...

Julia abanou a cabeça.

— Também gosto de filmes europeus. Desde que tenham legendas. O meu francês é quase nulo, e em alemão só sei palavrões.

Paul pressionou o botão do elevador e, voltando-se, olhou-a longa e atentamente. Depois fez um sorriso malicioso.

— Sabes palavrões em alemão? Porquê?

— Vivi numa residência internacional em Saint Joseph. Uma das alunas estrangeiras era de Frankfurt e gostava mesmo de dizer palavrões... muitos. No final do semestre, todas dizíamos palavrões em alemão. — Ficou de um ligeiro tom rosado e remexeu os pés.

Julia sabia que Paul era aluno de doutoramento, o que significava que, provavelmente, já fizera vários cursos de Francês e Alemão. Sem dúvida que ia gozar dos seus amadores conhecimentos linguísticos, como fizera Christa após um seminário. Esperou por uma observação ou um acenar com a mão a fingir que não tinha importância.

Mas ele limitou-se a sorrir e a abrir-lhe a porta do elevador.

— O meu alemão é terrível. Talvez me possas ensinar os palavrões... sempre seria uma melhoria.

Julia virou-se para ele e sorriu-lhe em resposta. Desta vez abertamente.

— Talvez. E eu gostava de ir ao cinema contigo no sábado. Obrigada pelo convite.

— De nada.

Paul estava satisfeito consigo mesmo. A deliciosa Julia ia ao Festival de Cinema com ele, e depois haveria o jantar. Teria de a levar ao seu restaurante indiano preferido. Ou talvez devesse fazer isso naquela mesma noite e

levá-la a Chinatown depois da sessão dupla. Depois levá-la-ia ao Greg para comerem um gelado artesanal... e convidá-la-ia para o acompanhar à Galeria de Arte de Ontário para ver a renovação arquitetural de Frank Gehry, no fim de semana seguinte.

Enquanto continuavam a visita, Paul resolveu no seu coração ser paciente. Muito, muito paciente. E cauteloso, sempre que estendesse a mão para lhe oferecer uma cenoura ou acariciar-lhe suavemente o pelo macio entre os dedos. Senão, ele sabia que afugentaria a Coelha, e que perderia a oportunidade de a ajudar a tornar-se Real.

Na manhã seguinte, Julia estava sentada na cama estreita com o seu velho computador portátil, a trabalhar na proposta de tese e a ouvir Mozart. A escolha de música do professor Emerson surpreendia-a. Como podia ele passar dos Nine Inch Nails para aquilo? Estaria apenas a ouvi-lo por causa de Grace? Ou haveria alguma outra razão para se estar a torturar ouvindo a mesma faixa deprimente vez após vez?

Julia fechou os olhos e concentrou-se nas palavras da *Lacrimosa*, cantadas de forma sonora e perturbadora pelo coro em latim...

*Dia de Lágrimas,
Aquele em que, das cinzas, se erguerá o réu para o julgamento.
Tende piedade, Senhor, deste homem.
Piedoso Senhor Jesus,
Concedei-lhe o descanso.
Ámen.*

O que se passa com o Gabriel para ouvir isto repetidamente? E o que diz a meu respeito o facto de não conseguir deixar de me sentir perto dele sempre que o ouço? A única coisa que consegui foi substituir a fotografia pelo CD — só não durmo com ele debaixo da almofada.

Sou um cachorrinho doentio.

Julia abanou a cabeça e tentou concentrar-se na sua proposta de tese, distraíndo-se do som das lágrimas clássicas com pensamentos sobre Paul e as atividades do dia anterior.

Ele fora muito útil. Para além de lhe dar a chave da sala de leitura d'O Professor, oferecera-lhe conselhos sobre a melhor maneira de estruturar a proposta de tese, e fizera-a rir mais do que uma vez — mais do que ela se rira em muito, muito tempo. Era um cavalheiro; abria as portas e carregava-lhe a feia e pesada mochila. Era delicado, e Julia não conseguia deixar de gostar dele. Era bom estar perto de uma pessoa que era ao mesmo tempo

atraente e querida — uma combinação muitas vezes rara e subvalorizada. Estava também grata pela sua orientação. Pois, verdadeiramente, quem melhor do que Virgílio, que guiara Dante pelo Inferno, para a orientar pela sua proposta de tese?

Ela queria que a sua proposta impressionasse o professor Emerson, que o fizesse perceber que era uma aluna capaz e algo inteligente. Mesmo nesse momento, soube que o mais provável seria ele discordar com ela em ambos os pontos, independentemente do que o professor Greg Matthews de Harvard pudesse dizer a seu respeito. E estaria a mentir se dissesse que não estava subliminarmente a tentar forçar Emerson a recordar-se dela.

Perguntou-se o que seria pior — que Gabriel a tivesse esquecido? Ou que Gabriel se tivesse transformado no professor Emerson? Julia estava agoniada com a segunda hipótese, e por isso recusou-se sequer a considerá-la — muito. Preferia de longe que Gabriel a tivesse esquecido mas permanecesse o homem terno e doce que a beijara no velho pomar a vê-lo transformado no professor Emerson, com todos os seus defeitos, mesmo que continuasse a recordá-la.

A proposta de tese de Julia era simples. Estava interessada numa comparação entre o amor cortês manifestado no relacionamento casto entre Dante e Beatriz e a luxúria apaixonada manifestada na relação adúltera entre Paolo e Francesca, duas personagens que Dante colocou no círculo dos libidinosos no Inferno. Julia queria discutir as virtudes e inconvenientes da castidade, um assunto em que tinha um interesse mais do que passageiro, e compará-lo com o erotismo subliminar d'*A Divina Comédia*.

Enquanto trabalhava na sua proposta, deu por si a olhar alternadamente para a pintura de Holiday, pendurada por cima da sua cama, e um postal com a imagem da escultura de Rodin "O Beijo". Rodin esculpira Paolo e Francesca de forma que os seus lábios não se tocassem; no entanto, a escultura era sensual e erótica, e Julia não comprara uma réplica quando visitara o *musée* Rodin em Paris porque o achara demasiado excitante. E demasiado desolador.

Contentara-se com um postal e colara-o à parede.

Para além de palavras como *boulangerie* e *fromagerie*, sabia francês suficiente para perceber que o título da escultura de Rodin, *Le Baiser*, fazia parte da sua subversão. Pois *baiser*, em francês, tanto pode significar a inocência de um beijo como a qualidade animalesca de uma foda. Pode-se dizer *le baiser* referindo um beijo, mas, se se diz *Baise-moi*, é uma súplica para se ser fodido. Inocência e súplica estão igualmente envolvidas no abraço destes dois amantes cujos lábios nunca se tocaram: imobilizados juntos, mas separados para toda a eternidade. Julia queria libertá-los daquele abraço imóvel e esperava secretamente que a sua tese lhe permitisse fazê-lo.

De tempos a tempos, ao longo dos anos, Julia permitira-se pensar no velho pomar atrás da casa dos Clarks, reviver o seu primeiro beijo com Gabriel e um pouco do que viera a seguir, mas, acima de tudo, fizera-o em sonhos. Raramente, se é que alguma vez, pensava na manhã seguinte e nas suas lágrimas e histeria. Era uma memória demasiado dolorosa. Era uma recordação de traição que revisitava apenas nos seus pesadelos... e, infelizmente, esses eram demasiado frequentes. Razão por que nunca o procurara.

Nesse mesmo momento, o seu telefone tocou, interrompendo-lhe o trabalho de casa.

— Olá, Julia. Tens planos para esta noite? — Era Rachel. Julia conseguia ouvir Gabriel a resmungar ao fundo.

Carregou de imediato no botão de *mute* do seu computador para ele não ouvir Mozart ao telefone. Esperou, contendo a respiração, para ver se ele ouvira.

— Julia? Ainda estás aí?

— Sim, estou.

Pelos sons de Gabriel, Julia não percebia se ele estava zangado ou apenas a queixar-se. Não que algum dos comportamentos a pudesse surpreender.

— O que se passa? Está tudo bem?

— Sim, tudo bem. Eeh, não tenho planos. Esta noite. — Julia mordeu o lábio quando foi invadida por uma onda de alívio. Ele não ouvira o CD. Ou assim parecia.

— Ótimo. Quero ir a uma discoteca.

— Oh, por favor. Sabes que detesto esses sítios. Não sei dançar, e é sempre demasiado barulho.

Rachel riu-se com vontade.

— Tem graça que digas isso. O Gabriel disse quase exatamente o mesmo. Menos a parte da dança. Ele acha que sabe dançar... só se recusa a fazê-lo.

Julia sentou-se muito direita na cama.

— O Gabriel também vinha connosco?

— Tenho de voltar para casa daqui a dois dias. Ele vai levar-me a um sítio bonito qualquer para jantar e depois eu quero ir a uma discoteca. Ele não está contente com a ideia, mas não disse que não. Pensei que podia ser divertido se viesses ter connosco depois do jantar. Que te parece?

Julia fechou os olhos.

— Eu adorava, Rachel. Mas não tenho nada para vestir.

Rachel riu-se.

— Veste um vestido preto. Qualquer coisa simples. Tenho a certeza que tens alguma coisa que sirva.

Nesse instante, a campainha tocou, interrompendo a chamada.

— Espera aí, Rachel, tenho alguém à porta. — Julia dirigiu-se para a entrada, reparando numa carrinha de entregas parada à frente do edifício.

Abriu a porta.

— Sim?

— Entrega para Julia Mitchell. É a menina?

Ela anuiu e assinou para receber o enorme pacote retangular que lhe apareceu na frente.

— Obrigada — balbuciou, enfiando o pacote debaixo do braço e levando o telemóvel ao ouvido. — Rachel, ainda estás aí?

Rachel soava como se estivesse a rir.

— Sim. Quem era?

— Uma entrega qualquer. Para mim.

— Bem, e o que é?

— Não sei. É uma caixa grande.

— Abre.

Julia trancou a porta do apartamento atrás de si e pôs a caixa em cima da cama. Prendeu o telefone entre a orelha e o ombro para conseguir falar enquanto abria o embrulho.

— A caixa tem uma etiqueta... Holt Renfrew. Não sei porque é que alguém me enviaria um presente... Rachel, não foste tu!

Julia ouvia as gargalhadas pelo telefone.

Abriu a caixa e encontrou um lindo vestido de cocktail violeta, de decote cruzado e uma só alça. Julia não reconheceu o nome na etiqueta, *Badgley Mischka*, mas provavelmente era um dos vestidos mais femininos que alguma vez vira.

Aninhado numa caixa de sapatos ao lado do vestido, descobriu um par de *Christian Louboutins* pretos, de pele envernizada. Olhou, incrédula, para as solas vermelhas e os saltos muito altos. Os sapatos tinham um bonito laço de veludo em cada ponta, e Julia sabia que custavam provavelmente um mês de renda, no mínimo. A um canto da caixa, quase como acrescentada no último minuto, estava uma pequena carteira.

Julia sentiu-se momentaneamente como a Cinderela.

— Gostas de tudo? Foi a empregada que combinou as coisas. Eu só pedi para ver vestidos cor de púrpura. — Julia ouvia a hesitação de Rachel ao telefone.

— É lindo, Rachel. Tudo isto. Espera um minuto, como sabias que tamanho comprar?

— Não sabia. Parecias estar do mesmo tamanho que tinhas na escola, mas tive de arriscar. Por isso, vais ter de experimentar o vestido e ver se te serve.

— Mas é demasiado. Só os sapatos... Eu não posso...

— Julia, por favor. Estou tão feliz por sermos outra vez amigas. Tirando voltar a encontrar-te e ter-me reaproximado do Gabriel, não me aconteceu nada de bom desde que a minha mãe adoeceu. Por favor, não me tires isto também.

Rachel sabe mesmo como fazer uma pessoa sentir-se culpada.

Julia inspirou lentamente.

— Não sei...

— Não foi com dinheiro meu. É dinheiro da família. Desde que a mãe morreu... — Rachel interrompeu-se, na esperança de que a amiga retirasse a sua própria (errónea) conclusão.

E foi exatamente isso que Julia fez.

— A tua mãe teria querido que gastasses o dinheiro contigo.

— Ela queria que toda a gente que amava fosse feliz, e isso incluía-te a ti. E ela não teve muito tempo para te mimar depois... depois do que aconteceu. Tenho a certeza que ela sabe que nos falamos de novo e que está lá em cima a sorrir para nós. Fá-la feliz por mim, Julia.

Agora ela sentia lágrimas a surgirem ao fundo dos olhos. E Rachel sentiu-se culpada por ser tão manipuladora. Gabriel não sentiu lágrimas nem culpa, e só desejava que as duas raparigas se despachassem para ele poder usar o raio do telefone para fazer uma chamada.

— Posso pagar uma parte disto? Posso pagar os sapatos... aos poucos?

Gabriel devia ter ouvido Julia, pois ela ouviu as suas pragas e protestos ao fundo. Ele estava a rabujar qualquer coisa sobre um rato e uma igreja. O que quer que isso quisesse dizer.

— Gabriel! Deixa-me tratar deste assunto — disse Rachel.

Julia conseguiu ouvir breves fragmentos de uma discussão que estava a fermentar entre os dois irmãos.

— Se é isso que queres, tudo bem. *Gabriel, para.* Mas é a nossa última noite juntos e quero que venhas connosco. Por isso, usa-os, e diverte-te, e vamos falando do dinheiro mais tarde. Muito mais tarde. Quando eu regressar a Filadélfia. E estiver a viver da segurança social.

Julia suspirou profundamente e ofereceu uma silenciosa oração de agradecimentos a Grace, que sempre fora boa para ela.

— Obrigada, Rachel. Fico em dívida contigo. Outra vez.

Rachel guinchou.

— Gabriel! A Julia vem connosco!

Julia desviou o telefone do ouvido para não ouvir os gritos da amiga.

— Está pronta por volta das nove... vamos buscar-te a casa. O Gabriel diz que sabe aí chegar.

— Isso é muito tarde, tens a certeza?

— Por favor! Foi o Gabriel que escolheu a discoteca, e ele diz que nem sequer abre antes das nove. Ainda vamos chegar lá cedo. Podes gastar mais tempo a preparar-te e vemo-nos logo à noite. Vais ficar o máximo!

E, depois disto, a chamada terminou e Julia ficou a admirar o seu lindo vestido novo. Rachel partilhava o espírito generoso e caridoso da mãe. Era uma pena que nenhum desse espírito se tivesse colado a Gabriel...

Perguntou-se como conseguiria alguma vez dançar em cima daqueles sapatos sensuais e perigosos. Contemplou a perspetiva excitante e ligeiramente assustadora de dançar com um certo professor.

Mas Rachel disse que ele não dança. Claro.

Num rasgo de inspiração, Julia dirigiu-se à sua cómoda e abriu a gaveta da roupa interior. Sem olhar para a fotografia escondida ao fundo, retirou rapidamente um pequeno e *sexy* fio de tecido a que caridosamente se poderia chamar roupa interior se se pudesse considerar que qualquer coisa usada debaixo das roupas contava como roupa interior.

Julia segurou o fio na palma da mão (pois era assim tão minúsculo como isso) e meditou sobre ele como se fosse uma imagem de Buda. E, numa decisão brusca, pensou que o ia usar, com esperança de que, como um talismã, lhe desse a coragem e a confiança para fazer o que precisava de fazer. O que queria fazer. E o que queria fazer era recordar Dante do que tinha perdido quando a abandonara.

Não haveria mais *lacrimosa* para a Beatriz.

Capítulo Nove

O Lobby era um bar de luxo na Bloor Street. Gabriel, o eterno especialista em Dante, referia-se-lhe sempre como “O Vestíbulo”, porque dizia que os seus habitantes lembravam os pagãos virtuosos que passavam a eternidade na visão de Dante do Limbo. Na realidade, porém, o Lobby e os seus clientes habituais tinham muito mais em comum com os vários círculos do Inferno.

Gabriel não queria levar ali Julianne, e muito menos Rachel, porque o Lobby era o seu terreno de caça, o sítio onde ia sempre para alimentar as suas fomes. Havia ali demasiadas pessoas que o conheciam ou tinham ouvido falar dele, e receava o que poderiam dizer — ou o que poderia escapar de uns espontâneos lábios vermelho-sangue.

Mas sentia-se à vontade no Lobby, confiante de que controlava o ambiente. Nunca na vida levaria Rachel e Julianne a um ambiente que não pudesse controlar. Por uma noite, seria Beowulf em vez de Dante, guerreiro em vez de poeta. Levaria a espada desembainhada na mão, e perfuraria Grendel e todos os seus parentes se ousassem sequer olhar na direção das suas preciosas protegidas. Embora visse a pura hipocrisia da coisa, engoliu tudo para fazer Rachel feliz.

Quando Rachel e Julia saíram do táxi e o seguiram fielmente até à porta do Lobby, depararam com uma longa fila de pessoas à espera para entrar no clube. Gabriel ignorou a fila e abordou o porteiro, um enorme afro-canadiano careca que usava diamantes nas orelhas. Ele apertou a mão de Gabriel e cumprimentou-o formalmente. «Sr. Emerson.»

— Ethan, quero apresentar-lhe a minha irmã, Rachel, e a amiga dela, Julianne. — Gabriel indicou as jovens mulheres e Ethan sorriu e anuiu, desviando-se para os deixar entrar.

— O que foi aquilo? — sussurrou Julia para Rachel, enquanto

entravam num espaço moderno e decorado com bom gosto a preto e branco.

— O Gabriel deve estar na lista VIP. Não perguntes. — Rachel franziu o nariz.

Gabriel conduziu-as para o fundo do clube, uma área exclusiva que reservara, conhecida como o White Lounge, imaginativamente nomeada a partir da sua decoração monocromática. As duas amigas sentaram-se num assento baixo e branco, encostando-se confortavelmente nas almofadas forradas de arminho. Do seu lugar, conseguiam ver a pista de dança, que se localizava como num eixo às entradas dos *lounges* reservados. Naquele momento, ninguém estava a dançar.

Rachel fez um olhar admirador à sua protegida.

— A Julia está linda, não está, Gabriel? Absolutamente fabulosa.

Julia ficou de um anormal tom carmesim e começou a repuxar a bainha do vestido.

— Rachel, por favor — sussurrou.

— O quê? Está linda ou não está? — Rachel franziu o sobrolho para o irmão, que lhe estava a lançar um olhar de aviso.

— Estão as duas muito bem — disse ele, sem admitir nada e remexendo as pernas, como se estivesse em sofrimento.

Julia abanou a cabeça lentamente e praguejou em surdina, a perguntar-se porque se importava tanto com as opiniões dele e porque lhe era tão difícil ser simpático. Ao seu lado, Rachel encolheu os ombros. O dinheiro era de Gabriel. E se o irmão não se importava de desperdiçar quase dois mil dólares para Julia ficar *bem*, quem era ela para objetar? Só que aquela óbvia falta de entusiasmo era uma acusação contra a sua capacidade de suscitar uma reação da parte dele. Por isso, ela aceitou o desafio.

— Ei, Julia... — começou, verificando se Gabriel estava à escuta e olhando-o pelo canto dos olhos cinzentos — como correu o teu encontro com o Paul?

A pele de Julia manteve o seu atual tom de vermelho.

— Foi muito agradável. Ele é um verdadeiro cavalheiro. Muito antiquado.

Resistiu à vontade de se virar para ver se Gabriel estava a ouvir. Não precisava de se ter dado a esse trabalho. Rachel olhava pelas duas.

— E levou-te a jantar?

— Sim. Ao Nataraj, é o restaurante indiano que ele mais gosta. Amanhã vamos ver uma sessão dupla no Festival de Cinema e depois vamos a Chinatown.

— Ele é giro?

Julia mostrou-se embaraçada.

— Se um jogador de rãguebi pode ser caracterizado como giro. Mas é atraente e amável. Trata-me como uma princesa.

— *Fornicador-de-Anjos*.

Rachel e Julia viraram-se para Gabriel, sem saber se tinham ouvido bem o que julgavam ter ouvido. As sobrancelhas de Julia ergueram-se e, de testa franzida, ela desviou o olhar.

Contente por ter provocado no irmão uma reação à medida da sua mais recente infração, Rachel virou-se no assento para verificar a maquilhagem no espelho atrás de si. Estava a retocar os lábios com bâteon rosa da *Chanel* quando parou de súbito, a olhar para alguém que vinha na sua direção.

— Gabriel, aquela mulher está a comer-te totalmente com os olhos! Que raio?

Como que em resposta à exclamação de Rachel, uma empregada artificialmente loura aproximou-se deles de imediato.

— Sr. Emerson! Que bom vê-lo de novo. — A empregada baixou-se, expondo o alto dos seios moderadamente dotados e pousando uma mão finamente tratada em cima do ombro dele, com as unhas cor de coral a cintilar à meia-luz.

Julia ficou carrancuda, contra sua vontade, e perguntou-se se a empregada planeava fazer alguma coisa com aquelas unhas a Gabriel ou se estava só a mostrá-las para afugentar outras mulheres.

A mulher cumprimentou-as com um aceno de cabeça.

— O meu nome é Alicia, e vou servi-los esta noite.

— Abra-me uma conta, por favor. Bebidas para os três e outra para si e para o Ethan, claro. — Gabriel pôs uma nota dobrada na mão dela, libertando efetivamente o ombro.

Ela fez um sorriso desmaiado e guardou-a.

— Senhoras? — perguntou, mantendo os olhos fixos em Gabriel e fazendo um sorriso provocador, com a ponta da língua a passar entre os lábios cor de coral.

— Um *Cosmo* para mim — pediu Rachel.

Julia estacou.

— O que bebes? — Rachel deu-lhe um toque com o cotovelo.

— Eu... não sei — gaguejou Julia, a perguntar-se o que poderia pedir sem ficar envergonhada. Num lugar como o Lobby, não podia propriamente pedir uma cerveja ou começar a beber *shots* de tequila, que eram o seu veneno habitual.

— Então, são dois *Cosmos*. — Rachel virou-se para a amiga. — Vais adorar... são ótimos.

— Um *Laphroaig* de vinte e cinco anos, duplo, por favor. E peça no bar

um pequeno copo de água mineral sem gás — instruiu Gabriel, sem estabelecer contacto visual com a empregada.

Esta foi-se embora e Rachel começou a rir.

— Meu irmão, só tu consegues fazer com que um pedido de bebida pareça tão pretensioso.

Julia riu-se baixinho, nem que fosse por ter gostado da visão da irritação de Gabriel com a caracterização da irmã.

— O que é *Laphroaig*? — perguntou.

— Um uísque escocês *single malt*.

— E para que é a água mineral?

— Só uma gota ou duas para abrir o paladar. Deixo-a experimentar, quando chegar. — Arriscou um pequeno sorriso na sua direção, e ela desviou o olhar para os seus lindos sapatos.

Ele seguiu-lhe o olhar e deu por si hipnotizado pela beleza dos saltos altos. Rachel não fazia ideia da boa compra que fizera. Valia cada cêntimo, só para ver as belas pernas da menina Mitchell arqueadas e alongadas por aqueles sapatos maravilhosos. Remexeu-se desconfortavelmente no seu assento, esperando que o movimento conseguisse deslocar a sua crescente ereção da prisão em que se encontrava.

Não consegui.

— Acho que podes ficar tu à espera das bebidas, Gabriel. Eu e a Julia vamos dançar.

Antes que Julia pudesse protestar, Rachel puxou-a para a pista de dança, fez sinal ao DJ para aumentar o volume da música e começou a dançar com entusiasmo.

Julia, por outro lado, sentia-se desconfortável. Conseguia ver que Gabriel se desviara no assento para a poder observar, recostando-se, de olhos intensos e fixos. Perguntou-se se ele reparara no facto de que ela não estava a usar as cuequinhas tradicionais por baixo do vestido.

Será uma coisa em que os homens reparam? As costuras das cuequinhas?

Não consegui desviar o olhar enquanto os olhos dele percorriam o seu corpo, desde a cabeça até aos pés, demorando-se mais do que o tempo necessário nas bem formadas pernas nuas e nos sapatos de solas vermelhas.

— Não consigo dançar com estes sapatos — protestou Julia ao ouvido da amiga.

— Tretas. Só tens de mexer o corpo e deixar os pés quietos. E estás linda, a propósito. O meu irmão é um idiota.

Julia virou as costas ao seu professor e começou a dançar, fechando os olhos e deixando-se possuir pela música. Era uma sensação fantástica. Assim que se esqueceu dele e dos seus penetrantes olhos azuis, conseguiu começar efetivamente a divertir-se. Marginalmente.

Será que ele consegue ver o contorno da minha tanga através do tecido do vestido? Que se lixe. Espero que consiga. Aprecie a vista, professor, porque é a única coisa que alguma vez apanhará.

Quando a canção acabou, Rachel aproximou-se do DJ com um sorriso e perguntou-se quais eram os seus planos para as músicas seguintes. Fosse qual fosse a resposta, devia ter-lhe agradado, porque ela ergueu um punho no ar de uma maneira muito pouco senhoril e quase soltou um berro.

— Fantástico! — exclamou, atravessando a pista para regressar para junto de Julia. Agarrou-lhe as mãos e fê-la andar à volta.

Agora que Julia e Rachel estavam a dançar (e obviamente a divertir-se), uma série de pessoas de vários *lounges* em volta decidiram juntar-se a elas, incluindo um louro muito interessante.

— Olá — ofereceu, aproximando-se mais de Julia e movendo-se ao mesmo tempo que ela com a música.

— Olá — disse ela, a sentir-se algo conspícua.

Pensou na velha história de que as mulheres associavam dança e sexo. Aquele homem, quem quer que ele fosse, era, sem dúvida, excelente no segundo, porque era, sem dúvida, heterossexualmente excelente no primeiro.

— Nunca a tinha visto por aqui antes. — Ele sorriu.

Julia reparou nos seus dentes muito brancos e nos olhos de um azul vivo, tão azuis como centáureas. Esqueceu-se momentaneamente de lhe responder, enquanto se concentrava na cor sensacional dos seus olhos.

— O meu nome é Brad. Como se chama? — Inclinou-se para a frente, com o ouvido quase a roçar nos lábios dela para ouvir a sua resposta por cima do pulsar da música.

Ela pestanejou um pouco perante aquela proximidade.

— Julia.

— Prazer em conhecer, Julia. É um lindo nome.

Ela acenou em sinal de que o ouvira e lançou um olhar desesperado a Rachel, na esperança de que a amiga viesse em seu auxílio. Mas Rachel estava demasiado ocupada a dançar de olhos fechados, porque, aparentemente, adorava a canção que estava a tocar.

— Posso pagar-lhe uma bebida? Eu e os meus amigos temos uma mesa mesmo aqui em frente. — Fez um gesto vago, mas Julia não seguiu a direção.

— Obrigada, mas estou com a minha amiga.

Ele sorriu, sem desistir, e aproximou-se mais.

— Traga a sua amiga. Tem os olhos mais bonitos que já vi. Não ia ser capaz de viver comigo mesmo se a deixasse ir embora sem lhe pedir o seu número.

— Mmm... não sei...

— Ao menos deixe-me dar-lhe o meu.

Os olhos de Julia dardejaram na direção de Rachel, o que foi uma má decisão, porque a impediu de ver Brad mover-se na sua direção. Acabou por pisá-lo mesmo nos dedos do pé, o que o fez encolher-se de dor e a fez perder o equilíbrio.

Ele apanhou-a antes de ela cair no chão e agarrou-a com força contra o peito, enquanto ela recuperava o equilíbrio. Tinha de admitir, Brad tinha um peito musculado e braços surpreendentemente fortes, para alguém vestido de fato.

— Pronto, linda. Desculpe. Está tudo bem? — Manteve a mão esquerda no braço dela e ergueu a direita para poder desviar-lhe os caracóis da frente dos olhos. Olhou-a e sorriu.

— Estou bem. Obrigada por não me deixar cair.

— Eu seria idiota se a largasse, Julia.

Julia reparou obliquamente que o sorriso dele não era sinistro. O homem parecia até simpático. O fato dizia-lhe que ele fora ao clube depois do trabalho e que provavelmente trabalhava na baixa para uma grande empresa — um sítio onde ainda se exigia que os jovens andassem de fato e gravata. E sapatos pretos muito reluzentes.

Era confiante, pensou ela, mas não arrogante. E as palavras dele, ainda que cuidadosamente escolhidas, não pareciam calculadas. Seria, talvez, o tipo de pessoa com que se imaginava a sair algumas vezes, mas duvidava que tivessem muito em comum. Dançar não era, certamente, coisa que quisesse fazer no futuro mais próximo. Embora dançar com ele...

Era demasiado tímida para prolongar mais a conversa. Abriu a boca para pedir desculpa, mas depois alguém lhe agarrou o outro braço e afastou efetivamente Brad da frente. Ela sentiu um choque a percorrer-lhe a superfície da pele e soube imediatamente de quem eram aqueles longos dedos frios em volta do seu antebraço nu.

— Está tudo bem? — perguntou Gabriel, a falar e a olhar apenas para Julia. A sua calma e tom preocupado contrastavam com a inexplicável fúria nos seus olhos.

A zanga confundiu-a, por isso ela não respondeu. Parecia estupefacta, o que Brad reparou de imediato.

— Este idiota está a magoá-la? — perguntou, a endireitar os ombros enquanto olhava de sobrolho franzido para Gabriel. Ele fez um movimento em frente, parecendo algo ameaçador.

Julia abanou a cabeça, ainda um pouco chocada.

— Ela está comigo — rosnou Gabriel, sem se dar ao trabalho de virar a cabeça na direção de Brad.

Ele recuou ligeiramente, pois o olhar de Gabriel era muito feroz.

— Venha — ordenou ele, puxando-a para fora da pista de dança e de volta aos seus lugares.

Julia lançou a Brad um olhar de desculpa por cima do ombro e foi-se embora de boa vontade.

Gabriel entregou-lhe uma bebida enquanto tentava acalmar a respiração. Estava surpreendido consigo próprio e com a sua ansiedade em ir em auxílio de Julia antes de considerar sequer as repercussões.

Enquanto ela bebia o seu *Cosmopolitan* e tentava processar o que acabara de acontecer, Gabriel voltou-se para ela, agarrado ao seu copo agora meio vazio.

— Tem de ter mais cuidado. Estes sítios podem ser muito perigosos para raparigas assim, e a Julianne, minha cara, é uma calamidade à espera de acontecer.

Ela cerrou os dentes.

— Eu estava bem. E ele era simpático!

— Pôs as mãos em cima de si.

— E então? Estávamos a dançar, e ele impediu-me de cair no chão, quando tropecei! Não o ouvi convidar-me para dançar.

Gabriel reclinou-se contra o sofá e olhou-a com um sorriso lento e sinuoso.

— Isso iria contrariar o objetivo de *olhar*, não acha?

Julia atirou o cabelo para trás e virou a cara à safira daqueles olhos avivados pelo uísque. Viu Brad a tentar chamar a sua atenção da pista de dança e tentou indicar com o corpo que ela e Gabriel não estavam juntos. Uma centelha de compreensão iluminou os olhos de Brad e ele anuiu, antes de desaparecer.

— Prometi que a deixava provar. — Gabriel deslizou no banco para mais perto de Julia e ergueu-lhe o copo aos lábios.

— Não. — Ela cheirou e recuou.

— Eu insisto. — A voz dele tornou-se mais perentória.

Julia suspirou e tentou retirar-lhe o copo da mão, mas ele afastou-o.

— Deixe-me dar-lhe — sussurrou ele, num tom subitamente rouco.

Ele soava a sexo. Ou, pelo menos, o que Julia imaginava que seria o sexo se estivesse sentado num sofá branco com brilhantes olhos azuis e um queixo arrogante, a tentar colocar-lhe um copo junto à boca.

Oh céus, Gabriel. Oh céus, Gabriel. Oh, céus, Gabriel. Oh... céus... Gabriel.

— Eu consigo sozinha — sussurrou ela, hesitante.

— Claro que sim. Mas porque haveria de o fazer, quando eu estou aqui para lho dar? — ripostou ele, a sorrir de uma maneira que mostrava a perfeição dos seus dentes.

Julia não queria entornar o seu precioso uísque por acidente, por isso deixou-o pressionar a bebida contra a curva do seu lábio inferior, o que ele fez de forma lenta e sensual. Fechou os olhos e concentrou-se momentaneamente na sensação do vidro frio e macio contra a pele. Ele inclinou o copo suavemente, até o líquido fumado lhe penetrar os lábios entreabertos e fluir para a sua boca aberta e expectante.

Julia estava surpreendida por ele se mostrar tão aberto com ela, tão sensual. Mas ficou ainda mais surpreendida quando o uísque lhe deixou a boca em fogo, e a incendiou.

Engoliu rapidamente.

— Isso é horrível! — exclamou. — Sabe a uma fogueira!

Ele recuou e analisou-lhe o rosto. Estava afogueado e animado.

— Isso é da turfa. É um gosto que se adquire. Poderá decidir se é um gosto que quer adquirir depois de o experimentar algumas vezes. — Fez-lhe um sorriso trocista, com apenas metade da boca a curvar-se.

Ela abanou a cabeça enquanto tossia.

— Duvido. E, a propósito, já sou uma rapariga crescida, e consigo tomar conta de mim mesma. Por isso, a não ser que eu lhe peça ajuda, agradeço que me deixe em paz.

— Disparates. — Acenou vagamente para a pista de dança. — Grendel e os seus parentes devoravam-na, se tivessem hipótese, e nem se dê ao trabalho de discutir comigo.

— Desculpe! Mas quem é que pensa que é?

— Alguém que reconhece a ingenuidade e a inocência quando a vê. Agora beba lá a sua bebida devagarinho, como uma boa menina, e pare de se comportar como se pertencesse a um sítio destes. — Gabriel fez-lhe um olhar sombrio e terminou o seu uísque de um trago. — *Calamity Julianne*.

— O que é que quer dizer com isso, “ingenuidade e inocência”? O que é que está a tentar dizer exatamente, Gabriel?

— Tenho de soletrar tudo?

Fez uma careta e baixou a voz, inclinando-se para ela. Os olhos de Julia reviraram-se para cima instintivamente quando o seu hálito quente lhe nadou pelo pescoço nu.

— A Julianne cora como uma adolescente. E consigo sentir a sua inocência. É mais do que óbvio que ainda é virgem. Por isso, pare de fingir ser outra coisa qualquer.

— *Seu...! Seu...!* — Julia desviou a orelha de perto dele enquanto tentava pensar numa palavra suficientemente má em inglês. Tristemente, caiu no italiano. — *Stronzo!*

Ao princípio, Gabriel pareceu furioso, depois a sua face suavizou-se e

ele riu-se — uma gargalhada que o fez atirar a cabeça para trás, fechar os olhos e agarrar a barriga.

Julia estava furiosa. Ali sentada, a ferver, enquanto bebia o seu *Cosmo* muito depressa, pensou como saberia Gabriel a verdade a seu respeito, conhecendo-a há tão pouco tempo. Decerto que Rachel não... Abanou a cabeça. Rachel não o faria. Essa informação era demasiado pessoal, e ela não a teria dito em voz alta a mais ninguém senão a Aaron. E Aaron era demasiado cavalheiro para repetir uma coisa dessas.

Enquanto Gabriel sorria, Julia lamentava o facto de ele ter efetivamente estragado uma oportunidade de conhecer uma pessoa que parecia simpática. Julia provavelmente não teria dado o seu número a Brad, porque não fazia esse tipo de coisa, mas queria ter sido ela a decidir, e não o seu professor. Era mesmo um idiota. E estava na altura de mudar.

Alguns minutos mais tarde, a empregada artificialmente louca regressou e entregou a Julia uma pequena caixa dourada.

— É para si.

— Desculpe, deve ser um engano. Não pedi isto.

— Obviamente, querida. Foi um dos tipos na mesa dos banqueiros que lho mandou. E pediu-me que lhe dissesse que vai ficar de coração partido, se lho devolver. — Fez um sorriso sedutor a Gabriel. — Posso servir-lhe outra bebida, Sr. Emerson?

— Acho que estamos bem servidos por aqui, obrigado. — Mantinha os olhos fixos em Julia, a vê-la revirar a pequena caixa entre as mãos. Lá dentro encontrou um cartão profissional e uma única trufa embrulhada em papel dourado. No cartão profissional, ela leu:

Brad Curtis

Vice-Presidente, Mercado de Capitais

Banco de Montreal

Bloor Street, 55, Quinto Andar

Toronto, Ontário

Tel. 416-555-2525

Virou o cartão e leu as palavras que estavam escritas com uma letra muito confiante:

Julia

Foi uma pena termos começado com o pé esquerdo.

O chocolate lembra-me os seus olhos lindos.

Brad.

Por favor, telefone-me: 416-555-1491

Julia virou novamente o cartão, com um sorriso espalhado no rosto oval. Ele fizera uma piada. Não pensara que a sua tremenda falta de jeito era razão para a rejeitar. E não lhe chamara *virgem*, como se fosse um nome feio. Admirara os seus olhos e achava-a atraente.

Desembrulhou cuidadosamente a trufa e enfiou-a na boca. *Céus*. Como saberia ele que adorava chocolates caros? Tinha de ser o destino. Fechou os olhos e degustou o sabor intenso e negro, lambendo os lábios para garantir que não lhe escapava nada. Um gemido involuntário escapou-se-lhe dos lábios.

Porque não conheci uma pessoa como ele no meu primeiro ano em Saint Joseph?

Entretanto, Gabriel estava a roer os nós dos dedos da mão direita como um animal enlouquecido. Mais uma vez, a visão da menina Mitchell a apreciar os pequenos prazeres da vida era uma das coisas mais eróticas que alguma vez testemunhara. A maneira como os seus olhos cresciam com a visão da trufa, o rubor que lhe pintara as bonitas faces em antecipação do sabor, a forma como gemia com uma boca semiaberta, e a maneira como a sua língua assomava num relâmpago para recolher os vestígios de cacau colados aos seus lábios de rubi... era, realmente, demasiado.

Por isso, claro, teve de estragar tudo.

— Não comeu mesmo isso, pois não?

Julia virou a cabeça. Esquecera-se da presença de Gabriel, arrebatada como estava na sua névoa de êxtase pseudo-orgásmico induzido pelo chocolate.

— Era delicioso.

— Ele pode tê-la drogado. Não sabe que não deve aceitar doces de desconhecidos, minha menina?

— Suponho que não faz mal aceitar maçãs, pois não, Gabriel?

Ele semicerrou os olhos com aquele *non sequitur*. Estava a escapar-lhe qualquer coisa.

— E não sou uma menina — bufou ela.

— Então pare de se comportar como se fosse. Não vai ficar com isso, pois não? — Apontou a caixa que estava agora a espreitar da minúscula carteira de Julia.

— Porque não? Ele pareceu-me simpático.

— E costuma fazer isso? Engatar um homem num bar?

As sobrancelhas dela colaram-se, e o seu lábio inferior começou a tremer.

— Eu não estava *a engatá-lo!* E de certeza que o Gabriel *nunca* engatou uma mulher num bar... e depois a levou para casa, coisa que, posso acrescentar, eu *nunca* fiz. Não que isso seja da sua conta, *professor*.

A cara de Gabriel ficou muito vermelha. Não ia contradizê-la; não seria tão hipócrita. Mas alguma coisa no que acabara de transpirar entre a menina Mitchell e o Grendel-banqueiro-louro inflamara-o verdadeiramente, embora não soubesse porquê. Acenou num instante à empregada para lhe trazer outro uísque.

Pelo seu lado, Julia pediu outro *Cosmopolitan*, desejando que a mistura frutada mas potente a ajudasse a esquecer o homem cruel mas cativante que estava sentado dolorosamente ao seu lado mas nunca seria seu.

Quando Rachel regressou, deixando-se cair de exaustão no assento, Julia levantou-se e pediu licença. Entrou no corredor escuro à procura da casa de banho. A arrogância e condescendência de Gabriel enfureciam-na. Ele não a queria, mas também não queria que mais ninguém a tivesse. Qual era o problema dele?

Estava tão concentrada em Gabriel que não viu um homem parado no corredor. Foi contra ele, desequilibrou-se para trás e inclinou-se perigosamente. Por sorte, o homem agarrou-a.

— Obrigada — murmurou ela, e ergueu o olhar para o rosto divertido de Ethan, o porteiro.

— De nada. — Ele soltou-a de imediato.

— Estava à procura da casa de banho das senhoras.

Ele apontou com o seu telemóvel.

— Na outra direção. — Regressou à mensagem que estava a compor antes de ela ter chocado com ele e soltou uma praga. — Raios.

— Parti alguma coisa?

Ethan abanou a cabeça.

— Não. Estou só a ter... dificuldades com uma mensagem.

Julia fez um sorriso de compreensão.

— Lamento.

— Eu também. — Olhou-a com interesse. — Estou impressionado. O Emerson não costuma *chegar* com uma senhora.

— Porque não?

Ethan soltou um ronco de troça.

— Está a falar a sério? Olhe à sua volta. Quantos casais pensa que chegaram juntos?

— Ah — disse ela. — Ele vem cá muito?

Ethan olhou-a com cuidado, a pensar quanto deveria revelar.

— Provavelmente é melhor fazer-lhe essa pergunta a ele.

Ela parecia nauseada.

Quando viu a sua expressão, Ethan tentou tranquilizá-la.

— Ei, ele hoje está aqui consigo. Isso diz alguma coisa, não diz?

Julia baixou o olhar para as mãos e brincou com as unhas.

— Hum, ele não está aqui comigo. Sou só uma velha amiga da irmã. Parecia tão triste, com aqueles grandes olhos castanhos e o lábio inferior a tremer, que Ethan tentou pensar em alguma coisa que a distraísse.

— Julianne, por acaso não sabe italiano, pois não?

Ela sorriu.

— Hum, chame-me Julia, por favor. E, sim, sei. Estou a estudar italiano na universidade.

A expressão de Ethan iluminou-se num instante.

— Podia ajudar-me a enviar uma mensagem à minha namorada? Ela é italiana. Gostava de a impressionar.

— O italiano do Gabriel é melhor do que o meu. Devia pedir-lhe a ele. Ethan lançou-lhe um olhar.

— Está a brincar? Não o quero por perto da minha mulher. Eu vejo como as mulheres reagem aqui. Ficam todas em cima dele.

Julia sentiu-se novamente agoniada, mas pôs de lado a sua náusea.

— Claro, eu traduzo o que quiser.

Ethan passou-lhe o telefone e ela começou a inserir as suas palavras em italiano. Riu-se ligeiramente com algumas das frases de tom mais íntimo, mas, de um modo geral, ficou impressionada com Ethan; com toda a sua dureza, preocupava-se o suficiente com a namorada para lhe dizer como a amava e para a tranquilizar dizendo-lhe que mantinha as mulheres do Lobby à distância. Estava mesmo a terminar a mensagem quando apareceu alguém atrás deles.

— *Cof-cof.*

Julia olhou para cima para ver um já conhecido par de olhos azuis zangados.

— Sr. Emerson — disse Ethan.

— Ethan — rosnou Gabriel.

Julia não tinha a certeza se os seus ouvidos estavam a funcionar. Parecia que Gabriel rugira como um animal, mas isso era impossível.

Carregou no *enviar* no telefone e devolveu-o a Ethan.

— Pronto. Tudo resolvido.

— Obrigado, Julia. Vou pedir que lhe levem uma bebida. — Ethan acenou a Gabriel com a cabeça e desapareceu numa esquina.

Julia começou a dirigir-se aos lavabos.

— Onde é que pensa que vai? — Gabriel seguiu-a.

— À casa de banho. O que é que isso lhe interessa?

Ele estendeu a mão como um relâmpago e agarrou-a pelo pulso, pressionando a almofada do polegar contra as veias que palpitavam debaixo da sua pele pálida. Ela conteve a respiração.

Puxou-a até ficarem escondidos num longo corredor escuro e empur-

rou-a contra uma parede. Continuou a segurar-lhe o pulso, a beber a sensação do seu pulso acelerado debaixo dos dedos, e colocou a outra mão na parede ao lado do ombro dela. Julia estava presa.

Gabriel levou um momento a inalar o seu aroma a baunilha e lambeu os lábios, mas os seus olhos não estavam felizes, longe disso.

— Porque é que lhe deu o seu número? Ele vive com uma mulher, sabe? E agora está a pagar-lhe bebidas e a chamar-lhe *Julia*?

— Esse é o meu nome, professor! O senhor é o único que não o usa. E, neste momento, mesmo que o quisesse usar, eu não o permitiria. Acho que me deve chamar menina Mitchell para sempre. E eu não lhe dei o meu número.

— Estava a inserir o seu número no telemóvel dele. Costuma mesmo oferecer-se a múltiplos homens ao mesmo tempo?

Julia abanou a cabeça, demasiado zangada para responder, e tentou esquivar-se debaixo do cotovelo dele, mas Gabriel agarrou-a pela cintura.

— Dance comigo.

Ela soltou um sopro.

— Nunca na vida.

— Não seja tão difícil.

— Estou só a começar a ser difícil, professor.

— *Cuidado*. — Ele soava ameaçador.

Julia esperou um momento para que o arrepio que aquele tom de voz lhe provocava desaparecesse da sua espinha.

— Porque é que não me enfia uma faca no coração e acaba logo com isto? — sussurrou, olhando-o diretamente nos olhos. — Não me magoou já o suficiente?

Gabriel soltou-a de imediato e recuou.

— Julianne. — O nome dela soltou-se da sua boca como algo entre uma censura e uma pergunta. As suas sobrancelhas franziram-se, e ele pareceu muito perturbado. Não zangado, mas perturbado. Magoado, talvez.

— Sou assim tão mau? — A voz dele era baixa, apenas acima de um murmúrio.

Julia abanou a cabeça numa negativa, e os seus ombros descaíram.

— Não tenho qualquer desejo de a magoar. Longe disso. — Olhou-a na sua postura intencionalmente submissa, e os seus olhos procuraram de imediato a boca dela. Viu o seu lábio inferior ligeiramente saliente e a tremer. Os olhos dela olhavam ansiosamente em volta.

Ela está assustada, idiota. Acalma-te.

— Mencionou há pouco que não a tinha convidado para dançar. Bem, agora estou a convidá-la. — A voz dele suavizara consideravelmente. — Julianne, quer dar-me a honra de dançar comigo? Por favor?

Fez-lhe um sorriso luminoso e inclinou um pouco a cabeça... um movimento sedutor de marca. Mas não teve o efeito desejado, pois Julia não erguia a cabeça. Ele passou-lhe os dedos suavemente pelo pulso, como se tentasse pedir desculpa à sua pele. (Não que a sua pele fosse aceitar o pedido de desculpas.)

Julia levou instintivamente a mão ao pescoço, sentindo-se de súbito como se estivesse a experimentar uma chicotada física, que era o capricho emocional daquele homem. Gabriel olhou para a mão que tremia contra a sua garganta cor de leite e, mais uma vez, viu as suas veias azuis estremeçerem a cada pulsação.

Como um colibri, pensou. Tão pequena. Tão frágil. Tem cuidado...

Ela engoliu ruidosamente em seco e, frenética, procurou uma saída.

— Por favor — repetiu ele, com os olhos a brilhar na escuridão.

— Não sei dançar.

— Estava a dançar.

— Não sei dançar com outra pessoa. Vou pisar-lhe os pés e magoá-lo com estes saltos. Ou vou tropeçar e acabar no chão, e deixá-lo humilhado. Já está zangado comigo... — O seu lábio inferior começou a tremer mais visivelmente.

Gabriel deu um passo em frente e ela encostou-se mais à parede, quase como se estivesse a tentar atravessá-la para lhe escapar. Ele pegou-lhe na mão e levou-a regamente aos lábios. Depois, com um firme sorriso no rosto, aproximou-se mais, baixou-se e levou a boca ao seu ouvido. A pele de Julia vibrou com a sua proximidade e a sensação do seu hálito contra a pele.

— Julianne, como poderia ficar zangado com uma pessoa tão doce? Prometo não ficar zangado nem humilhado. Vai poder dançar comigo. — O seu sussurro era estimulante e suave, sexual e sedutor, uísque e menta. — *Venha.*

Tomou-lhe a mão e a mesma centelha familiar percorreu-lhe a pele. Enquanto esperava que ela respondesse, sentiu-a ficar hirta sob os seus dedos e questionou-se a respeito daquela estranha reação. Parecia que o seu encanto estava a funcionar, embora ela estivesse a tremer um momento antes.

— Por favor, professor — sussurrou ela, a fixar a frente da camisa dele, não querendo encontrar o seu olhar.

— Pensei que, esta noite, supostamente, nos tratávamos por Gabriel e Julianne.

— Não quer mesmo dançar comigo. É só o uísque a falar.

As sobrancelhas dele elevaram-se e ele teve de conter uma resposta torta. Julia estava a provocá-lo, quase como se soubesse exatamente em que botões carregar e quando.

— Uma dança. É a única coisa que lhe peço.

— Porque é que quer dançar com uma virgem? — murmurou ela, de súbito fascinada pelos laços nos seus sapatos.

Ele endireitou as costas.

— Não é uma virgem qualquer, é a Julianne. Pensei que talvez quisesse dançar com alguém que não se preparasse para a molestar na pista de dança e tomar liberdades consigo na frente de uma discoteca cheia de homens sexualmente agressivos.

Ela parecia cética, mas não disse nada.

— Estou a tentar manter os lobos à distância — disse ele em voz baixa.

Um leão a tomar conta de lobos, pensou. *Que conveniente.*

Gabriel não fizera uma piada; estava a olhar para ela seriamente, os seus intensos olhos azuis mergulhados nos dela.

— Uma dança comigo e eles vão perceber o suficiente para a deixarem em paz. Isso deve ser uma melhoria, dado o atual estado das coisas. — Sorriu vagamente. — Se tiver sorte, mais ninguém a incomodará o resto da noite, e não vou ter de guardar a minha protegida com tanto cuidado.

Ela ressentiu-se com aquela caracterização, mas depois desconsiderou-a, percebendo que, naquela fase da vida dele, estava habituado a levar a sua avante — sempre.

Mas não foi sempre assim, pois não, Gabriel?

— O que vamos dançar? — Persuadiu-a a reentrar no *lounge*, pousando uma mão ao fundo das suas costas. — Vou pedir o que quiser. Que tal Nine Inch Nails? Talvez um pouco de *Closer*?

Sorriu para indicar que estava a brincar. Mas Julia não estava a olhar para a sua cara, estava de olhos no chão para não tropeçar e embaraçar-se a si mesma e O Professor. No entanto, assim que o nome *daquela canção* lhe saiu dos lábios, ela estacou.

Gabriel quase chocou com as suas costas, tão bruscamente ela parara. Pelas pontas dos dedos, sentiu o gelo no corpo dela e lamentou imediata e ferozmente ter sugerido aquela música. Deu um passo para lhe olhar o rosto, e o que viu perturbou-o profundamente.

— Julianne, olhe para mim.

A respiração dela parara.

— Por favor — acrescentou.

Obedientemente, Julia ergueu os grandes olhos castanhos e olhou-o por entre as longas pestanas. Ele viu medo e um radical desassossego no rosto dela, e alguma coisa dentro de si se revirou.

— Era uma piada. Uma piada de mau gosto. Desculpe. Nunca pediria essa música para dançar consigo. Seria a pior forma de blasfémia, expor alguém assim a palavras daquelas.

As pestanas de Julia palpitavam de confusão.

— Eu sei que fui um pouco... *stronzo* esta noite. Mas vou escolher uma coisa bonita. Prometo.

Não querendo soltá-la com medo que fugisse, Gabriel levou-a até à cabine do DJ e passou-lhe uma nota, sussurrando-lhe o pedido ao ouvido. O DJ anuiu e sorriu, e fez uma saudação a Julia antes de procurar a canção pedida.

Gabriel conduziu-a para a pista de dança e puxou-a para perto de si — mas não demasiado perto. Reparou que as mãos dela, que eram tão mais pequenas do que as suas, tinham começado a suar. Não lhe ocorreu que talvez estivesse a ter aquela reação por causa da música que mencionara. Não, o seu único pensamento foi que ela lhe era completamente hostil e que ele tornara as coisas piores ao mostrar-se insultuoso e ditatorial com ela, quando a única coisa que realmente queria era salvá-la dos lobos que tinham descido para lhe farejar as saias.

Por que raio é que me importo? Ela não é nenhuma criança. Nem sequer é minha amiga.

Sentiu-a estremecer e, mais uma vez, lamentou ter sido duro com ela. Era uma coisinha delicada e claramente bastante sensível. Não devia ter mencionado o facto de ter observado que ela era virgem. Era uma coisa grosseira de se fazer. Grace teria ficado consternada com a sua falta de cavalheirismo, e com toda a razão.

Talvez pudesse compensar a linda Julianne se dançasse calmamente com ela e lhe mostrasse que sabia comportar-se como um cavalheiro, afinal de contas. Gabriel pousou a mão ao fundo das suas costas e fletiu-a. Sentiu de imediato a respiração dela acelerar.

— Descontraia-se — sussurrou-lhe, e os seus lábios roçaram acidentalmente a pele da face dela.

Fê-la encostar-se a si, tendo o cuidado de fazer com que ela sentisse o peito dele contra o seu. Forte e duro contra suave e macio, assim se tocavam através das roupas. Gabriel estava agora com o seu melhor comportamento.

Julia não reconheceu a música que ele pedira. O vocalista cantava em espanhol e as palavras eram desconhecidas, embora ela reconhecesse a frase *besame mucho* e soubesse que significava *beija-me muito*. O arranjo em si era um lento *jazz* latino, e eles moviam-se suavemente, enquanto Gabriel a conduzia pela pista de dança como um perito. O facto de ter escolhido uma música abertamente romântica fê-la corar.

Beije-te muito, Gabriel, por uma noite gloriosa. Mas tu não te lembras. Será que te lembrarias se te beijasse...

Sentiu-lhe o dedo mindinho roçar o topo das suas cuequinhas minús-

culas por baixo do vestido, e perguntou-se se ele saberia o que tinha debaixo do dedo. A ideia de que talvez soubesse fez a sua pele explodir em calor. Escondeu os olhos, mantendo-os determinadamente fixos nos botões da camisa dele.

— Seria melhor se olhasse para mim. Seria mais fácil para seguir a minha orientação.

Ela viu-o sorrir-lhe, um sorriso aberto e genuíno que não via há anos. O seu coração palpitou, e ela sorriu-lhe em resposta, baixando a guarda (mas não as cuequinhas especiais) por um instante.

O sorriso de Gabriel desvaneceu-se.

— A sua cara é-me familiar. Tem a certeza que a Rachel nunca nos apresentou, durante uma das minhas visitas a casa?

Os olhos de Julia iluminaram-se com o que parecia ser uma esperança.

— Ela não nos apresentou, não mas nós...

— Poderia jurar que já a tinha visto antes. — Franziu a testa, confuso.

— Gabriel? — instigou ela, a tentar revelar a verdade com os olhos.

Ele suspirou lentamente, a abanar a cabeça.

— Não, suponho que não. Mas faz-me lembrar a Beatriz do quadro de Holiday. Não é engraçado que também tenha esse quadro?

Se Gabriel soubesse o que procurar, ou se fosse melhor a ler o seu rosto, teria visto que ela parecia ligeiramente nauseada, e que qualquer esperança nos seus olhos desaparecera.

Ela mordeu o lábio com um ar ausente.

— Um... amigo falou-me desse quadro. Foi por isso que o comprei.

— O seu amigo tem bom gosto.

Alguma coisa na resposta dela desagradara-lhe, mas ele pôs de lado esse desprazer como um derivado do facto de a sentir tão tensa nos seus braços. Suspirou e juntou a testa à dela, o seu hálito quente contra o rosto de Julia. Cheirava a *Laphroaig* e a qualquer coisa distintamente gabrieliana e potencialmente perigosa.

— Julianne, eu prometo que não mordo. Não tem de estar tão ansiosa.

Ela ficou mais rígida, embora soubesse que ele estava a tentar pô-la à vontade. Mas já a magoara vezes incontáveis, e estava cansada disso. Não era uma marioneta num fio que ele podia controlar para seu próprio divertimento mercurial, só porque um banqueiro louro lhe tinha enviado uma trufa. Parecia-lhe que aquela dança era simplesmente uma oportunidade para ele declarar a sua superioridade.

— Não me parece que isto seja muito profissional — começou ela, com os olhos subitamente em fogo.

O sorriso dele desvaneceu-se da sua face, e os seus olhos chisparam.

— Não, não é, menina Mitchell. Não estou a ser profissional consigo,

de todo. Suponho que não é desculpa dizer-lhe que queria dançar com a rapariga mais bonita no clube?

A deliciosa boca vermelha abriu-se ligeiramente, depois ele viu-a pressionar os lábios.

— Não acredito em si.

— O quê, não acredita que é facilmente a mulher mais bonita daqui? Com todo o respeito pela minha irmã? Ou não acredita que eu, um sacana frio, queira dançar consigo uma música suave?

— Não goze comigo — ripostou ela.

— Não estou a gozar, *Julianne*.

Ele fletiu o braço ao fundo das suas costas, e Julia conteve a respiração, porque isso lhe provocou qualquer coisa por dentro. Ele sabia-o, claro, e esperara uma reação. O que não sabia era que já lhe tocara ali anteriormente, que fora o primeiro homem a alguma vez lhe tocar ali. E que a pele dela nunca recuperara da sua ausência.

Gabriel observou a subsequente irritação dela, divertido.

— Quando não me franze a testa dessa maneira, e tem os olhos grandes e suaves, é muito bonita. É sempre atraente, mas, nesses momentos, parece um anjo. É quase como se fosse... parece...

Uma súbita centelha de reconhecimento passou-lhe pelo rosto, e Julia parou de dançar.

Apertou-lhe a mão e olhou-o nos olhos, querendo que ele recordasse.

— O quê, Gabriel? Recordo-o de alguém?

A expressão no rosto dele desvaneceu-se tão depressa quanto aparecera, e Gabriel abanou a cabeça, sorrindo-lhe indulgentemente.

— Só uma fantasia passageira. Não se preocupe, menina Mitchell, a dança está quase a acabar. Depois ficará livre de mim.

— Era bom que assim fosse — murmurou ela.

— O quê? — Ele voltou a colar a testa à dela.

Sem pensar em como seria íntima tal ação, ele soltou a mão e desviou-lhe lentamente um caracol do cabelo, as pontas dos dedos a roçarem a pele do seu pescoço durante muito mais tempo do que o necessário.

— É linda — sussurrou ele.

— Estou a sentir-me como a Cinderela. Foi a Rachel que me comprou o vestido e os sapatos. — Julia mudou de assunto rapidamente.

Ele retirou a mão.

— Sente-se mesmo como a Cinderela?

Ela anuiu.

— É preciso tão pouco para a fazer feliz — disse ele, mais para si mesmo do que para ela. — O seu vestido é lindo. A Rachel devia saber qual é a sua cor preferida.

— Como é que sabe que a minha cor preferida é púrpura?

— O seu apartamento está coberto dessa cor.

Julia fez uma careta quando se recordou da primeira e única visita d'O Professor ao seu buraco de hobbit.

Gabriel queria fazê-la olhar para ele — só para ele.

— Os sapatos são maravilhosos. — Os olhos dele viajaram desde o alto da cabeça dela até aos seus pés.

Ela encolheu os ombros.

— Estou com medo de cair.

— Eu não deixo.

— A Rachel é muito generosa.

— Sim. Tal como a Grace.

Julia anuiu.

— Mas eu não. — A observação saiu quase como uma pergunta, e os seus olhos procuraram os dela.

— Nunca disse isso. De facto, acho que consegue ser muito generoso, quando quer.

— Quando quero?

— Sim. Eu tinha fome, e deu-me de comer. — Duas vezes, pensou Julia.

— Tinha fome? — A voz de Gabriel era rouca, horrorizada, e ele parou de dançar imediatamente. — Está a passar fome? — Os seus olhos endureceram como duas geladas joias azuis, e a voz arrefeceu à temperatura da água a deslizar sobre um glaciar.

— Não estou esfomeada, professor, só um pouco de fome... de bife. E maçãs. — Ergueu o olhar para ele timidamente, esperando acalmar a sua súbita mostra de irritação.

Gabriel estava demasiado aborrecido para reparar na frase sobre maçãs. Sentia o próprio estômago entalado na garganta enquanto contemplava a realidade da pobreza dos estudantes de mestrado — uma realidade que conhecia demasiado bem — e da pobre e faminta menina Mitchell. Não admirava que ela fosse tão pálida e magra.

— Diga-me a verdade. Tem dinheiro suficiente para viver ou não? Eu vou à direção do meu departamento na segunda-feira e obrigo-os a aumentar a sua bolsa, se me disser que precisa. Dou-lhe o meu cartão da *American Express* já esta noite, pelo amor de Deus. Não vou tolerar que passe fome. Não vou.

Julia ficou momentaneamente em silêncio, porque aquela reação deixara-a atónita.

— Eu estou bem, professor. Tenho dinheiro que chegue, se for cuidadosa. O meu apartamento torna as refeições um problema, mas, prometo-lhe, não estou a passar fome.

Ele baixou o olhar para os lindos sapatos.
— Vai vendê-los para comprar coisas na mercearia? Ou pagar a renda?
— Claro que não! São um presente da Grace... mais ou menos. Eu nunca, nunca, me separaria deles. Aconteça o que acontecer.
— Promete-me que, se alguma vez ficar desesperada por dinheiro, vem ter comigo? Pelo amor de Grace?
Julia desviou os olhos, optando por ficar em silêncio.
Ele suspirou e baixou a voz.
— Eu sei que não mereço a sua confiança, mas estou a pedir-lhe que ma conceda apenas a este respeito. Promete?
Ela inspirou profundamente e reteve o ar.
— É muito importante para si?
— Ao máximo. Sim.
Ela expirou ruidosamente.
— Então, está bem, prometo.
— Obrigado. — Ele respirou de alívio.
— A Rachel e a Grace sempre foram muito boas para mim, especialmente depois de a minha mãe morrer.
— Quando morreu a sua mãe?
— No meu último ano na secundária. Já estava a viver com o meu pai em Selinsgrove, por essa altura. Ela estava em St. Louis.
— Lamento.
— Obrigada. — Ela abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, mas deteve-se.
— Tudo bem — sussurrou ele. — Pode dizer. — Olhou-a nos olhos para a encorajar, e, por um momento, Julia esqueceu-se do que queria dizer. Mas recompôs-se.
— Mm, ia só dizer que, se alguma vez precisar de alguém com quem falar... sobre a Grace, quero eu dizer. Eu sei que a Rachel vai voltar para Filadélfia. Mas eu estou cá, hum, obviamente. Não que isso fosse muito profissional, mas eu estou aqui. Eeh. Sim. É isto.
Julia evitava-lhe os olhos, e Gabriel sentiu o corpo dela ficar tenso, como se se preparasse para qualquer coisa muito horrível que pudesse acontecer.
O que foi que eu fiz a esta pobre rapariga? Ela está aterrorizada com a possibilidade de eu lhe gritar por qualquer coisa.
Gabriel sabia que merecia aquela cautela, e por isso resolveu inundá-la de bondade... pelo menos até a música terminar e eles voltarem a habitar os seus papéis profissionais. Então seria distante, mas gentil.
— Julianne, olhe para mim. Sabe, não há nada que proíba que as pessoas me olhem nos olhos.

Ela olhou-o hesitante.

— É muito simpática, a sua oferta. Obrigado. Não gosto de falar sobre certas coisas, mas não me vou esquecer de si. — Sorriu-lhe novamente, e desta vez o sorriso permaneceu. — Possui caridade e bondade, duas das mais importantes virtudes celestiais. De facto, tenho a certeza que possui todas as sete.

Especialmente castidade, pensaram ambos para si mesmos, independentemente. *E ele julga que a castidade é algo a ridicularizar*, pensou Julia.

— Nunca tinha dançado assim antes — disse ela, pensativa.

— Então fico contente por ser o seu primeiro. — Ele apertou-lhe a mão calorosamente.

Julia estacou.

— Julianne? O que se passa?

Os olhos dela tornaram-se vítreos, e a sua pele muito fria. Gabriel viu quando o rubor virulento que se lhe espalhara pelas faces dois minutos antes se desvaneceu completamente e a sua pele tornou-se de um branco translúcido, como papel-arroz. Ela recusava-se a olhá-lo, e quando ele fletiu a mão contra as suas costas, foi como se nem o sentisse.

Quando Julia saiu do seu transe, ou choque, ou o que quer que fosse, Gabriel tentou fazê-la falar, mas ela estava demasiado abalada para o fazer. Não fazia ideia do que se passava, por isso acenou a Rachel e pediu-lhe que levasse Julia à casa de banho. Depois voltou para o bar e pediu um duplo, engolindo-o rapidamente antes que as duas regressassem.

Gabriel tomou uma decisão executiva e decidiu que estava na altura de voltarem para casa. A menina Mitchell estava claramente indisposta e O Vestíbulo não era sítio para ela, mesmo em circunstâncias normais. Sabia que, a certa altura da noite, os homens ficariam bêbados, e a agarrar tudo o que podiam, e as mulheres ficariam bêbadas e cheias de tesão. Ele não queria a irmãzinha mais nova e a linda e virginal menina Mitchell expostas a qualquer um destes tipos de comportamento. Por isso pagou a conta e pediu a Ethan que lhes arranjasse dois táxis, tencionando pagar ao condutor do táxi da menina Mitchell e dar-lhe instruções para esperar à porta da sua residência para garantir que ela entrava em segurança.

Infelizmente para o pobre Gabriel, Rachel tinha o seu próprio plano.

— Boa-noite, Julia! Vejo-te em casa, Gabriel. Obrigada por a acompanhares a casa pessoalmente! — Rachel enfiou-se num dos táxis, batendo com a porta atrás de si, e atirou ao taxista uma nota de vinte para ele arranjar antes que Gabriel desse um único passo.

Ele estava agora lixado num outro sentido, uma vez que era óbvio o que irmã estava a tentar fazer. No entanto, era muito menos provável que ela desse com algum malfeitor à entrada do edifício Manulife, com segu-

rança de serviço, do que a menina Mitchell na Madison Avenue. Por isso, não podia censurar a decisão da irmã.

Gabriel abriu a porta do táxi a Julia e entrou atrás dela. Quando pararam na frente do edifício onde ela morava, rejeitou o dinheiro dela e instruiu o motorista a esperar. Escoltou Julia até à entrada do edifício e parou à luz suave do alpendre enquanto ela procurava as chaves.

Deixou-as cair, claro, porque ainda estava abalada depois do que acontecera na discoteca. Gabriel apanhou-as e experimentou as chaves na fechadura até conseguir abrir a porta. Devolveu o porta-chaves e passou-lhe um dedo pelas costas da mão. Depois parou a olhar para ela com um ar estranho no rosto.

Julia inalou bruscamente e começou a falar com os seus sapatos pretos pontiagudos (que eram um tudo-nada demasiado modernos, até para Gabriel), porque não conseguia dizer o que precisava de ser dito e olhar para os seus olhos lindos mas frios.

— Professor Emerson, quero agradecer-lhe por me abrir portas e me convidar para dançar. De certeza que foi aviltante ter de se comportar assim com uma aluna. Sei que apenas me tolera porque Rachel está cá, e que quando ela se for embora, vai tudo voltar ao normal. E prometo não contar nada... a ninguém. Sou muito boa a guardar segredos.

»Vou requerer outro orientador de tese. Sei que não me acha muito inteligente e que só mudou de ideias porque teve pena de mim por causa do meu apartamento. É óbvio, pelo que disse esta noite, que me julga indigna de si e que lhe é doloroso ter de falar com uma virgem estúpida. Adeus.

De coração pesado, Julia virou-se para entrar no edifício.

Gabriel pôs-se na sua frente.

— Já terminou? — A voz dele tornara-se muito áspera.

Ela virou-se para ele, de olhos muito abertos e a tremer.

— Já fez o seu discurso; creio que a cortesia exige que me seja dada uma oportunidade de responder às suas acusações. Por isso, se não se importa... — Ele desviou-se da porta e parou a olhá-la com uma expressão de mal oculta fúria.

— Eu abro-lhe as portas porque é assim que uma senhora deve ser tratada, e a menina Mitchell, afinal, é uma senhora. Nem sempre me comortei como um cavalheiro, mas Grace fez os possíveis por isso.

»Quanto a Rachel, é uma rapariga querida mas sentimental. Era capaz de me obrigar a recitar sonetos debaixo da sua janela como um adolescente. Por isso, vamos deixar a minha irmã fora disto, sim?

»Quanto a si, se Grace a adotou como me adotou a mim, isso diz-me que viu alguma coisa de especial em si. Ela tinha o dom de curar as pessoas

através do amor. Infelizmente, no seu caso, como no meu, provavelmente chegou um pouco tarde de mais.

Julia ergueu as sobrancelhas com esta última declaração, a perguntar-se intimamente o que significava, mas não teve coragem para lhe perguntar.

— Pedi-lhe para dançar comigo porque queria a sua companhia. A sua mente é boa, e a sua personalidade encantadora. Se quiser outro orientador, tem esse direito. Mas, francamente, fico desapontado. Nunca pensei em si como alguém capaz de desistir.

»Se acha que faço coisas por si por pena, é porque não me conhece muito bem. Sou um sacana egoísta e egocêntrico que mal repara nas preocupações dos outros seres humanos. Que se lixe o seu pequeno discurso, que se lixe a sua baixa autoestima, e que se lixe o programa. — Bufou de frustração, esforçando-se ao máximo para não erguer a voz. — A sua virgindade não é nada de que se deva envergonhar e de certeza que não é da minha conta. Só queria fazê-la sorrir e...

A voz de Gabriel desvaneceu-se quando a sua mão encontrou o queixo de Julia. Ergueu-lhe o rosto suavemente e os olhos de ambos encontraram-se.

Deu por si a dar um passo em frente, o seu rosto a aproximar-se do dela, os seus lábios a centímetros de distância. Tão perto que ela sentiu o seu hálito morno no rosto.

Uísque e menta...

Ambos inalaram profundamente, a beber do cheiro um do outro. Ela fechou os olhos, e a sua língua dardejou rapidamente para humedecer o lábio inferior. Aguardou.

— *Facilis descensus Averni* — sussurrou ele, as suas palavras ominosas e preternaturais a atingi-la no fundo da alma. — A descida ao Inferno é fácil.

Gabriel endireitou-se, soltou-lhe o queixo e voltou a passos largos para o táxi, batendo com a porta do carro atrás de si.

Julia abriu os olhos para ver o táxi partir. Encostou-se contra a porta para se apoiar, as pernas feitas de gelatina.

Capítulo Dez

Enquanto estava no Lobby, houvera momentos em que Julia se convencera de que Gabriel se recordava dela. Mas aqueles momentos eram fugidios e etéreos, e desapareciam como teias de aranha sopradas pelo vento. E Julia, porque era uma jovem honesta, começava a duvidar de si mesma.

Talvez o seu primeiro encontro com Gabriel tivesse sido um sonho. Talvez se tivesse apaixonado pela fotografia e imaginado os eventos que tinham ocorrido após a partida de Rachel e Aaron. Talvez tivesse adormecido no pomar sozinha, a triste recipiente da ilusão desesperada e solitária de uma jovem rapariga oriunda de um lar despedaçado que nunca antes se apaixonara.

Era possível.

Quando toda a gente no mundo inteiro acredita numa coisa e se é a única pessoa a acreditar noutra diferente, é muito tentador assimilar. A única coisa que Julia tinha de fazer era esquecer, negar, suprimir. Depois seria exatamente como toda a gente.

Mas Julia era mais forte do que isso. Não, não estava preparada para denunciar Gabriel publicamente por expor a sua virgindade, pois isso seria atrair demasiada atenção para um facto de que em parte se envergonhava. E não, não estava disposta a forçá-lo a reconhecê-la da noite que tinham partilhado juntos, pois Julia tinha um coração puro, e não gostava de forçar ninguém a fazer fosse o que fosse.

Quando vira a confusão no rosto de Gabriel enquanto dançavam e percebera que a sua mente não lhe permitiria recordar, preferira recuar. Temia o que uma súbita iluminação poderia fazer a Gabriel e, com medo que a sua mente se pudesse despedaçar como a mesa de vidro de Grace, optara por não fazer nada.

Julia era uma pessoa boa. E por vezes a bondade não diz tudo o que sabe. Por vezes a bondade espera pelo tempo apropriado e faz o melhor que pode com o que tem.

O professor Emerson não era o homem por quem se apaixonara no pomar. De facto, Julia concluíra que havia alguma coisa seriamente errada n' O Professor. Ele não era apenas sombrio ou deprimido, mas perturbado. E receava que tivesse tendências alcoólicas, conhecendo como conhecera o alcoolismo da sua mãe. Mas, porque era boa, não lhe faria o mal que lhe fora feito a ela, forçando-o a olhar para algo que ele não queria ver.

Teria feito qualquer coisa por Gabriel, o homem com quem passara a noite no bosque, se ele lhe tivesse dado uma única indicação de que a queria. Teria descido ao Inferno em busca dele, procurando-o até o encontrar. Teria arrombado os portões e tê-lo-ia arrastado de volta. Teria sido o Sam para o seu Frodo, seguindo-o até às entranhas do Monte da Condenação.

Mas ele não era o seu Gabriel. O seu Gabriel morrera. Fora-se. Deixando apenas vestígios dele no corpo de um clone duro e torturado. Gabriel quase partira o coração de Julia uma vez. Ela estava decidida a não o deixar parti-lo pela segunda.

Antes de Rachel partir de Toronto para regressar para Aaron e para a distopia que era a sua família, insistiu em ir ter com Julia ao seu apartamento. Julia andara a adiar durante vários dias, e o próprio Gabriel desencorajara a irmã de aparecer simplesmente sem se fazer anunciar. Ele sabia que, assim que ela visse onde a amiga vivia, faria pessoalmente as malas de Julia e obrigá-la-ia a mudar-se para um sítio melhor, de preferência para o quarto de hóspedes de Gabriel.

(Só se pode imaginar a reação de Gabriel a essa sugestão, mas seria qualquer coisa na ordem de um *foda-se, nem penses.*)

Por isso, na tarde de domingo, Rachel chegou à porta de Julia para beberem um chá e fazerem as suas despedidas, antes de Gabriel a levar ao aeroporto.

Julia estava nervosa. Possuía a virtude cardeal da fortaleza, como uma obstinada santa medieval, e por isso não se importava com o desconforto ou incómodo. Consequentemente, quando assinara o contrato de arrendamento, não pensara que o seu pequeno buraco de hobbit era assim tão mau. Era seguro e limpo, e conseguia pagá-lo. Mas acreditar nisso e mostrar o seu apartamento a Rachel eram duas coisas muito diferentes.

— Tenho de te avisar, é muito pequeno. Mas, lembra-te, vivo com a minha bolsa. Não posso arranjar trabalho aqui porque não tenho visto de trabalho. E não posso viver no edifício de Gabriel, ou em qualquer outro sítio mesmo com metade da qualidade — explicou Julia enquanto fazia a

amiga entrar no apartamento. Rachel anuiu e pousou uma grande caixa quadrada em cima da cama.

Gabriel avisara-a de que o apartamento era minúsculo. Dissera-lhe para não fazer uma cena, pois ainda alimentava um secreto arrependimento do seu comportamento atroz durante a primeira e única visita ao apartamento de Julia.

Mas, ainda assim, nada do que o irmão ou a amiga lhe tinham dito a prepararam para o que viu por detrás da porta fechada de Julia. O espaço era pequeno, velho, e todas as coisas eram em segunda mão ou baratas, tirando as cortinas simples, a roupa de cama e tudo o que Julia levava consigo de casa. Para seu crédito, primeiro Rachel entrou no estúdio, precisando apenas de cinco passos, olhou para o roupeiro, inspecionou a casa de banho e parou na área de cozinha a fitar a patética placa elétrica e um velho micro-ondas decrépito. Depois levou as mãos ao rosto e desatou a chorar.

Julia ficou colada ao chão, sem saber o que fazer. Rachel perturbava-se com a feiura, como ela sabia, mas Julia tentara tornar o seu estúdio bonito e usara os seus tons de púrpura preferidos para o fazer. Decerto que Rachel conseguia perceber isso.

Rachel recompôs-se uns momentos depois, limpou as lágrimas e soltou um risinho.

— Desculpa. São as hormonas e a falta de sono, e tenho andado muito emotiva por causa da mãe. Depois houve aquilo tudo com o meu pai, e o Aaron, e o casamento. Oh, Julia, quem me dera poder levar-te de volta comigo e que viesses viver connosco em Filadélfia. Temos tanto espaço. E a nossa cozinha é maior do que o teu apartamento inteiro!

Julia abraçou a amiga com força até esta fazer um sorriso.

— O Gabriel disse que eras muito cuidadosa com o chá. Ficou impressionado com a maneira como o fizeste. E sabes que nunca nada o impressiona. Por isso vou-me instalar na tua linda cama lilás e aprender como o fazes. — Rachel deixou-se cair em cima do edredão de Julia, pôs a caixa quadrada no colo e tentou mostrar-se alegre, pela sua amiga.

Julia estava surpreendida por Gabriel se recordar do chá, uma vez que se mostrara tão ocupado a criticar os seus hábitos alimentares durante a visita. Mas pôs esses pensamentos de lado e concentrou a sua atenção em fazer com que Rachel se sentisse em casa e ajudá-la a esquecer os seus problemas. Em breve estavam as duas sentadas na cama, de chávenas de chá na mão e a mordiscar as trufas de chocolate que Julia comprara como guloseima de celebração com parte do seu fundo de emergência.

Rachel contornou a borda da chávena com um único dedo.

— Há uma coisa que preciso de te contar sobre o Gabriel.

— Não quero ouvir.

Rachel olhou para Julia e franziu o sobrolho.

— Porque não?

— Porque ele é meu professor. É... mais seguro se fingirmos não nos conhecermos. Acredita.

Rachel abanou a cabeça.

— Ele disse-me uma coisa parecida, sabes? Mas vou dizer-te o mesmo que lhe disse a ele, não quero saber. Ele é meu irmão, e eu amo-o. E há algumas coisas que devias saber.

Julia suspirou e aquiesceu.

— Ele matava-me se soubesse que te estou a contar isto, mas acho que vai tornar mais fácil de compreender a sua atitude. A mamã alguma vez te contou como foi que o adotou?

— Ela só falava das coisas felizes: como se orgulhava dele, como se saía bem em Princeton e Oxford. Nunca falava da sua infância.

— A mãe encontrou-o quando tinha nove anos a vaguear pelo hospital de Sunbury. Tinha andado a viajar com a mãe, que era uma louca alcoólica, e ela tinha adoecido. Acabaram em Sunbury e a mãe morreu, de pneumonia, acho eu. Seja como for, a minha mãe encontrou o Gabriel, e ele não tinha um dólar consigo. Nem sequer podia comprar uma bebida na máquina. Ela ficou ainda mais preocupada quando localizou a família da mãe e eles lhe disseram que ficasse com ele. Gabriel sabia que a família não o queria. E, apesar de tudo o que os meus pais fizeram, acho que nunca se sentiu em casa connosco. Nunca se tornou um Clark.

Julia pensou em Gabriel como um menino assustado e com fome e teve de se esforçar para conter as lágrimas. Imaginou os seus grandes olhos azuis numa face pálida mas angelical. Os seus cabelos castanhos espetados e despenteados. Roupas sujas e uma mãe enlouquecida. Julia sabia o que era ter uma mãe alcoólica. Sabia o que era chorar à noite até adormecer, a desejar que alguém, qualquer pessoa, a amasse. Ela e Gabriel tinham mais em comum do que queria admitir. Muito, muito mais.

— Lamento, Rachel. Não sabia.

— Não estou a desculpar a sua grosseria. Estou só a dizer-te quem ele é. Sabias que, depois da discussão horrível que ele teve com o Scott, a minha mãe acendia uma vela todas as noites e a colocava numa das janelas? Pensava que, se o Gabriel estivesse em Selinsgrove e visse a vela, saberia que ela o esperava, que o amava, e que queria que ele abrisse a porta e entrasse.

Julia abanou a cabeça. Não sabia aquilo, mas acreditava. Grace era assim — a caridade em pessoa.

— Ele finge ser uma pessoa inteira, mas a verdade é que foi destruído. E, no fundo, odeia-se. Eu disse-lhe para te tratar bem, por isso acho que o

seu comportamento vai melhorar. Caso contrário, avisa-me, que eu trato do assunto.

Julia soltou um ronco de troça.

— Ele ignora-me, principalmente. Sou uma reles aluna de mestrado, e ele não deixa que me esqueça disso.

— Acho difícil de acreditar. Duvido muito que ficasse a olhar tão intencionalmente para uma “reles” aluna de mestrado.

Julia concentrou-se no seu chocolate.

— Ele olhou para mim?

Estava a fazer o máximo esforço para parecer descontraída, mas a sua voz não parecia natural, quase tremia.

— Ele está sempre a olhar para ti. Não reparaste? Apanhei-o a olhar para ti durante todo o jantar na outra noite, e quando estávamos na discoteca. Sempre que bebias qualquer coisa. E quando eu lhe piscava o olho, ficava todo carrancudo. — Rachel olhou para a amiga com um ar pensativo. — Eu vejo os dois juntos e sinto-me como se me estivesse a escapar alguma coisa... Ele sabia que ia às compras esta semana e não só me encorajou como me deu dinheiro.

— E então? Isso é simpático. É para isso que servem os irmãos mais velhos. O que foi que compraste?

— O dinheiro era para ti, não para mim.

Julia franziu o sobrolho e virou-se de lado na cama, de pernas cruzadas, para poder olhar de frente para a amiga.

— Por que raio é que fez isso?

— Diz-me tu. — Rachel inclinou a cabeça para um lado.

— Não sei. Tem sido ríspido comigo desde que cheguei.

— Bem, ele deu-me dinheiro e disse-me para te comprar um presente. Foi muito específico. Por isso, aqui o tens. — Rachel pôs a caixa no colo de Julia.

— Eu não quero. — Tentou devolvê-la, mas Rachel recusou.

— Ao menos abre e vê o que é.

Julia abanou a cabeça, mas Rachel insistiu. Por isso abriu a caixa. Lá dentro encontrou uma boa mala à tiracolo em pele italiana, de um lindo castanho-chocolate. Ergueu a mala pela alça e olhou-a. A etiqueta dizia *Fendi*.

Caramba, pensou Julia.

— Então? O que achas?

— Eu... não sei — gaguejou, a fitar a bela mala clássica, atónita.

Rachel tirou-lha e começou a abri-la, a falar das suas costuras internas, dos numerosos compartimentos e da qualidade de fabrico em geral.

— Vês como é perfeita? É funcional e feminina, já que é uma mala a

tiracolo e não uma pasta, e é italiana. E ambas sabemos que tu e o Gabriel têm uma pancada... por Itália — acrescentou depois de uma pausa que era concebida para suscitar qualquer espécie de reação.

O comprometedor rubor e o imediato nervosismo de Julia disseram a Rachel tudo o que precisava de saber, mas ela optou por não embarçar ainda mais a amiga.

— Não estou autorizada a dizer-te quem ta deu. Ele foi muito explícito. Claro que eu o ignorei. — Riu-se.

— O teu irmão quer que eu fique com isto porque não gosta de olhar para a minha velha mochila esburacada. Só a sua existência ofende-lhe as sensibilidades patricias, por isso acha que te pode usar para me convencer a livrar-me dela. Mas não vou nessa. É uma *L.L. Bean*, raios, e eles oferecem garantia vitalícia. Vou mandá-la de volta para o Maine e eles substituem-na. Ele que fique com a sua mala e a enfie no seu cu de sou-bom-de-mais-para-artigos-nacionais.

Rachel ficou momentaneamente estupefacta.

— Não é propriamente como se o dinheiro lhe fizesse falta. Ele tem pilhas dele.

— Os professores não ganham assim tanto.

— Pois não. Ele herdou-o.

— Da Grace?

— Não, do pai biológico. Há uns anos, um advogado localizou o Gabriel e disse-lhe que o pai tinha morrido e lhe deixara uma data de dinheiro. Nem sequer sei se ele sabia o nome do pai antes disso. Ao princípio, o Gabriel recusou a herança, mas mais tarde mudou de ideias.

— Porquê?

— Não sei. Foi depois da discussão com o Scott. Depois disso, não falei com o Gabriel durante muito tempo. Mas, no que diz respeito ao dinheiro, acho que está a tentar gastá-lo mais depressa do que os juros acumulam. Por isso não penses nisto como um presente do Gabriel... pensa que é só ele a fazer o pai pagar. Ele quer distribuir o dinheiro. E quer que tenhas uma coisa bonita. Foi o que ele me disse.

Julia abanou a cabeça.

— Não posso aceitar. E não me interessa de onde vem nem porquê.

Rachel fez um olhar magoado à amiga.

— Por favor, Julia. O Gabriel tem andado às avessas connosco durante tanto tempo. Finalmente deixou-me voltar a entrar na sua vida. Não me parece que o possa perder agora, depois de tudo... — O rosto de Rachel enrugou-se, e ela pareceu muito aborrecida.

— Desculpa, mas é demasiado. Ele é meu professor... vai ficar em problemas!

Rachel agarrou a mão de Julia.

— E vais dizer-lhe?

— Claro que não.

— Ótimo, porque, supostamente, devias ficar a pensar que era um presente de aniversário adiantado, meu ou da minha mãe. — Os olhos de Rachel aumentaram de tamanho quando percebeu o seu erro. — Oh, céus, Julia, o teu aniversário. Esqueci-me. Desculpa.

Julia cerrou os dentes um pouco.

— Já não o costume celebrar. É muito difícil... Não consigo...

— Tens sabido alguma coisa *dele*?

Julia sentiu-se imediatamente agoniada.

— Só quando está bêbado ou lixado com qualquer coisa. Mas troquei de número de telemóvel quando me mudei para cá, para não me poder ligar.

— Filho da mãe — disse Rachel. — Bem, eu não estava autorizada a dizer-te que a mala foi oferecida pelo Gabriel, mas não te podia mentir. Sei como te magoa quando as pessoas mentem, e não ia fazer-te isso.

As duas amigas trocaram um olhar eloquente. Julia ponderou naquele presente de Gabriel e em todas as suas implicações, ditas e não ditas. Não queria uma prenda dele. Ele rejeitara-a, pura e simplesmente. Conseguiria ficar com aquela mala no seu pequeno buraco de hobbit? Conseguiria usá-la, levá-la para a faculdade, sabendo, o tempo todo, que fora ele que lhe dera? Sabendo que ele a ia olhar com um ar presunçoso, a pensar que lhe fizera alguma espécie de favor? Não o faria por Gabriel. Não o faria por todo o chá da China.

Rachel viu o que Julia se preparava para fazer mesmo antes de as palavras se terem formado ao fundo da sua mente.

— Se não aceites a mala, ele vai saber que alguma coisa correu mal. Vai culpar-me a mim.

Julia amaldiçoou-o em silêncio. *Oh, deuses de todos os pretensiosos e emproados especialistas de Dante, manda-lhe uma urticária no seu il pene. Por favor. Qualquer coisa com muita comichão.*

Mas, por Rachel, Julia faria qualquer coisa.

— Está bem. Faço isto por ti. Mas podes fazer o favor de dizer ao Gabriel para não me comprar mais coisas? Começo a sentir-me como um daqueles miúdos da caixa da UNICEF na noite das Bruxas.

Rachel anuiu e sorriu para a amiga, e depois mordeu um chocolate. Lambeu o cacau dos lábios e fechou os olhos. Era bom.

Julia abraçou a mala contra o peito, como um escudo, e inalou o maravilhoso perfume da pele. *O Gabriel quis dar-me um presente. Deve sentir alguma coisa por mim, mesmo que seja só pena. E agora tenho uma coisa dele para além da fotografia... uma coisa que será minha para sempre.*

Esperou um momento antes de mudar delicadamente de assunto.

— Podes contar-me o que se passou no funeral? Enviei um cartão com umas flores e o Gabriel viu-as, mas não fazia ideia da razão por que as tinha mandado.

— Ouvi falar do assunto. Vi as gardénias, e o Scott disse que as tinha mandado, mas o cartão desapareceu antes de eu ter tempo de o explicar ao Gabriel. Eu estava desfeita. Os meus irmãos não paravam de discutir e eu tentava mantê-los afastados antes que alguém atravessasse uma janela. Ou uma mesa de café.

Julia pensou em vidro partido e sangue numa tapete branca, e arrepiou-se.

— Porque é que estão sempre a discutir?

Rachel suspirou.

— Não costumava ser assim. O Gabriel mudou quando foi para Harvard... — A voz dela desvaneceu-se misteriosamente.

Julia não se sentiu à vontade para insistir, por isso ficou em silêncio.

— Como sabes, o Gabriel não voltou a casa durante anos, depois da sua briga com o Scott, e quando voltou, só ficou uns dias. Insistiu em dormir num hotel e isso partiu o coração da mãe. O Scott não deixa que o Gabriel se esqueça disso... de todas as coisas que fez a minha mãe passar. — Rachel mastigou outra trufa, pensativa.

— O Scott admirava o Gabriel. Ficou muito magoado quando as coisas ficaram feias. Agora mal se falam, e quando falam... — Rachel estremeceu. — Não sei o que teria feito se não fosse o Aaron. Provavelmente teria fugido de casa, para nunca mais voltar.

— Até uma família disfuncional é melhor do que não ter qualquer família — disse Julia suavemente.

Rachel pareceu triste.

— Bem, é isso que somos agora. Éramos os Clarks... agora somos uma família disfuncional. Uma mãe morta, um pai despedaçado pela dor, uma ovelha negra de mau génio e um irmão cabeça dura chamado Scott. Suponho que sou a única que escapa.

— O Scott tem namorada?

— Andava com uma colega, mas acabaram mesmo antes de a mãe adoecer.

— Que pena.

Rachel suspirou.

— A minha família é como um romance de Dickens, Julia. Não, é pior. É uma mistura de Arthur Miller e John Steinbeck, com um pouco de Dostoiévski e Tolstói pelo meio.

— É assim tão má?

— Sim, porque tenho a sensação de que há também uns elementos de Thomas Hardy escondidos debaixo da superfície. E sabes como o detesto.

Julia pensou nisso e esperou, a bem da amiga, que o romance que se aproximava da experiência de Rachel Clark fosse mais o *Mayor de Casterbridge* do que *Tess D'Urbervilles* ou, Deus a livrasse, *Judas, O Obscuro*.

(Infelizmente, Julia não parou para considerar qual dos romances de Hardy melhor descrevia as suas próprias experiências...)

— Quando a mamã morreu, ficou tudo em rebuliço. O pai anda a falar de se reformar e vender a casa. Quer mudar-se para Filadélfia para ficar mais perto de mim e do Scott. Quando perguntou ao Gabriel se se importava que vendesse a casa, o Gabriel passou-se e fugiu para o bosque. Não o vimos durante horas.

Julia inalou bruscamente e começou a remexer na mala.

Rachel estava demasiado ocupada a pousar a chávena de chá na mesa articulada e a dirigir-se à casa de banho para reparar, mas alguma coisa nas suas palavras tinha perturbado Julia profundamente. Quando Rachel regressou, Julia já fizera um esforço para se acalmar e estava a juntar água quente ao bule de chá.

Rachel observou a amiga com um olhar preocupado.

— O que foi que o Gabriel disse que te incomodou tanto, quando estavam a dançar? E, a propósito, o meu espanhol está enferrujado, mas o *Besame Mucho* é uma canção bem escaldante! Ouviste sequer a letra?

Julia concentrou a sua atenção no chá e esforçou-se ao máximo para não hiperventilar. Sabia que ia ter de mentir a Rachel, e não era uma decisão que conseguia tomar com ligeireza.

— Só falámos do facto de ele saber que sou virgem.

— Filho da mãe! Por que raio é que ele faz coisas dessas? — Rachel abanou a cabeça. — Espera só, vai levar comigo em cima. Ele tem umas fotografias no quarto e eu vou...

— Não te preocupes. É verdade. Não vale a pena tentar escondê-lo. — Mordeu o lábio. — Só não consigo perceber como é que ele soube. Não é propriamente como se eu fosse abordar o assunto numa conversa formal: *Boa-tarde, professor Emerson. Sou a menina Mitchell e sou uma virgem de Selinsgrove, na Pensilvânia. Prazer em conhecê-lo.*

Rachel fez um aceno com a mão, a relativizar o assunto.

— Pensa no seguinte. Ele nunca teve propriamente falta de companhia feminina. Tenho a certeza que tu lhe pareces diferente; provavelmente éramos as únicas raparigas na discoteca que não estavam com o cio.

Julia pareceu enojada, e com razão, mas não comentou.

— Quando saíste da pista de dança, parecia teres visto um fantasma. Como imagino que deves ter ficado na noite em que viste o Si...

— Por favor, Rachel. Não. Não consigo falar sobre essa noite. Nem sequer consigo pensar nela.

— Era capaz de lhe passar por cima com o carro, depois do que ele te fez. Ainda é possível que o faça. Ele está em Filadélfia? Dá-me a morada.

— Por favor — rogou Julia, fechando os braços no peito num gesto de proteção.

Rachel enlaçou a amiga num caloroso abraço.

— Não te preocupes. Um dia vais ser feliz. Vais apaixonar-te por um rapaz lindo, e ele vai amar-te tanto que há de doer. E vais casar, e ter uma menina, e viver feliz para sempre. Na Nova Inglaterra, acho eu. Pelo menos, é a história que escreveria para ti, se pudesse.

— Espero que a tua história se torne realidade. Gostaria de acreditar que uma coisa dessas é possível, mesmo para mim. Se não, não sei...

Rachel sorriu.

— Tu, mais do que qualquer pessoa, mereces um final feliz. Apesar de tudo o que te aconteceu, não és uma pessoa amarga. Não és fria. Só te encolheste um pouco, e és tímida, mas tudo bem. Se eu fosse uma fada madrinha, concedia-te o desejo do teu coração num instante. E limpava-te as lágrimas e dizia-te para não chorares. Quem me dera que o Gabriel tivesse tirado uma página do teu livro, menina Julia. Teria aprendido uma ou duas coisas acerca de como se lidar com um desgosto de coração.

Rachel soltou a amiga, olhando-a de perto antes de voltar a falar.

— Eu sei que é pedir muito, mas olhas pelo Gabriel?

Julia debruçou-se propositadamente sobre o bule, enchendo novamente as chávenas para Rachel não poder ver o seu rosto.

— O Gabriel não tem nada senão desdém por mim. Só me tolera por tua causa.

— Isso não é verdade. Acredita em mim, não é verdade. Eu vi como ele olha para ti. Pode ser... frio. Mas, para além dos pais biológicos, não me parece que alguma vez tenha odiado outra pessoa que não a si mesmo. Nem sequer o Scott, durante a pior briga que tiveram.

Julia encolheu os ombros.

— Não há nada que eu possa fazer.

— Não te estou a pedir que faças nada, na verdade. Só que fiques de olhos abertos. Se o vires... a comportar-se de maneira estranha, ou se o vires em problemas, quero que me liguês. De dia ou de noite.

Julia tinha uma expressão incrédula no rosto.

— Estou a falar a sério, Julia. Com a mãe morta, tenho medo que a sua escuridão retorne. E não o posso perder outra vez. Por vezes sinto que ele está parado na berma de um penhasco muito alto e que um pequeno movi-

mento, o mais pequeno sopro de vento, o vai empurrar para o abismo. Não posso deixar que isso aconteça.

As sobranceiras de Julia uniram-se, e ela anuiu.

— Faço o que puder.

Rachel fechou os olhos e suspirou.

— Sinto-me muito melhor por saber que estás por perto. Podes ser o seu anjo da guarda. — Riu-se suavemente. — Talvez um pouco da tua boa sorte o contagie.

— Não tenho senão azar, e tu, acima de qualquer outra pessoa, devias sabê-lo.

— Conheceste o Paul. Ele parece simpático.

Julia sorriu.

Rachel ficou contente com o sorriso da amiga.

— O Paul não me parece ser pessoa para se importar que sejas... tu sabes. Não que isso tenha alguma coisa de mal.

Julia riu-se.

— Podes dizer, Rachel... não é um palavrão. E, não, não me parece que o Paul se importe que eu seja virgem. Mas não falamos dessas coisas.

Pouco depois, Rachel despediu-se de Julia com um abraço e meteu-se num táxi para poder regressar ao apartamento do irmão.

— Quando acabar finalmente de resolver a monumental pilha de assuntos que tenho na minha frente, vou planear um casamento. E espero que sejas minha dama de honor.

Julia sentiu as lágrimas assomarem-lhe aos olhos.

— Claro. Só tens de dizer a data. E ajudo-te a fazer os planos, também, se precisares de ajuda.

Rachel soprou-lhe um beijo pela janela aberta.

— Tinha algum receio de fazer esta viagem, mas estou muito feliz por ter vindo. Pelo menos, duas peças quebradas da minha vida estão a voltar a reunir-se. E se o Gabriel te vier com merdas, qualquer tipo de merdas, telefona-me, que eu meto-me num avião!

Com a partida de Rachel, Julia e Gabriel foram obrigados a separar-se da sua Santa Lúcia. Mas, à verdadeira maneira de um santo, ela cumprira todas as suas tarefas antes de regressar a casa, e plantara sementes que em breve germinariam, de formas inesperadas.

Capítulo Onze

Ao final da tarde de terça-feira, Julia e Paul estavam sentados no Starbucks de Bloor Street a beberem os seus respetivos cafés, instalados num banco de veludo cor de púrpura e a conversar. Estavam sentados juntos, mas não demasiado. Suficientemente perto para Paul poder admirar a beleza dela, suficientemente distantes para Julia poder observar os olhos dele, grandes e bondosos, sem se sentir demasiado nervosa. Ou acoçada.

— Gostas de Nine Inch Nails? — perguntou ela, a segurar o café entre as duas mãos.

Paul foi apanhado de surpresa pela pergunta.

— Eeh, não. Não, não gosto. — Encolheu os ombros. — O Trent Reznor põe-me a cabeça a andar à roda. A não ser que esteja a cantar o *backup* para a Tori Amos. Porquê, tu gostas?

Julia arrepiou-se.

— Absolutamente nada.

Ele retirou um CD do seu saco e passou-lho.

— Gosto deste tipo de música. É a música que acompanha a escrita da minha dissertação.

— Hem — leu ela, a virar a caixa na mão. — Nunca ouvi.

— Têm uma canção de que acho que vais gostar. Chama-se *Half Acre*. Costumavam tocar num anúncio de seguros na televisão, por isso já deves ter ouvido antes. É lindo. E ninguém grita contigo, nem berra, nem te diz que te quer fo... — Paul parou de súbito e corou. Estava a tentar fortemente ter cuidado com a linguagem quando se encontrava perto dela, mas apenas com um sucesso marginal.

Julia tentou devolver-lhe o CD, mas ele recusou.

— Comprei-o para ti. *Rabbit Songs* para a Coelhoinha.

— Obrigada, mas não posso.
Ele pareceu ofendido. É magoado.
— Porque não?
— Não posso. Mas obrigada na mesma.
Paul baixou o olhar para a mala nova de Julia, que estava pousada aos seus pés. Olhou-a de lado.
— Aceitaste uma bela mala de alguém. Um presente de Natal adiantado de um namorado?
— Eu não tenho namorado — admitiu ela, pouco à vontade. — A mãe da minha melhor amiga quis que eu ficasse com a mala. Ela faleceu recentemente.
— Desculpa, Coelha. Não sabia.
Paul deu uma palmadinha na mão de Julia, colocando o CD no assento entre eles. Reparou que ela não recuava. De facto, ela procurou na sua mala até encontrar o CD do professor Emerson e devolveu-o a Paul com a outra mão, enquanto o deixava segurar-lhe os dedos entre os dele.
— O que é que posso fazer para te convencer a aceitar o meu presente?
— Paul escondeu o rosto do dela enquanto arrumava o Mozart de Emerson no seu saco.
— Nada. Tenho recebido demasiados presentes, nos últimos tempos. Estou de reservas cheias.
Paul endireitou-se e sorriu.
— Então, deixa-me tentar convencer-te. Tens umas mãos tão pequenas. Mais pequenas que as da chuva. — Moveu as mãos de ambos juntas, para a frente e para trás, erguendo a dela à luz de halogéneo. Parecia diminuta, encaixada na dele.
Julia olhou-o com curiosidade.
— Isso é bonito. Acabaste de inventar?
Paul recostou a cabeça para trás no banco, apertou-lhe mais a mão e começou a percorrer-lhe a linha da vida com o polegar, como se tentasse ler-lhe a palma com as pontas dos dedos.
— Não. Estou a parafrasear de *somewhere I have never travelled*, de E.E. Cummings. Nunca ouviste?
— Não, mas gostaria. — Julia parecia de súbito muito tímida.
— Então vou ter de to ler, um dia. — Paul olhou para os seus olhos escuros com um sorriso esperançoso.
— Eu gostaria.
— Não é Dante, mas é lindo. — O seu polegar encontrou-lhe o centro da linha da vida e pressionou-o muito ligeiramente. — O poema faz-me lembrar de ti. Tu estás onde eu nunca viajei: a tua fragilidade e as tuas mãos tão, tão pequenas.

Julia inclinou-se para a frente para esconder o seu súbito rubor e bebeu um pouco de café. Mas permitiu-lhe que continuasse a acariciar-lhe a palma da mão, docemente. O movimento de levar o café aos lábios fez com que a sua velha camisola púrpura lhe descaísse do ombro como que numa provocação, revelando uns centímetros de uma alça de sutiã de algodão branco e uma curva arredondada de pele de alabastro.

Paul soltou a mão de imediato e puxou-lhe gentilmente a camisola para cima para cobrir a alça de aspeto inocente, desviando os olhos ao fazê-lo e pressionando a mão no seu ombro para fixar a camisola.

— Pronto — disse ele suavemente. — Assim está melhor. — Depois recuou rapidamente para não exagerar no gesto e fechou outra vez os dedos hesitantes sobre os dela, com medo de a ver retirá-los a qualquer momento.

Julia ficou sem respirar enquanto observava o que ele fazia, como se ocorresse em câmara lenta. Alguma coisa naquele movimento tocara-a profundamente. Era um ato íntimo, mas muito casto; ele *cobri-la-a*. Cobri-la-a mais pequena, mais inocente parte de si, protegera-a de olhos indiscretos e possivelmente lúbricos, e, ao fazê-lo, telegrafara o seu cuidado e o seu respeito. Virgil estava a honrá-la.

Naquele único ato, aquele único ato galante e cavalheiresco, Paul abriu caminho para o seu coração. Não o caminho todo, mas até ao Vestíbulo, por assim dizer. Se o movimento representava o conteúdo da sua alma, então Julia acreditava que ele não se importaria com o facto de ela ser virgem, e que, ao sabê-lo, a sua aceitação cobri-la-ia gentilmente.

Paul não a ridicularizaria, não a denunciaria. Guardaria todos os seus segredos apenas entre os dois. Não a trataria como um animal a ser fodido e violado. Não desejaria partilhá-la.

Por isso, ela fez uma coisa impetuosa — inclinou-se para a frente e beijou-o, mas tímida e castamente. O seu sangue não acelerou, não houve qualquer gemido, nenhuma explosão de fogo pela sua pele. Os lábios de Paul eram macios, e ele respondeu com hesitação. Julia sentiu a sua surpresa na rápida tensão do seu queixo. Ele ficou tenso entre os lábios dela, sem dúvida em choque com a sua ousadia. Teve pena disso.

Teve pena que os seus lábios não fossem os de Gabriel. E que o beijo não fosse como os dele.

Em quase meio segundo, foi invadida por uma grande onda de tristeza, enquanto se amaldiçoava por ter provado há tanto tempo algo que nunca mais poderia voltar a ter. Pois ao provar aquela primeira vez, ficara absolutamente arruinada. O provar da maçã era o conhecimento em si, e agora sabia-o.

Julia recuou antes de Paul ter oportunidade de a rejeitar, enquanto se perguntava como conseguira ser tão atrevida. Enquanto se perguntava o

que pensaria ele dela agora. *Acabei de dar um beijo de despedida ao meu único amigo em Toronto*, pensou. *Raios*.

— Coelhoinha. — Paul fez-lhe um olhar terno e ergueu de imediato as pontas dos dedos para lhe acariciar a face. O seu toque não era elétrico, mas era leve e tranquilizador. Até a sua pele era bondosa.

Pôs os braços em volta dela e puxou-a contra o peito para lhe poder acariciar o cabelo e sussurrar-lhe qualquer coisa doce ao ouvido... algo que a tranquilizasse... algo que removesse a mistura de confusão e dor que lhe lera no rosto. Os seus murmúrios suaves foram interrompidos pela chegada de uma grande harpia alada, de saltos de dez centímetros e batom carmin com dois copos de papel na mão.

— Oh, não é tão querido? — Uma voz, fria e de aço, interrompeu o suave momento do par, e Julia levantou a cabeça para deparar com os duros olhos castanhos de Christa Peterson.

Julia endireitou-se rapidamente e tentou desviar-se de Paul, mas ele segurou-a logo.

— Christa — cumprimentou, com indiferença.

— A confraternizar com os alunos de mestrado, Paul? Que democrático da tua parte — disse ela, a ignorar ostensivamente Julia.

— Cuidado, Christa. — O tom dele continha uma nota de aviso. — Dois cafés, hoje? Isso é um bocado exagerado. Vais fazer uma direta? — Apontou os copos que ela levava, um em cada mão.

— Nem fazes ideia — ronronou ela. — Um é para mim e o outro para o Gabriel, claro. Oh, desculpa, não tinha visto que estavas aí, Julianne. Suponho que para ti ele ainda seja *professor Emerson*. — Christa riu-se como uma galinha velha.

Julia ergueu uma sobrancelha, mas resistiu à vontade de esclarecer Christa ou de lhe arrancar o sorriso presunçoso da cara com uma bofetada. Porque Julia era uma senhora. E gostava da sensação do braço de Paul em volta dos seus ombros e não estava disposta a mover-se. Por enquanto.

— Nunca lhe chamaste *Gabriel* na cara, Christa. Desafio-te a fazê-lo na próxima vez que o vires.

Os olhos de Christa endureceram, e ela olhou para Paul com um ar carrancudo. Depois sorriu.

— *Tu desafia-me?* Que engraçado. Isso é uma coisa do Vermont? Uma coisa que os lavradores dizem uns aos outros enquanto amontoam estrume? Depois da minha reunião com o Gabriel, provavelmente vamos diretamente para o Lobby beber uns copos. Ele gosta de lá ir depois do trabalho. Tenho a certeza que vamos trocar mais do que, eeh... *nomes*, esta noite. — A língua dela apareceu-lhe entre os lábios e ela começou a lambe-la a curva de um langorosamente.

Julia hiperventilava.

— Ele vai levar-te ao Lobby? — Paul parecia cético.

— Vai. Oh, se vai.

Julia engasgou-se e voltou a engolir em silêncio o conteúdo do seu estômago. Pois a ideia de Gabriel com aquela... vadia era nauseante ao máximo. Até a empregada do Lobby seria melhor para ele do que Christa.

— Não fazes o seu tipo — balbuciou Julia.

— Perdão?

Julia olhou para os olhos semicerrados e desconfiados da colega e pescou as suas opções por uma fração de segundo. Depois decidiu que a cautela era o melhor caminho.

— Eu disse... *não é assim tão fixe*.

— O quê?

— O Lobby. Não é assim tão bom.

Christa dardejou Julia com um sorriso enregelado.

— Como se o porteiro te deixasse entrar. O Lobby é um clube exclusivo.

Olhou para Julia de alto a baixo como se ela fosse um animal de segunda categoria. Como se fosse um velho pônei meio cego e esquecido numa quinta pedagógica. Julia sentiu-se de súbito muito envergonhada e feia. As lágrimas formigaram nos seus olhos, mas conseguiu contê-las corajosamente.

Paul reparou exatamente no que Peterson estava a fazer, ao tirar as medidas a Julia e considerá-la inferior. Sentiu-a estremecer em reação às felinas garras afiadas de Christa. Por isso, embora lhe doesse fazê-lo, libertou os ombros de Julia e inclinou-se para a frente no banco, de braços fletidos.

Não me faças levantar, cabra, pensou.

— Porque é que não haviam de deixar a Julia entrar, Christa? Agora só admitem mulheres da vida?

Christa ficou muito vermelha.

— E tu é que havias de saber, Paul? És praticamente um monge! Ou então talvez seja isso que os monges fazem... pagam. — Lançou um olhar expressivo à preciosa mala nova de Julia.

— Christa, vais calar essa boca neste momento, ou eu tenho de me levantar. E depois toda a educação vai sair pela janela. — Paul olhou-a furioso e lembrou-se mudamente a si mesmo que não podia bater numa mulher. E que Christa era, de facto, uma mulher, e não uma porca anorética com o cio. Paul nunca teria comparado Christa com uma vaca, pois considerava as vacas criaturas nobres. (Especialmente as Holsteins.)

— Não precisas de ficar assim — retorquiou ela. — De certeza que há múltiplas explicações. Talvez o Lobby não a deixe entrar por causa do seu QI. O Gabriel disse-me que não és assim tão esperta, Julianne.

Christa sorriu com um ar triunfante enquanto Julia baixava a cabeça, a sentir-se efetivamente muito pequena. Paul transferiu todo o seu peso para as solas dos pés. Não ia bater em Christa. Ia simplesmente fazê-la calar. E talvez arrastá-la para a saída, ou coisa do género.

Não precisava de se ter incomodado.

— Ah, a sério? E que mais disse *o Gabriel*?

Os três estudantes voltaram-se lentamente *en masse* para depararem com os olhos azuis do especialista em Dante que se aproximara sem fazer ruído. Nenhum deles sabia exatamente quanto teria ele ouvido ou há quanto tempo ali estava. Mas os seus olhos lançavam faíscas, e Julia sentiu a sua fúria irradiar na direção de Christa. Inchava como uma nuvem. Mas, felizmente, não inchava na sua direção. Daquela vez.

Pela comichão que tenho nos meus dedos, alguma coisa má aí vem, pensou Paul.

— Paul — cumprimentou Gabriel friamente com um aceno de cabeça, os olhos a dardejar para o espaço agora visível entre Julianne e o seu assistente de investigação. *O Fornicador-de-Anjos. Isso mesmo: tira as patas, idiota.*

— Menina Mitchell, prazer em vê-la de novo. — Gabriel sorriu, algo rigidamente. — Está com um ar *esperto*, como sempre.

Sim, anjo de olhos castanhos, ouvi o que ela lhe disse. Não se preocupe, vou tratar dela.

— Menina Peterson. — A voz de Gabriel era agora gelada, e fez-lhe sinal que o seguisse como se fosse um cão. *Olhaste para a Julianne como se fosse lixo. Não vais voltar a fazê-lo. Eu garanto-te.*

Julia viu quando ele recusou o café que Christa lhe comprara e se dirigiu ao balcão para pedir outra coisa qualquer. Viu os ombros de Christa tremerem de raiva.

Paul virou-se para Julia e suspirou.

— Pronto, onde é que nós íamos?

Ela inalou profundamente e levou um minuto a concentrar-se antes de fazer o que sabia que precisava de fazer.

— Não te devia ter beijado. Lamento. — Baixou o olhar para a sua mala, a sentir-se muito desconfortável.

— Eu não lamento. Só lamento que o lamentos. — Paul aproximou a cara da dela e sorriu. — Mas tudo bem. Não estou zangado, nem nada.

— Não sei o que aconteceu. Não costumo ser assim... beijar uma pessoa sem mais nem menos.

— Eu não sou uma pessoa qualquer, pois não? — Olhou-a com um ar inquisidor. — Há muito tempo que tenho vontade de te beijar. Desde aquele primeiro seminário, acho eu. Mas isso teria sido demasiado cedo.

Tentou persuadi-la a virar-se para ele, mas Julia desviou o olhar. Olhou para outra mesa e viu os seus dois ocupantes a discutir. Suspirou.

— Julia, o beijo não tem de mudar nada. Pensa nele como um momento entre amigos. Não tem de voltar a acontecer, a não ser que tu o queiras. — Estudou-lhe o rosto, preocupado. — Isso melhoraria as coisas? Se deixássemos tudo como está?

Ela anuiu e remexeu-se no assento, pouco à vontade.

— Desculpa, Paul. Tens sido sempre simpático comigo.

— Não me debes nada. Não estou aqui à espera de uma recompensa. Sou simpático contigo porque quero. Foi por isso que te comprei o CD. É por isso que o poema me lembra de ti. Tu inspiras-me. — Aproximou-se mais para poder sussurrar-lhe ao ouvido, intensamente consciente do facto de dois zangados olhos de safira estarem agora de súbito focados nele. — Por favor, não te sintas obrigada a fazer qualquer coisa que não queiras. Vou ser teu amigo, independentemente do que aconteça. — Fez uma pausa. — Foi só um pequeno beijo amigável, em vez de um abraço. Mas, a partir de agora, podemos limitar-nos a abraços, se quiseres. E, um dia, se quiseres mais...

— Não estou preparada — sussurrou ela, de certo modo surpreendida por ter encontrado palavras honestas para dizer e as ter encontrado tão depressa.

— Eu sei. Foi por isso que não retribuí muito o beijo, embora o quisesse fazer. Mas foi muito bom. Obrigado. Eu sei que és cuidadosa quanto a quem deixas aproximar-se de ti. Sinto-me honrado por me teres beijado.

Deu-lhe uma palmadinha na mão e sorriu novamente. Ela abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas ele falou primeiro.

— Era capaz de partir o pescoço à Christa pelo que ela te disse. Nem me vou dar ao trabalho de lhe falar, da próxima vez. — Os olhos dele dardejaram para a mesa d'O Professor, onde reparou, com algum alívio, que os zangados olhos de safira estavam agora fixos em Christa, de cabeça baixa e perto das lágrimas.

Julia encolheu os ombros.

— Não me importo.

— Eu importo-me. Eu vi como ela olhou para ti. E senti a tua reação: tu encolheste-te. Bolas, encolheste-te, Julia. Porque é que não a mandaste para o inferno?

— Não faço coisas dessas, se o puder evitar. Tento não me rebaixar ao seu nível. Às vezes, sinto-me tão... tão surpreendida por alguém ser tão mau para mim que nem consigo pensar. Não consigo falar.

— As pessoas são... más para ti? — Paul começava a ficar zangado.

— Às vezes.

— O Emerson? — murmurou.

— Está a melhorar. Viste-o agora mesmo... foi simpático.

Paul anuiu relutantemente. *Professor Imb-erson.*

Julia contorcia as mãos.

— Eu não quero armar-me em... São Francisco de Assis, ou coisa do género, mas qualquer pessoa consegue gritar obscenidades. Porque é que eu havia de ser como ela? Porque não pensar que, por vezes, apenas por vezes, se pode superar o mal com o silêncio? E deixar que as pessoas ouçam o seu ódio com os próprios ouvidos, sem distração. Talvez a bondade seja suficiente para expor o mal pelo que realmente é. Em vez de tentar deter o mal com mais mal. Não que eu seja boa. Não julgo que seja boa. — Fez uma pausa e olhou para Paul. — Não faz sentido, o que estou a dizer.

Ele sorriu, simplesmente.

— Claro que faz sentido. Falámos disto no meu seminário sobre Aquino... o mal é o seu próprio castigo. Olha para a Christa. Achas que ela é feliz? Como é que o pode ser, com um comportamento daqueles? Algumas pessoas são tão egocêntricas e iludidas que nem todos os gritos do mundo são suficientes para as convencer das suas próprias deficiências.

— Ou para lhes espicaçar a memória — balbuciou Julia, a olhar para a outra mesa e a abanar a cabeça.

No dia seguinte, deu por si no Departamento de Estudos Italianos a ver a sua caixa de correio antes do seminário sobre Dante. Estava a ouvir o CD que Paul lhe dera, que concordara finalmente em aceitar e carregara no seu *iPod*. Ele tinha razão; apaixonara-se pelo álbum de imediato. E descobrira que conseguia escrever a sua proposta de tese enquanto escutava aquela música, muito melhor do que a ouvir Mozart. A *Lacrimosa* era demasiado deprimente.

Depois de passar dias sem ter nada na sua caixa, recebera finalmente algum correio. Três artigos, na verdade.

O primeiro era um anúncio da nova data da conferência do professor Emerson, *Luxúria no Inferno de Dante: O Pecado Mortal contra o Eu*. Julia tomou nota da data e planeou pedir a Paul para a acompanhar à conferência.

O segundo artigo de correio era um pequeno envelope cor de creme. Julia abriu-o e ficou surpreendida ao descobrir que continha um talão de presente do Starbucks. Viu que tinha sido personalizado e que a imagem no cartão era uma enorme lâmpada. O texto gravado em baixo dizia: *É muito inteligente, Julianne.*

Julia olhou para a parte de trás do cartão e viu que o valor era de cem dólares. *Caramba*, pensou. *Isso é muito café*. Era óbvio quem lho enviara e porquê. No entanto, ficou muito, muito surpreendida. Até retirar o terceiro artigo no correio.

O terceiro artigo era um longo envelope elegante, que ela abriu rapidamente. Vinha do diretor do Departamento de Estudos Italianos e congratulava-a pela bolsa recebida. Não leu mais do que a quantia, que era de cinco mil dólares por semestre, pagáveis acima do seu estipêndio de estudante regular.

Oh, deuses dos estudantes de mestrado mesmo muito pobres com pequeníssimos apartamentos-buraco-de-hobbit-não-dignos-de-um-cão, obrigada, obrigada, obrigada!

— Julianne, sente-se bem? — A voz da Sr.^a Jenkins, reconfortante e amável, pairou sobre o seu corpo chocado.

Cambaleou até à secretária da Sr.^a Jenkins e entregou-lhe mudamente a carta do prémio.

— Ah, sim, ouvi falar disto. — Sorriu-lhe amavelmente. — É fantástico, não é? Estas bolsas são raras e muito espaçadas, e de repente, na segunda-feira de manhã, recebemos uma chamada a dizer que uma fundação qualquer tinha doado milhares de dólares para este prémio.

Julia anuiu, ainda em choque.

A Sr.^a Jenkins olhou de relance para a carta.

— Quem será ele?

— Ele quem?

— A pessoa que instituiu a bolsa.

— Não li até aí.

A Sr.^a Jenkins ergueu a carta e apontou um bloco impresso a negrito.

— Diz aqui que a Julianne é a vencedora da Bolsa M. P. Emerson. Estava só a pensar quem seria esse M. P. Emerson. Será que é parente do professor Emerson? Mas Emerson é um nome muito vulgar. Provavelmente é apenas uma coincidência.